

ABCZ

A Revista Brasileira do Zebu e seus Cruzamentos

ANO 1 - Nº 1 Setembro-Outubro/2001

Impresso especial
Contrato 7317234301
ECT DR/MG-ABCZ

Envelopamento autorizado.
Pode ser aberto pela ECT.



O avanço do zebu leiteiro no Brasil

Uréia Pecuária Petrobras. É barata e funciona que é uma beleza. Tem tudo que seu gado precisa para continuar engordando mesmo na seca. É a forma mais econômica de suplementação mineral depois do pasto. Dê Uréia Pecuária Petrobras para a sua boiada, seguindo orientações técnicas de um especialista. Você engorda seu gado sem emagrecer o seu bolso.

SAC: 0800-789001 – Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados: (71) 642-4260.



DPZ

**Com Uréia Pecuária Petrobras
seu gado está sempre com o peso ideal.**



TRONCO BECKHAUSER 2000

FORTE COMO UM TOURO, ÁGIL COMO UM GARROTE.



VEJA ALGUMAS DAS MUITAS QUALIDADES DO TRONCO BECKHAUSER 2000



PESCOCEIRA e vazeira, com movimentos paralelos, dotadas de pistões autotravantes **Hidra-lock®**.



PISTÕES autotravantes **Hidra-lock®** fazem a contenção perfeita, ágil e segura do animal de qualquer porte ou idade.



BALANÇA TRU-TEST acoplada ao tronco, dá maior rapidez ao manejo e precisão na pesagem do animal. Evita desperdício de medicamentos e ainda economiza espaço no curral.



PROTETOR DE COICE, acessório importante para que o técnico possa realizar com segurança e tranquilidade todos os serviços.

O Tronco Beckhauser 2000 é fabricado em madeira Cumaru fixada em chassi de aço para receber as Barras HD ou MP 800 e acoplar, assim, a balança eletrônica. Tudo isso o torna forte como um touro e ágil como um garrote.



Beckhauser

www.beckhauser.com.br
e-mail: tronco@beckhauser.com.br

DDG 0800-44 9002

Av. Dep. Heitor Alencar Furtado, 2985
Paranavaí - PR - CEP 87 711-000



* José Olavo Borges Mendes

Qualidade e qualidade

A palavra de ordem que pronunciamos, desde a nossa fala na posse, dia 29 de agosto, foi: qualidade. Na primeira reunião da Diretoria, no dia seguinte, também enfatizamos essa palavra porque temos a certeza de que ela vai dar norte às principais ações das atividades do agribusiness mundial.

Crise aguda

O maior desafio da nossa pecuária será o de garantir a qualidade do produto que vamos oferecer para os mercados brasileiro e internacional.

Quando assumi pela primeira vez a presidência da ABCZ, em agosto de 1995, a pecuária brasileira passava por uma de suas piores crises. O pecuarista descapitalizado, era obrigado a abrir mão de matrizes do rebanho, para pagar as contas, comer, vestir-se e manter os filhos na escola e com saúde.

Poder de superação

O grande desafio de então era superar a crise. E o pecuarista brasileiro, acostumado a enfrentar situações adversas, soube vencer uma grande barreira. Melhor ainda, soube preparar-se para dar à pecuária os seus melhores dias, nos anos que se seguem até hoje.

Períodos diferentes

Agora, ao assumir, pela segunda vez a ABCZ, temos uma situação mais favorável do que aquela de 1998, mas com um desafio mai-

or do que o que mencionei. Começamos o século 21 com um conceito positivo, no quesito "sanidade do rebanho". O país recebeu um certificado internacional que o coloca na classificação de risco mínimo de contaminação de "vaca lou-

A maior prova que podemos dar sobre a segurança do alimento é garantir sua qualidade

ca". E conseguimos transformar em área livre de aftosa (com ou sem vacinação) os criatórios de 80% do rebanho bovino.

Desafio maior

Apesar da boa situação, ainda não podemos comemorar a conquista dos maiores mercados consumidores de carne. Falta-nos não apenas divulgar que temos o melhor produto. É preciso, antes de tudo, saber comprovar aquilo que já sabemos, mas que o mundo vai

exigir como condição fundamental para comprar e consumir nossa carne e nosso leite.

Prova de qualidade

A prova de que podemos produzir um alimento seguro para o mundo somente será dada quando conseguirmos estabelecer patamares sólidos de qualidade para a carne e o leite, que são os produtos que melhor sabemos oferecer.

Para nós, uma campanha de marketing no exterior só terá pleno sucesso e só vai atingir seus objetivos se soubermos dar esta prova dos nove. E este será o trabalho da ABCZ em nossa gestão.

Grande ferramenta

Para garantir e comprovar a segurança do alimento que produzimos, é preciso implantar, o mais rápido possível, um programa nacional de rastreabilidade. A ABCZ possui uma grande ferramenta para iniciar esse processo: o registro genealógico, a carteira de identidade do boi.

Parcerias

Sabemos que um programa nacional de rastreabilidade deve ser executado através de parcerias. Por esta razão, já estamos fazendo contatos com entidades que representam a pecuária brasileira. O objetivo é estar unidos na busca desse objetivo comum.

* José Olavo Borges Mendes, pecuarista, é presidente da ABCZ para o triênio 2001-2004.

11° JÓIA DA Índia

Carlos Novaes Guimarães e Convidados
20 OUTUBRO 2001 - Sábado 10h
Central Jóia da Índia - Campo Grande - MS



Badan

60 machos e fêmeas Nelore PO e POI

PARTICIPANTES: Agropecuária J. Galera • Aloísio Lessa Coelho • Antônio Carlos Correia Lima • Antônio Paulo Abate • Carlos Novaes Guimarães • Carlos Seara Muradas • Cláudio Fernando Garcia de Souza • Francisca Campinha Garcia • Gaspar da Cunha Miranda/3 Irmãos Grupo Camargo • Humberto Martins Olegário • Jaguari de Constr. e Comércio • Java Empresa Agrícola S.A. • José Carlos Prata Cunha • José Hipólito Pereira • José Olavo Borges • Luiz Heraldo Padilha • Márcio de Rezende Andrade • Marcos de Rezende Andrade • Milton Luis Pires e Outros • Orestes Prata Tiberly Jr • Oscar M. Leite de Barros • Ricardo Goulart Carvalho • Rubens Catenacci • Sérgio Casali Prandini • Torres Homem Rodrigues da Cunha.

PATROCÍNIO

LEILOEIRO

ORGANIZAÇÃO



Soluções inovadoras para a Pecuária



Telefone (67) 481.1082 / 9981-9735

João Antonio
Gabriel



(43) 328.4200
(11) 3872.0420

Importância do controle leiteiro

A crise do leite, motivada pelos baixos preços, tem prenunciado uma debandada em massa de produtores, em todo o país. O leite é fonte de renda nas fazendas brasileiras. Mas, a maioria delas registra uma média inferior a cem litros de leite nas ordenhas do dia.

A crise do leite saiu, este ano, do campo técnico, para ir parar no campo político, com a interferência do próprio presidente da República, do Congresso e das Assembléias Legislativas.

Em muitos estados, deputados e entidades que representam os produtores trabalharam para a abertura de CPIs do leite. O relatório de algumas comissões apontou, dentre outras pré-conclusões, o início de formação de cartel, o preço abusivo pago por uma embalagem do leite longa vida, que variou de R\$ 0,24 a R\$ 0,26, a pressão da grande indústria, que deliberou à vontade sobre o preço.

Mesmo com os "maus ventos", que apregoam as más notícias sobre o setor, a ABCZ acredita que o leite é um produto nobre que precisa ter produção e produtividade melhoradas. A maior prova é o investimento da entidade no progra-

ma Leite do Zebu, que tem por base o controle leiteiro oficial das raças zebuínas, uma das provas zootécnicas executadas pela entidade.

A revista **ABCZ** traz uma matéria especial sobre o Controle Leiteiro oficial realizado pela entidade. Trata-se do mais completo material sobre a prova, já publicado pela entidade. Um dos destaques é a raça sindi, um dos primeiros zebuínos a entrar no Brasil,

A reportagem só pôde ser realizada por causa da estreita colaboração do superintendente-adjunto de Melhoramento Genético Carlos Henrique Cavallari Machado e da responsável pelo Departamento de Controle Leiteiro, Sandra Figueiredo Borges.

A revista também traz uma entrevista com o presidente José Olavo, que assumiu a entidade em 29 de agosto.

José Olavo dá um perfil de cada novo diretor e traça planos básicos de governo, que incluem investimentos em pesquisas e em parcerias para implantar um programa nacional de qualidade da carne e do leite, através da rastreabilidade do rebanho bovino.

08 Cartas do leitor

Leitores escrevem sobre a revista **ABCZ**

10 Entrevista

O novo presidente da **ABCZ** apresenta planos para a gestão.

16 Especial - leite do zebu

O controle leiteiro realizado pela **ABCZ** é uma das provas zootécnicas que mais cresceram nos últimos anos, conquistando nomes de peso da pecuária leiteira do Brasil.

28 Raças zebuínas

Rebanho de sindi da Paraíba ganha registro da **ABCZ**. Pesquisadores pretendem impulsionar a criação dos animais no país.

66 Mercados

Além do comércio da carne, frigoríficos lucram com a venda de subprodutos do boi como o sebo.

74 Novidade

O bem-estar dos animais

82 Melhoramento

O programa Touros do Futuro começa a afunilar a seleção.

EXPEDIENTE

Órgão oficial de comunicação da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu—ABCZ

Editor: Jorge Zaidan Jr.

Repórter: Marconi Lima

Revisão: Sandra Regina Rosa dos Santos

Departamento Comercial: Andréia Mesquita

Fotos: Maurício Farias, Ricardo Prieto, Sérgio Teixeira, Pitty

Charge e Ilustrações: Peão

Projeto gráfico: Nativa Propaganda e Marketing

Diagramação/Artes Gráficas: José Anchieta (34) 9994-8369

Fotolito: Print (34) 3316-6769. Tiragem: 11.000 exemplares.

ABCZnet: www.abcz.org.br - E-mail: revista.abcz@abcz.org.br

Enviada gratuitamente aos associados da ABCZ - Praça

Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 - Bloco 1 - B. São Bene-

dito - Cx Postal 6001. CEP: 38022-330 - Uberaba (MG)

Tel.: (34) 3319-3900 - Fax: (34) 3319-3838

CONSELHO EDITORIAL

José Olavo Borges Mendes, João Antonio Prata, Arnaldo Prata Filho, Dirceu de Azevedo Borges, Luiz Humberto Carnião, Sérgio Cunha Paiva, Luiz Antonio Josahkian e Randolfo Borges Filho.

DIRETORIA:

Presidente: José Olavo Borges Mendes, 1º Vice-pres.: João Antonio Prata; 2º Vice-pres.: Paulo Ferolla da Silva; 3º Vice-pres.: Jonas Barcelos Corrêa Filho.

DIRETORES:

Antônio Ernesto Wilma de Sávo, Arnaldo Manoel de Souza Machado Borges, Arnaldo Prata Filho, Dirceu Azevedo Borges, João Machado Prata Júnior, José Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carnião, Marco Túlio Andrade Barbosa, Nelson Rafael Pineda Rodrigues, Orestes Prata Tibory Jr., Sílvia Castro Cunha Jr. e William Koury.

SUPERINTENDÊNCIAS:

Gerál: Sérgio Cunha Paiva. Técnica: Luiz Antonio Josahkian. Adm-financeira: José Valtórnio Mio. Informática: Eduardo Luiz Milani. Técnica-adjunta de Melhoramento Genético: Carlos H. Cavallari Machado. Técnica-adjunta de Genealogia: Carlos Humberto Lucas. Técnica-adjunta do Depto. de Jurados das Raças Zebuínas: Moacir Duarte Gomes.

ASSESSORIAS:

Jurídica: Gilberto Martins Vasconcelos; Comercial: Andréia Mesquita; Imprensa: Jorge Zaidan Jr.

IMPRESSÃO: Grande ABC Gráfica (São Bernardo-SP)

Reproduções são permitidas. Pedimos a citação da fonte.



SEMBRA

O MELHOR BRAHMAN V8

7BR516 MR. V8 846/3 Reg. 646851



- Touro com excepcional musculatura.
- Corpulento, forte e largo.
- Pigmentado em todo corpo e adaptabilidade a qualquer clima.
- Produtos precoces e pesados.

ABBA - SIRE SUMMARY / 2000

| Peso ao Nascer | | Peso Desmama | | Peso 1 Ano | | Leite | |
|----------------|------|--------------|------|------------|------|---------|------|
| DEP | ACC | DEP | ACC | DEP | ACC | DEP | ACC |
| 2,21 lb | 0,90 | 23,70 lb | 0,80 | 41,1 lb | 0,70 | 3,80 lb | 0,90 |
| 1,00 kg | 0,90 | 10,77 kg | 0,80 | 18,68 kg | 0,70 | 2,72 kg | 0,90 |

JDH GREGORY R MANSO 386/5

REPUCHO 294

JDH MR. CHARLEY MANSO

LADY BEVO
REPUCHO 609

JDH LDY EQUITO MAN 438/2

MISS BEVO 561

Peso: 1046 kg Circ. Escrotal: 38,5 cm

Facilidade de parto - DEP de peso ao nascer negativo.
Dorso forte e correto.
Produtor de garrotes com crescimento rápido.
Musculoso em toda parte.
Touro com influências espalhadas pelo mundo.

ABBA - SIRE SUMMARY / 2000

| Peso ao Nascer | | Peso Desmama | | Peso 1 Ano | | Leite | |
|----------------|------|--------------|------|------------|------|---------|------|
| DEP | ACC | DEP | ACC | DEP | ACC | DEP | ACC |
| 6,0 lb | 0,41 | 10,40 lb | 0,39 | 20,80 lb | 0,14 | 8,20 lb | 0,25 |
| 2,71 kg | 0,41 | 4,77 kg | 0,39 | 10,60 kg | 0,14 | 3,68 kg | 0,25 |

JDH MR RHA ELY MANSO 615/6

JDH VAN TOGGE MANSO 996

JDH MISS PAUL MANSO

MISS V8 933/2

PH LADY MANSO 820/0

7BR517 MR. V8 817/3 Reg. 646832



Peso: 948 kg Circ. Escrotal: 39,2 cm

SEMBRA

TÉCNICAS E PRODUTOS DE REPRODUÇÃO LTDA.

LOGIA DA REPRODUÇÃO - INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL - TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES

RO NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA Nº SP-00018-3

REPRESENTANTES: ALAGOAS - Maceió: (81) 9978-6326 / (82) 221-6032 - BAHIA - Feira de Santana: (75) 623-1583 - CEARÁ - Fortaleza: (85) 9988-4381 / (85) 279-1903 - ESPÍRITO SANTO - Vitória: (27) 345-6658 - GOIÁS - Goiânia: (62) 291-1519 - (62) 233-6471 / 9971-1881 - Jataí: (62) 9996-5976 / 631-3269 - Parangatu: (62) 367-1818 - 362-1940 - Uruaçu: (62) 9956-9282 / 344-1137 - MATO GROSSO - Cuiabá: (65) 321-1000 / 321-9000 - Juara: (65) 556-1737 - Mirassol D'oeste (65) 9989-3746 / 241-1794 - Várzea Grande (65) 684-7333 - 9982-5606 - MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: (67) 9982-9213 / 721-9988 - (67) 726-8584 / 9981-3321 - Paranaíba: (67) 668-2404 - MINAS GERAIS - Belo Horizonte: (31) 9955-7937 / 3662-6388 - Bom Despacho: (37) 9985-2699 - Carangola (32) 9973-0373 - Divinópolis: (37) 9987-0446 / 3212-6291 - Elói Mendes: (35) 3264-1117 - Ibiá: (34) 9985-1527 - 3631-3343 - Itamonte: (35) 9113-8284 / 3363-2164 - Itulubeta: (34) 962-6049 - 3261-4488 - Jeoaçu: (33) 3745-1292 - Lavras: (35) 9979-1254 / 3822-1767 - Passos: (35) 9981-1522 - Poços de Caldas: (35) 9977-5444 - Pouso Alegre: (35) 9977-2471 / 3721-2471 - São Gonçalo do Sapucaí: (35) 9965-2348 / 3241-2348 - Teófilo Otoni: (33) 985-1044 - 3522-1063 - Três Pontas: (35) 9971-6065 / 3265-1107 - Unai: (38) 9961-3157 - PARA - Marituba: (91) 986-5594 / 256-1723 - São Felix do Xingú: (91) 435-1516 / 435-1132 - PARANÁ - Castro: (42) 9973-1103 / 232-1692 - Catanduva: (45) 9971-5958 - Maringá: (44) 9973-0999 / 262-2260 - Região Oeste: (44) 9972-2042 - PIAUÍ - Teresina: (86) 981-4582 / 232-7816 - RIO DE JANEIRO - Volta Redonda: (24) 9994-0613 / 3342-6610 - SÃO PAULO - Andradina: (18) 9782-7986 / 722-3584 - Catanduva: (17) 9615-0006 / 532-6124 - Franca: (16) 723-6806 - Marília: (14) 9786-2244 / 433-3172 - Ribeirão Preto: (16) 9791-2528 / 629-3049 - (16) 9136-1467 / 624-5132 - São Carlos: (16) 9782-8299 / 271-1528 - São José do Rio Preto: (17) 9771-4330 - 9703-1817 - São João da Boa Vista: (19) 9775-1226 / 624-1179 - Sumaré: (19) 3873-2019 / 9710-6053 - TOCANTINS - Gurupi: (63) 851-1713

Via Brig. Faria Lima, Km 426 - Barretos - SP Tel. (017) 322 2888 - Fax (017) 322 4817 - E-mail: sembra@barretos.com.br

Quero comprar zebu

Quero comprar de duas a dez bezerras das raças guzerá ou gir, na era de quatro a oito meses, indicando preço, prazo para entrega e condições de pagamento.

Carlito Ribeiro -
controladoria@controladoria.com.br

Fantástico

Parabéns pela iniciativa de encaminharem uma carta ao programa "Fantástico" sobre o teor de colesterol da carne vermelha. A soma dessas "pequenas iniciativas" é que faz grande diferença! Continuem trabalhando a favor do zebu, ele merece!

Roberta Gestal Nucleogen Unirp e
Walisara Estanislau Maffei-PMGRN/
USP - Ribeirão Preto(SP)

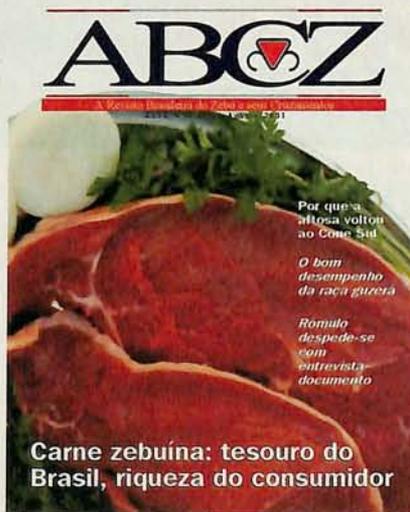
Fomos surpreendidos recentemente, com reportagem no "Fantástico" denegrindo a imagem da carne bovina de maneira totalmente danosa e equivocada.

No dia 21/9, no programa "Bom Dia SP" da mesma Rede Globo, saiu uma matéria sobre uma senhora de Tatuí-SP que está completando 113 anos de idade, que declarou gostar muito de carne.

Eduardo BC Prado - Ribeirão Preto

Caprino x ovino

Na matéria "Uma alternativa de integração a zebuicultura" (edição nº 3, de julho-agosto), foi dito que a raça Santa Inês é considerada o nelore da caprinocultura. O correto é afirmar que a raça é considerada o nelore da ovinocultura. Também foi dito que uma ovelha chegou a ser arrematada por R\$ 40 mil; o correto é: um carneiro che-



gou a ser arrematado por R\$ 43 mil. A Estância Varrela, de Uberaba, começou este ano a dedicar-se à caprinocultura e não à ovinocultura. A matéria traz que um macho deve ser colocado para cada dez fêmeas. O correto é um macho para cada 35 fêmeas, em média.

Marcelo Cordeiro - Varrela Agropecuária Ltda.

Resposta do repórter Luiz Humberto França: Todas as correções são procedentes, exceto à que se refere ao número de fêmeas. O dado de um macho para cada dez fêmeas foi fornecido pelo professor Maurício de Ulhôa, da Fazu, que confirma a informação.

Belo site

Sr. presidente: Cumprimento pela bela associação que preside e pelo belo site em disposição na internet.

Glauber Vinícius Valverde - Adamantina(SP)

Peso x idade

É possível enviar um gráfico (e/

ou tabela) de peso x idade e altura x idade das raças gir, nelore e tabapuã?

Abel Maia Genovez - prof. Recursos Hídricos na Unicamp - Campinas(SP)

Resposta do superintendente-técnico Luiz A. Josahkian: Os dados correlacionados dessa forma se encontram disponíveis apenas para os animais de pista, ou seja, em regime 3 ou confinamento. Essas tabelas estão inseridas no Regulamento da Expozebu.

Anais do congresso

Desejo informações a respeito dos anais dos congressos brasileiros de criadores de zebu.

Alexandre A. Meyer - veterinário.

Resposta da Superintendência-técnica da ABCZ: Os disponíveis no momento são os referentes ao 3º e 4º Congressos Brasileiro das Raças Zebuínas, com valor unitário de R\$ 20,00. Os dois juntos, R\$ 35,00.

Revista ABCZ

Como antigo sócio, cumprimento pela qualidade da nossa revista, sobretudo a edição nº 3, que está formidável. Sou engenheiro-agrônomo, com vários cursos em zootecnia. Fui criador de gir, nelore e indubrasil e, como expositor, conquisei inúmeros campeonatos, inclusive em exposições nacionais em Salvador(BA).

Fui responsável pelo registro genealógico em nossa região. Implantei o registro do zebu nos estados da BA e SE, com o saudoso colega Evandro Bahia Monteiro. Organizávamos as exposições de pecuária no antigo parque Ondina, inclusive as primeiras nacionais em Salvador.

Djalma Jacobina Fº - Jacobina (BA)

Recebemos a revista editada pela ABCZ. Cumprimos o trabalho pelo belíssimo trabalho.

Roberto Q. Nascimento - prefeito de Patrocínio (MG)

Tomamos conhecimento da revista **ABCZ**, na Biblioteca Setorial da Universidade Federal de Santa Maria(UFSM-RS), onde a mesma é muito procurada pelos estudantes. Gostaríamos de propor uma permuta desta com "Ciência Rural", uma revista científica de 30 anos de existência, que, nos últimos dois anos, publicou em média 190 trabalhos científicos por ano. A revista tem periodicidade bimesal, publica trabalhos em português ou inglês referentes às áreas de Agronomia, Veterinária, Zootecnia e Engenharia Florestal.

Rudi Weiblen, UFS-Sta. Maria(RS)

Adubo orgânico

Gostaria que nos informassem como podemos saber mais sobre a reportagem de Tecnologia da revista do mês de Maio/Junho de 2001. O título se refere a "Usina de reciclagem transforma lixo em adubo para pastagens 30% mais barato", por ser uma matéria extremamente importante queria saber se há algum site ou e-mail para que possamos ter mais informações sobre este assunto.

Adriana Dias - médica-veterinária. Campo Grande(MS)

Da Redação: O responsável pela empresa é Eduardo Palmério. (34) 3313-7984 ou 3319-8800.

Consangüinidade

Um animal consangüíneo pode ser registrado ou não? Até que grau de parentesco é aceito para que o mesmo possa ser registrado?

Sandra M. Simonelli

Resposta do Super-técnico Luiz A. Josahkian: A consangüinidade, ao contrário do que se generaliza,

não é um mecanismo sempre deletério no processo de seleção. Muito antes, ela é um instrumento fundamental para o selecionador. É claro que não seria possível discutir aqui todos os prós e contras da consangüinidade, embora, como tudo em genética, indivíduos extremos são formas biológicas complexas de serem manejadas em todos os sentidos. O fato é que a consangüinidade é uma forma de gerar prepotência nos animais, ou, colocado de outra forma, é uma combinação tal de genes que permitem que se fixem (e que se garanta a transmissibilidade) de algumas características de interesse nas raças. Sendo assim, não há nenhuma limitação na concessão de registro face ao nível de consangüinidade que o animal apresenta. O que se avalia é a performance do indivíduo, o que garante —pelo menos em parte— que ele não sofreu os efeitos da consangüinidade extrema.

Adesão ao PMGZ

Comecei minha criação há pouco tempo e tenho enviado regularmente os relatórios de pesagem à desmama, no intuito de participar do PMGZ. Este procedimento é suficiente para ter meu rebanho inscrito no CEP/PMGZ ou existe algum outro tipo de protocolo a se cumprir? Como adquirir o sistema Procan para Windows.

Nivaldo Alves Pereira - Pains(MG)

Resposta do superintendente-técnico Luiz Antonio Josahkian: As pesagens de desmama realizadas pelo criador são consideradas um pedido de inscrição do animal no Controle do Desenvolvimento Ponderal(CDP). Para participar do Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos(PMGZ) e consequentemente do CEP, deve haver uma solicitação formal de inscrição do rebanho no programa, no seu órgão executor ou por e-mail

(abczsmg@abcz.org.br). Feita a inscrição, além de participar do CEP, o criador receberá sem nenhum custo adicional, informações sobre a fertilidade, desempenho e as avaliações genéticas (DEPs) do rebanho. Quanto ao Procan para Windows, este está em fase final de desenvolvimento. Os criadores que possuem o Procan receberão automaticamente esta nova versão. Outras informações podem ser obtidas pelo e-mail *procan@abcz.org.br*

Edição número 2

Demonstro minha máxima indignação pela capa da revista ABCZ(nº 2 - maio-junho/2001), onde o seu ex-presidente, Rômulo Kardec de Camargos, aparece ao lado de um touro da raça brahman revelando a falta de respeito ao zebu feito no Brasil. É como se a entidade estivesse deliberadamente tentando diminuir a importância de raças como indubrasil, mas ela tem o dever de respeitar a raça e seus criadores, pois se hoje a ABCZ(Parque Fernando Costa) e Uberaba é o que é, deve muito também à raça indubrasil.

George Feitosa de Melo - Fortaleza(CE)

Nota do editor: A foto de capa foi escolhida porque registra um momento histórico para a ABCZ(e para a classe), quando o presidente FHC anunciou, atendendo pedido da ABCZ, que incluiria o termo "pecuária" no nome do Ministério da Agricultura. Sobre a raça: o exemplar da foto foi escolhido na véspera da inauguração da Expozebu -dia 2 de maio- pela própria segurança do presidente, sem qualquer participação da ABCZ. O Cerimonial da Presidência da República optou pelo referido exemplar -como poderia ter optado por outra raça zebuína-, porque julgou, no momento da escolha, que era o animal mais manso e, portanto, mais apropriado para a ocasião.

Em busca da qualidade, da qualidade e da qualidade



O pecuarista José Olavo Borges Mendes assumiu, pela segunda vez, no dia 29 de agosto, a Presidência da ABCZ. A primeira gestão foi no período de agosto de 1995 a agosto de 1998. Na entrevista a seguir, José Olavo expõe metas básicas de tra-

balho para os próximos três anos. O presidente escolheu a área comercial como uma das prioritárias da gestão.

“É preciso ser mais agressivo”, recomendou. José Olavo também explicou como pretende implantar

um programa de qualidade de carne e de leite do zebu, através da rastreabilidade.

O programa de qualidade pode ser executado pela ABCZ ou em parceria com órgãos oficiais, associações e a iniciativa privada.

ABCZ: Qual é a sensação de assumir, mais uma vez, a presidência da ABCZ? O sr. se sente mais maduro? Em que a experiência pode ajudá-lo?

José Olavo: São dois aspectos. O primeiro: a gente se sente mais madura, com uma experiência grande de uma gestão anterior bem sucedida. Mas, a gestão não é o presidente, é uma equipe. A responsabilidade é muito grande porque a ABCZ está crescendo, e também porque recebi um voto de confiança pela segunda vez. É sinal de que as pessoas esperam muito mais de você. Temos tudo para fazer uma boa administração já que a Direto-

ria constituída por mim, sem interferência de ninguém, é de primeira grandeza.

ABCZ: Como será o relacionamento com as associações de raças zebuínas?

José Olavo: Dentre os planos, está remodelar o Parque Fernando Costa, aumentando a sua área física. Assim, vamos incentivar as associações a que deixem sua sala na sede da ABCZ e façam uma obra que durante o ano funcione como escritório próprio, e durante a Expozebu, seja o grande estande promocional. Quem sabe, a obra contemple também um restauran-

Se ficar definida a cobrança (arquivo zootécnico), uma parte vai para as associações

te, que vai receber seus associados durante a exposição.

ABCZ: Há planos para repassar às associações um percentual da cobrança dos arquivos zootécnicos?

José Olavo: É um assunto que ficou pendente na minha gestão passada, que vamos tentar trazer às discussões. Se ficar definida a cobrança, vamos destinar uma parte às associações promocionais. O percentual também será discutido.

ABCZ: Como pretende aumentar a área física do parque?

José Olavo: Vamos criar projetos. Se possível, vamos aumentar a área, e ampliar os espaços já disponíveis. Temos um parque bonito, mas limitado. É preciso saber aproveitá-lo melhor na Expozebu, e também durante o ano todo.

ABCZ: O que poderá ser feito?

José Olavo: É preciso criar atrativos para o visitante de

Uberaba e de fora também, já que o parque é um local tranquilo, com fácil estacionamento. É possível, por exemplo, construir mais dois grandes restaurantes permanentes.

ABCZ: O sr. declarou que pretende imprimir na carne e no leite a marca ABCZ. De que maneira isso será feito?

José Olavo: É uma aspiração antiga. A ABCZ tem condições para realizar esse projeto, que significa, basicamente, proporcionar ao mercado um alimento seguro e de boa qualidade.

ABCZ: Significa que a dona-de-casa vai encontrar no supermercado uma embalagem de carne, de leite ou de iogurte com a marca ABCZ?

José Olavo: Pode ser que chegue a isso. O que é certo é que a ABCZ estará presente nos supermercados do país. Ou sozinha, ou em parceria com a marca do gir, do guzerá, do nelore, do indubrasil, do

brahman, do sindi, do tabapuã, do cangaiam, do girolando ou de outras.

ABCZ: A ABCZ tem estrutura para isso?

José Olavo: Sim, mas é preciso que o governo dê a ela a delegação parcial do serviço de controle sanitário animal. Ou então que ela firme parcerias com quem executa esse serviço.

ABCZ: Como a ABCZ poderá atuar?

José Olavo: Na coleta de dados sobre a sanidade, sobre a genética e sobre a criação do rebanho. Vamos saber se o gado foi criado a pasto ou em confinamento, qual foi a ração usada, quais vacinas e vermífugos foram aplicados, ou ainda se a propriedade possui projetos de preservação ambiental. Isso é rastreabilidade.

ABCZ: Como serão armazenadas as informações?



Técnico observa carcaça de zebuino, em avaliação; garantir a qualidade do produto será uma das metas prioritárias de José Olavo

José Olavo: Pode ser através de um chip, implantado na pele do animal, no nascimento. O chip estará ligado a uma central de dados instalada na sede da ABCZ, que vai fornecer as informações aos interessados.

ABCZ: Isso vai valer apenas para o zebu?

José Olavo: Temos que pensar no zebu e também no gado de corte. O objetivo é poder dar esclarecimentos ao consumidor, que está carente dessas informações. O mais importante nos programas de rastreabilidade é que haja parcerias entre órgãos oficiais e a iniciativa privada.

ABCZ: Com as informações em mãos, a ABCZ poderá emitir uma espécie de certificado de qualidade. O que a ABCZ ganha com isso?

José Olavo: Trata-se de um certificado, comercializado pela ABCZ, que vai valer para o Brasil e para o mercado internacional. É uma chancela a produtos básicos para a alimentação humana, e isso tem custo. Por outro lado, o frigorífico ou o supermercado também irá cobrar por vender um alimento certificado.

ABCZ: Quando isso será colocado em prática?

José Olavo: Os estudos estão

adiantados. É possível começar a operacionalização dentro de seis a oito meses. Para isso, teremos que ampliar o quadro técnico de veterinários e zootecnistas, e firmar parcerias, para acompanhar todo o processo, desde o nascimento até a comercialização nos açougues e supermercados.

ABCZ: Com o senhor, a ABCZ se destacou no crescimento da área comercial, na primeira gestão. Como será a área comercial em um segundo mandato?

José Olavo: Será um grande desafio para nós. Precisamos vender bem a imagem e os produtos da ABCZ, seja o nosso programa de melhoramento genético (PMGZ), seja a Grife ABCZ, sejam os aluguéis dos espaços disponíveis no Parque Fernando Costa.

ABCZ: Que planos o sr. tem para a Grife ABCZ?

José Olavo: Vamos ampliar a atuação dela. Vamos levá-la aonde pudermos, ou por meio de parceria ou através de franquia. Quero que a grife dê lucro e divulgue a ABCZ em grandes eventos do país, já que oferece produtos de alta qualidade.

ABCZ: Já existem interessados em franquear a grife?

José Olavo: Sim, de Minas Ge-

rais, do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Sul.

ABCZ: Quais são os planos de expansão do Procan (software da ABCZ para o melhoramento genético)?

José Olavo: Nós temos o melhor programa de melhoramento genético do mundo, entre outras razões porque temos o maior banco de dados de raças bovinas do mundo. O Procan é uma ferramenta desse programa, que vem sendo atualizada permanentemente. É preciso divulgá-lo melhor para ser mais bem vendido. Há muitos criadores que não o conhecem. É preciso ser mais agressivo no marketing dos produtos ABCZ.

ABCZ: Como serão as promoções de eventos científicos e de reciclagem?

José Olavo: Vamos manter o Congresso Brasileiro das Raças Zebuínas —realizado a cada dois anos. Para reciclagem, vamos realizar o segundo seminário de avaliação de carcaça. O primeiro, promovido em 1997, foi um grande sucesso. De lá para cá, houve mudanças nos conceitos sobre seleção e melhoramento genético. Nós estamos no caminho certo, mas é sempre preciso avaliar o que já foi feito e, se necessário, reciclar conceitos e idéias.



Zebuínas, de aptidão para o corte e para a produção de leite, que serão alvo de mais pesquisas em melhoramento genético na ABCZ

O perfil de cada diretor, segundo José Olavo

Os vice-presidentes

João Antonio Prata(1º vice): "É um 'boi-de-guia', uma pessoa que tem um trabalho fundamental na promoção de eventos, como a Expozebu. Tem uma grande experiência em trabalhar para a ABCZ. Ficará responsável pela Comunicação e pelos eventos".

Paulo Ferolla da Silva(2º vice): "É meu irmão, do meu convívio familiar. Tem uma experiência fantástica em administração. Foi um grande prefeito e presidente do Sindicato Rural de Uberlândia. Será o diretor de Relações com as associações promocionais. É uma pessoa extremamente ponderada e dotada de grande bom senso".

Jonas Barcellos Corrêa Filho(3º vice): "É um grande criador de nelore. É vice-presidente da ACNB e uma pessoa muito bem relacionada com os altos escalões do poder. Ele será o diretor de Relações Governamentais".

Diretores

Antônio Ernesto Werna de Salvo: "É o presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Por ser uma pessoa muito bem relacionada nos governos e nas entidades de nível federal, como Senar e Sebrae, vai prestar um grande trabalho. Ocupará a Diretoria de Relações Governamentais".

Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges: "É conhecido em todo o Brasil e no exterior como uma das maiores autoridades do Colégio de Jurados da ABCZ. Já foi diretor-técnico da ABCZ. Será o responsável pela área Técnica, e pelos Escritórios Técnicos Regionais(ETRs) e pelas Filiadas. Será também um dos coordenadores do programa de melhoramento genético, o PMGZ".

Arnaldo Prata Filho: "Já possui experiência como diretor da casa. Conta também com um 'fator genético'. Ele é filho do ex-presidente Arnaldo Rosa Prata. É um empresário dinâmico e bem-sucedido na área de Comunicação. Será o diretor Financeiro."

Dirceu Azevedo Borges: "Grande empresário, proprietário da Nova Índia Genética e da Escola da Terra Televisão(ETTV). Sempre se dedicou ao marketing, portanto vai assumir esta área na ABCZ. É presidente da Fundação Peirópolis(de valores humanos). Será também um dos diretores de Coordenação de Ensino e Cultura, e responsável pela sede e pelos Cursos Humanos."

João Machado Prata Jr.: "É um 'trator-de-esteira', uma pessoa muito competente. Tem sido o homem de confiança no Conselho Curador da Fundagri(que mantém a Fac. de Agronomia e Zootecnia de Uberaba-Fazu). Será o diretor do Parque Fernando Costa, do Centro de Eventos e do Centro de Pesquisas da Unvierdecidade."

José Carlos Prata Cunha: "É uma pessoa muito bem relacionada com os criadores. Por ter experiência como diretor da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, ficará encarregado de fazer a ponte entre a ABCZ e as associações promocionais."

Lourival Sales Parente: "É grande empresário e criador de zebu. É hoje uma liderança entre os criadores do Nordeste. Será o representante desses criadores na Diretoria. Será também o diretor de Patrimônio."

Luiz Humberto Carrião: "Diretor pela segunda vez consecuti-

va, é professor e também o representante da raça gir na Diretoria, um dos responsáveis pela área de Ensino e Cultura, e diretor de fomento à pecuária zebuína leiteira."

Marco Túlio Andrade Barbosa: "Adquiriu grande experiência administrativa como presidente do Jockey Club de Uberaba. Tem duas grandes virtudes: é muito organizado e um grande realizador. Fica nas áreas Administrativa, de Comunicação e de Eventos."

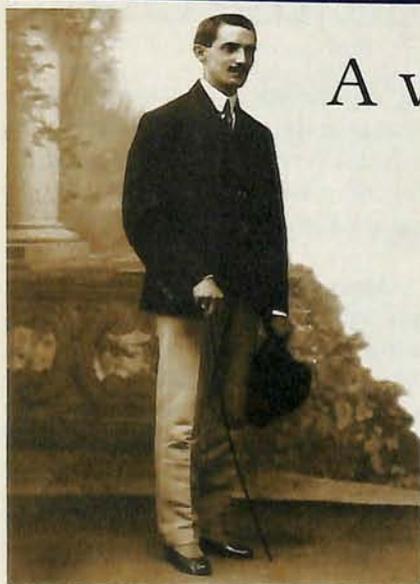
Nelson Rafael Pineda Rodrigues: "Foi diretor adjunto na gestão passada. É um idealizador de projetos relacionados ao zebu, como o do Colégio de Jurados da ABCZ. Trará enorme contribuição para o programa de rastreabilidade na pecuária. Será o diretor de Informática, uma área estratégica para nossos projetos."

Orestes Prata Tibery Jr.: "Já possui experiência como diretor da casa, é um grande criador e administrador de seus negócios particulares. Será um dos responsáveis pelo programa de melhoramento genético(PMGZ), e o diretor de Leilões."

Silvio Castro Cunha Jr.: "É um grande criador, industrial e empresário. É uma pessoa muito dinâmica e atualizada. Por manter experiência comercial internacional muito extensa, dará enorme contribuição às relações internacionais da ABCZ."

William Koury: "É diretor desde a primeira gestão do Rômulo Kardec(1992/95). Foi vice-presidente nas duas últimas gestões. Vai ocupar um cargo fundamental: será o responsável pela Diretoria Comercial e de Marketing, uma das áreas prioritárias da gestão."

A visão da pena do pioneiro



João Martins Borges - pioneiro do zebu

Bombaim, 1º de agosto de 1914

Tomei aqui um quarto por mês à razão de 160 rúpias – foi o último preço.

Hoje desembarquei o gado – 29 reses. Poucas reses é que andaram com gary, devido a estarem muito cansadas da viagem; por qualquer coisa amuavam, quase todas foram puxadas e, mesmo assim, não sei como explicar, uma vaca castanha, alta, deitando de mau jeito, quebrou uma perna perto do quadril – não compreendo como foi, ela não foi amarrada em gary, deitou, sem queda, e quando eu cheguei para levantá-la, vi que ela deslocou ou quebrou a perna. Parece epidemia esta quebração de pernas; todo cuidado e zelo é inútil. Ainda se fosse atada ao gary era razoável, porém, solta, pular, e cair de prancha, como muitas fizeram, quebrar a perna por deitar de mau jeito é incompreensível, mas é verdade.

Não veio nenhum (touro) selado, veio um pior do que os outros, é o que suponho ser o da questão. O melhor, um grande, escuro, pinheiro, é tanto ou mais reumático como a vaca que comprei. Precisamos ter cuidado com essa doença.

A vaca nabuca já pariu, porém, está falhada há tempos. Uma pariu no caminho.

Gostei bastante dos bezerros: o fumaça é melhor, mas, ambos, têm muito pouco de kankreji, os chifres saem finos, pelo tamanho que já têm. Estou muito satisfeito.

Tem umas dez a quinze vacas superiores, as outras não são tão boas. Achei-as um pouco eradas, precisamos levar mais novas e mais kankreji. Pelo preço que chega uma vaca lá, é preciso que seja muito

boa. Tem duas malvig. Há uma pequena que tem quase nada de kankreji, orelhas pequenas etc. Você precisa ver este gado, quem sabe houve alguma troca.

Se o nosso gado puder ter, como fundo, o fundo deste que está aqui, sei que levaremos cousa superior.

As vacas de Pangli e Narsola são como as dez melhores que tem aqui, mas tem lá melhores do que a nabuca umas duas ou três, por terem mais corpo e chifres mais bonitos e mesmo mais grossos, salvo engano.

Precisamos segurar o ponto é com os bois. Não gostei de nenhum dos que vieram, por dois terem os chifres muito perpendiculares, o que enfeia muito a rês; não quero dizer que sejam maus, mas se pudermos juntar o bom e o belo, tanto melhor.

Enfim, se obtivermos o gado daqui para cima está às mil maravilhas. Vacas, estou certo que como as dez melhores que vieram conseguiremos todas.

Quando embarcar gado, mande todo com cordas, porque hoje vieram muitas reses sem cordas e outras com cordas muito finas. Foi preciso comprar.

Temos tempo ainda; espero que consigamos um gado tufo de bom. Só tenho medo de não encontrar são bois, vacas há muitas.

Por esta carta você há de pensar que não gostei do gado, mas não, eu procurei apenas dar uma opinião sem entusiasmo nem pessimismo – mas, pessoalmente, em presença do gado, é que poderei emitir melhor conceito.

J. Martins Borges

João Martins Borges escreve mais uma carta a seu companheiro de viagem à Índia, João Salgado. O pecuarista descreve o gado adquirido. Ele chama a atenção para um fato que tem-lhe perturbado muito: a quantidade de vacas com fraturas nas pernas durante o transporte da região em que são adquiridos, até Bombaim, onde está João Borges. Ele descreve o fato como "epidemia esta quebração de pernas".

O trabalho de pesquisa e recuperação das cartas foi feito pela sobrinha afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges.

CARACTERÍSTICAS E EXPORTAÇÃO



Tabapua
A raça que mais cresce no Brasil.



ABCT
Associação Brasileira dos Criadores de Tabapua
Pça. Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 Bl. 1 - Uberaba.MG
Tel/Fax: (34) 3336.2410 - Tel.: (34) 3319.3893
e-mail: tabapua@terra.com.br
www.tabapua.org.br

OCTUBRO

6º Leilão Berço da Raça
20/10/2001 - 14h - Recinto Anísio Hadad
S. J. do Rio Preto - SP
70 machos e 40 fêmeas

NOVEMBRO

3º Leilão Peso Pesado de Cascavel
15/11/2001 - 20h - Durante a Expovet/2001
40 lotes - machos e fêmeas
8º Leilão Peso Pesado da Bahia
28/11 - 20h - Durante a Fenagro/2001 - Salvador-BA
50 lotes machos e fêmeas (todos animais de pista)

Foto: José Mano Mattos

NATVA



MARIA H. DUMONT ADAMS
Tel: (16) 3662-3215 (fazenda)
Tel: (16) 3761-4596 (à noite)
Batatais, SP
marada@netsite.com.br



ONDA VERDE
NELINHO GUIMARAES
Padre Bernardo, GO
Tel: (61) 633-1102
Esc.: (61) 248-6330



PARQUE
DAS VACAS TABAPUA
WAGNER MIRANDA
Tel: (62) 9953-1205
Fax: (62) 281-9740
Trindade, GO
Paraúna, GO
Parquedavacastabapua@hotmail.com



NO DA FLOR
TABAPUA
FAZENDA FLOR DE MINAS
MAXIMO A. BOSSI E FILHOS
Tel: (33) 3522-5626
(33) 3799-3498
Malacacheta, MG



SÃO JOSÉ DAS PALMEIRAS
DORIVAL F. ORTENBLAD
Tel: (11) 3082-7329
Tel: (11) 3082-3538
Icém, SP



JANGADA
ALBERTO GIOCONDO
Tel: (43) 252-1008
Fax: (43) 252-3103
Arapongas, PR



FAZENDA MUCURI
NILO CAIADO FRAGA
Tel: (33)3799-0020 - (33)3621-2115
Nanuque, MG



GER
FAZENDA COPACABANA
EDGARD PEREIRA RIBEIRO
Tel/Fax: (44) 622-1107
Fax: (44) 632-1298
Umuarama, PR



OTAVIO O. DE CARVALHO
Tel: (76) 420-2113
Tel: (71) 244-0113
Entre Rios, BA



FAZENDA
Jatobá
MÔNICA R. ORTENBLAD
R. GALVAO
Tel/Fax: (11) 3816-5955
Uchoa, SP
galvao@equity.com.br



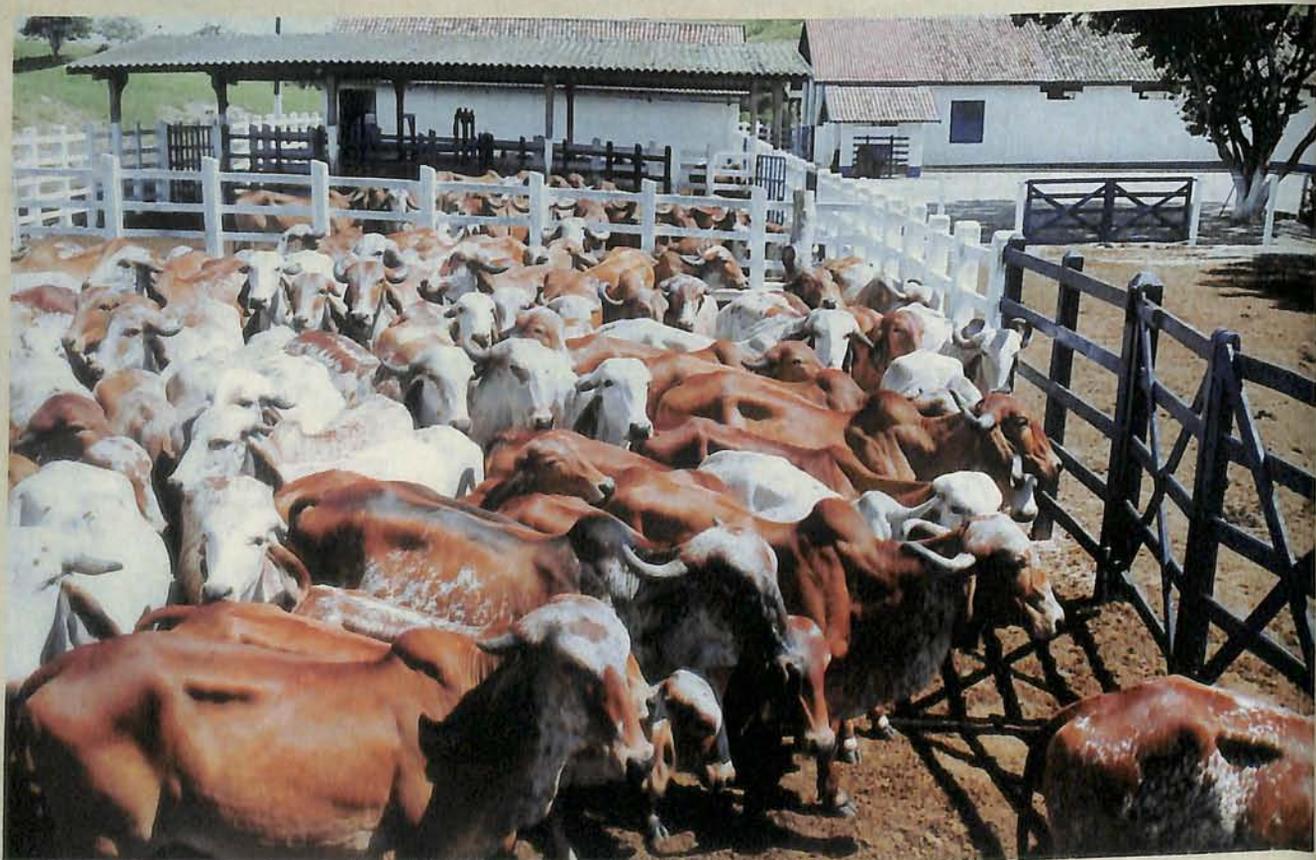
AGROP. ESTÂNCIA
MORADA DO SOL
CLAUDINEI SOARES DIAS
Tel/Fax: (18) 254-1134
Ipaçu - SP
cstdsol@uol.com.br



DONA BRANCA
Elston Lemos, Veraguas
Tel: (16) 242-2314
Caixa Postal 70
14.940-000 Ibitinga - SP

Controle leiteiro da ABCZ é ferramenta para melhoria genética das raças zebuínas

Próximo de completar 30 anos sob o comando da associação, o número de produtores que integram o programa cresceu 600%



Marconi Lima

Ao longo dos últimos 26 anos, a espécie bovina que melhor se adaptou ao Brasil, o zebu, vem evoluindo também no setor leiteiro. É fácil constatar o crescimento das raças indianas que foram introduzidas no Brasil há pouco mais de cem anos. Basta olhar os registros do setor de Provas Zootécnicas da ABCZ, que foi criado em 1968. Por escassez de recursos humanos e

materiais, as provas de avaliação do zebu leiteiro somente foram criadas em 1974. À época, apenas dez produtores participavam da prova, com a realização de 3.340 pesagens de leite. Hoje, 27 anos depois, são 60 produtores, com 8.713 pesagens. O crescimento não veio por acaso.

Um pouco de história. Em 1969, o corpo técnico da ABCZ era supervisionado pelos professores Geraldo Gonçalves Carneiro, José

Rodolpho Torres e Luiz Rodrigues, que elaboraram o Regulamento das Provas Zootécnicas, compostas pelo Controle de Peso e Carne e Controle Leiteiro.

Por causa da escassez de recursos humanos e materiais, a ABCZ estruturou primeiro o Controle do Desenvolvimento Ponderal(CDP), tendo como objetivo básico a produção de carne.

O Controle Leiteiro veio mais tarde. A prova foi efetivada em junho de 1974.

No Brasil, a primeira notícia sobre uma prova de avaliação da produção de leite remonta a 1921, na Fazenda Regional de Criação de João Pessoa, em Umbuzeiro(PB). Em 1987, sob a direção da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária(Embrapa), recebeu o nome de Estação Experimental de João Pessoa.

A estação foi a pioneira na seleção do gir com aptidão leiteira, tendo iniciado seus trabalhos de controle leiteiro em 1938. Outra entidade pioneira no controle leiteiro foi a Fazenda Modelo, hoje Estação Experimental de Uberaba, pertencente à Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais. A Epamig começou a pesar o leite de suas matrizes em 1949. Doze anos depois, por reivindicação de fazendeiros da região, expandiu seu trabalho de acompanhamento de

lactações para fazendas particulares.

Dados da Estação Experimental de Uberaba apontam que, em 1949, a produção leiteira média diária dos animais controlados era de 4,620 quilos de leite. Em 1961, a média diária passou para 8,140 quilos de leite —quase o dobro em 12 anos.

O crescimento não ficou restrito apenas à produção. O número de criadores interessados no servi-

*Em 1949, a produção
diária era de 4,620 kg.*

*Em 1961, de 8,140 kg de
leite por dia*

ço também aumentava. O chefe da "Fazenda Modelo", Eurípedes Esteves dos Reis, sentiu que era hora de normatizar o controle leiteiro. Assim, autorizou a formação de uma equipe técnica para elaborar um regulamento, que foi realizado com base no regulamento dos criadores de gado holandês, e adaptado para o zebu. Eram integrantes da equipe: Eurípedes dos Reis(diretor-chefe), Antônio Dias da Costa Aroeira(supervisor),

Edgard Prata Vidal e Abraão Palis(auxiliar técnico e médico-veterinário, respectivamente).

O Ministério da Agricultura, através do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro-Oeste(Ipeaco) e do Escritório Técnico Americano(ETA), dava a cobertura necessária. O trabalho prosseguia sem interrupções.

Em junho de 1961, os técnicos iniciaram o controle leiteiro na Fazenda Monte Alegre do Buriti, de propriedade do criador João Guido. Pioneiro no trabalho, iniciou o serviço com oito vacas, com média diária de produção de cinco quilos de leite. Em 1973, eram 80 vacas participantes, com a média diária de 7,9 quilos de leite.

Em 1962, Randolpho de Mello Resende, com 17 vacas e média diária de 7,5 quilos de leite, aderiu ao programa. Em 1973, ele já contava com 86 vacas, com média diária de 8,4 quilos de leite.

Em 1965, a pecuarista Olinda Arantes Cunha iniciou o controle na fazenda. Mãe de Torres Homem Rodrigues da Cunha, da marca "VR", Dona Olinda começou a prova com exemplares que trouxera anos antes da Índia. Eram animais de alto padrão genético para leite, dentre eles, a campeã de um torneio de leite na Índia, a vaca **Sara Hindostani**, cujo controle foi efetuado pela Estação Experimental de



Úberes de vacas de raças zebuínas: o zebu de aptidão leiteira cresce e ocupa lugar destacado no melhoramento do gado de leite no Brasil



Guzerá, que tem desempenhado um papel de destaque na produção de leite

Uberaba, pelo técnico Vanderley Alves de Andrade, que é hoje o responsável pelas pesagens de leite de Uberaba e região (veja quadro). Era a primeira visita técnica de Vanderley Alves pela Estação Experimental de Uberaba.

É de Vanderley o relato sobre a vaca da Índia: "fui sozinho efetuar as pesagens de leite, sem experiência, todas as matrizes eram ordenhadas dentro do estábulo, que tinha modelo individual, de cano e a Sara tinha um chifre mais ou menos de uma ponta na outra, de um metro e meio. A ordenha era feita em uma baia. Eu, de fora, assustei, quando o ordenhador veio pesar o balde. Era uma grande quantidade de leite. Brinquei com o Edgard (Prata Vidal), dizendo que naquela baia não tinha torneira. Ele, muito crítico, repreendeu-me,

retrucando que eu não havia olhado direito. Fiquei muito surpreso com os 17 quilos de leite tirados na primeira ordenha. Voltei para a segunda ordenha e o resultado foi de sete quilos de leite, resultando em uma soma de 24 quilos. Durante a segunda ordenha, eu sequer pisquei os olhos. Após a pesagem, perguntei ao ordenhador se aquela vaca dava tudo aquilo de leite. A resposta foi sim... essa é a Sara. Depois, lá pela quarta pesagem, percebi que a vaca era realmente fabulosa em produção. Ela fechou o controle com 5.222 quilos de leite, e uma média diária de 15 quilos. De 1966 até 1986, foi a matriz de maior produção de leite registrada em nossos arquivos".

Bancando o controle. O controle leiteiro foi efetuado pela Estação Experimental de 1949 até

meados de 1974, quando houve mudanças administrativas do governo federal, resultando, entre outros, na criação da Embrapa. Por decreto do Ministério da Agricultura, todas as estações e órgãos de pesquisas agropecuárias controlados por ele, passariam a ser orientados e coordenados pela Embrapa.

Por causa de uma crise administrativa, muitos criadores pararam de controlar as lactações. Um exemplo de luta, coragem e perseverança na conduta da causa foi o do pecuarista Randolpho de Mello Resende. Ele contratou o técnico Vanderley Alves para continuar as pesagens na propriedade, no período de dezembro de 1974 a junho de 1975. Sem entidade que assumisse o controle, o jeito, revela o técnico, foi arquivar os dados em sua própria casa.

Randolpho Resende tinha na ABCZ um companheiro, uma liderança no setor rural, que também nutria o interesse de participar do controle leiteiro. Era Edilson Lamartine Mendes (que ocupou a Presidência da entidade). Os dois juntaram forças e reivindicaram à ABCZ a direção do controle leiteiro. A ABCZ analisou a proposta e em reunião de diretores e criadores de zebu leiteiro, decidiu assumir o controle leiteiro desde que os plantéis fossem vistoriados por uma comissão técnica, e que as matrizes fossem inspecionadas e registradas.

Na ocasião, Vanderley Alves, convidado a trabalhar para a entidade, acabou sendo cedido pelo Ministério da Agricultura para a execução do controle leiteiro na ABCZ. Também ficou decidido que todo o arquivo da Estação Experimental seria passado para a responsabilidade da entidade.

Em 1974, a produção média diária de leite dos 1.163 animais, de sete rebanhos controlados, era de 7,067 quilos.

Dois anos depois, o serviço ga-

nhou novas adesões. Participavam do Controle Leiteiro da ABCZ rebanhos das raças gir, guzerá e nelore. Em junho de 1975, foi iniciado o controle leiteiro da ABCZ. Dez criadores deram o pontapé inicial da prova. O ano foi fechado com 3.340 pesagens de leite, realizadas pela sede da entidade, em Uberaba, e pela Sociedade Rural da Paraíba (SRPB).

Em 1976, participavam do controle leiteiro animais das raças gir —categorias PO, LA e ZL(zebu leiteiro)—, guzerá (PO) e nelore(PO). Foram realizadas 4.857 pesagens de leite.

A partir de 1987, o controle leiteiro passou a contar com mais raças. O serviço passou a contar com a participação de criadores das raças gir mocha e sindi. No ano seguinte, foi a vez das matrizes da raça indubrasil. Em 2000, foram inscritas 1.016 novas matrizes. A ABCZ realizou 8.713 novas pesagens, e encerrou 1.046 lactações. (Ver tabela). Para atender os rebanho, a ABCZ mobilizou a sede, em Uberaba, três escritórios regionais, uma entidade filiada, a Emater(MG), e 18 técnicos.

Colaboraram: Carlos H. Cavallari e Sandra Figueiredo.

Estatística do Controle Leiteiro em 2001

| R A Ç A | PESAGENS | | INSCRITA | | ENCERRADAS | |
|---------------|----------|--------|----------|--------|------------|--------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| GIR MOCHA | 295 | 3,39 | 54 | 5,31 | 31 | 2,96 |
| GIR | 6858 | 78,71 | 775 | 76,28 | 755 | 72,18 |
| GUZERÁ | 1551 | 17,80 | 186 | 18,31 | 257 | 24,57 |
| ZEBU LEITEIRO | 9 | 0,10 | 1 | 0,10 | 3 | 0,29 |
| TOTAL | 8713 | 100,00 | 1016 | 100,00 | 1046 | 100,00 |

Fonte: ABCZ/SMG/Departamento de Controle Leiteiro- 2001

Estatística do Controle Leiteiro de 1976 a 2000 (PO +LA)

| R A Ç A | PESAGENS | | INSCRITA | | ENCERRADAS | |
|---------|----------|--------|----------|--------|------------|--------|
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| GIR | 12.120 | 65,50 | 93.853 | 65,30 | 9.474 | 67,28 |
| GIM | 813 | 4,39 | 5.757 | 4,01 | 57 | 6 4,09 |
| GUZ | 2.137 | 11,55 | 16.494 | 11,48 | 1.487 | 10,56 |
| NEL | 138 | 0,75 | 1.135 | 0,79 | 116 | 0,82 |
| SIND | 65 | 0,35 | 458 | 0,32 | 45 | 0,32 |
| ZL | 3.185 | 17,21 | 25.700 | 17,88 | 2.350 | 16,69 |
| IND | 45 | 0,24 | 332 | 0,23 | 34 | 0,24 |
| TOTAL | 18.503 | 100,00 | 143.723 | 100,00 | 14.082 | 100,00 |

Fonte: ABCZ/SMG/Departamento de Controle Leiteiro- 2001

Rebanhos que atualmente participam do Controle Leiteiro da ABCZ - total de 62 rebanhos

| | |
|-------------------|-------------|
| Bahia: | 3 rebanhos |
| Ceará: | 2 rebanhos |
| Distrito Federal: | 2 rebanhos |
| Goiás: | 10 rebanhos |
| Minas Gerais: | 33 rebanhos |
| Rio de Janeiro: | 2 rebanhos |
| São Paulo: | 7 rebanhos |
| Pará: | 1 rebanho |
| Paraíba: | 2 rebanhos |
| TOTAL: | 62 rebanhos |

Fonte: ABCZ/SMG/Departamento de Controle Leiteiro - 2001

Número de rebanhos (por raça e categoria) - 2001

| RAÇA | Categoria | Nº Rebanhos |
|-------|-----------|-------------|
| GIR | PO | 48 |
| GIR | LA | 22 |
| GIM | PO | 08 |
| GIM | LA | 06 |
| GUZ | PO | 10 |
| GUZ | LA | 01 |
| IND | PO | 01 |
| NEL | PO | 01 |
| TOTAL | PO+LA | 97 |

Fonte: ABCZ/SMG/Departamento de Controle Leiteiro - 2001

Médias das produções de leite das raças zebuínas

(atualizado até maio/2001- Fonte: ABCZ/SMG/Departamento de Controle Leiteiro - 2001)

| Variável | | Nº de observações | Média | Desvio Padrão |
|--------------------------------|---------|-------------------|---------|---------------|
| RAÇA GIR | | | | |
| Produção de leite até 305 dias | (kg) | 30398 | 2638.24 | 1042.19 |
| Produção total de leite | (kg) | 30398 | 2850.25 | 1238.50 |
| Duração da lactação | (dias) | 30398 | 290.05 | 64.96 |
| Idade ao parto | (dias) | 30398 | 2574.36 | 1147.51 |
| Idade ao primeiro parto | (meses) | 8004 | 45.53 | 7.51 |
| Intervalo de partos | (dias) | 16331 | 492.36 | 101.45 |
| Percentagem de gordura | (%) | 18382 | 4.53 | 0.61 |
| Produção de gordura | (kg) | 18382 | 125.02 | 49.93 |
| RAÇA GUZERA | | | | |
| Produção de leite até 305 dias | (kg) | 3111 | 2270.91 | 923.29 |
| Produção total de leite | (kg) | 3089 | 2341.23 | 1010.57 |
| Duração da lactação | (dias) | 3111 | 281.11 | 64.78 |
| Idade ao parto | (dias) | 3111 | 2422.98 | 1083.88 |
| Idade ao primeiro parto | (meses) | 899 | 44.09 | 8.12 |
| Intervalo de partos | (dias) | 1339 | 461.86 | 92.17 |
| RAÇA NELORE | | | | |
| Produção de leite até 305 dias | (kg) | 2212 | 1762.37 | 900.97 |
| Produção total de leite | (kg) | 2212 | 1815.85 | 953.17 |
| Duração da lactação | (dias) | 2212 | 243.07 | 67.16 |
| Idade ao parto | (dias) | 2212 | 2338.78 | 1242.31 |
| Idade ao primeiro parto | (meses) | 596 | 37.63 | 6.77 |
| Intervalo de partos | (dias) | 1041 | 428.31 | 95.14 |
| RAÇA SINDI | | | | |
| Produção de leite até 305 dias | (kg) | 486 | 2249.63 | 708.85 |
| Produção total de leite | (kg) | 486 | 2292.11 | 753.66 |
| Duração da lactação | (dias) | 486 | 272.10 | 60.64 |
| Idade ao parto | (dias) | 486 | 1895.43 | 871.26 |
| Idade ao primeiro parto | (meses) | 158 | 37.16 | 6.62 |
| Intervalo de partos | (dias) | 273 | 455.67 | 73.26 |
| Percentagem de gordura | (%) | 330 | 4.95 | 0.50 |
| Produção de gordura | (kg) | 330 | 116.61 | 35.39 |

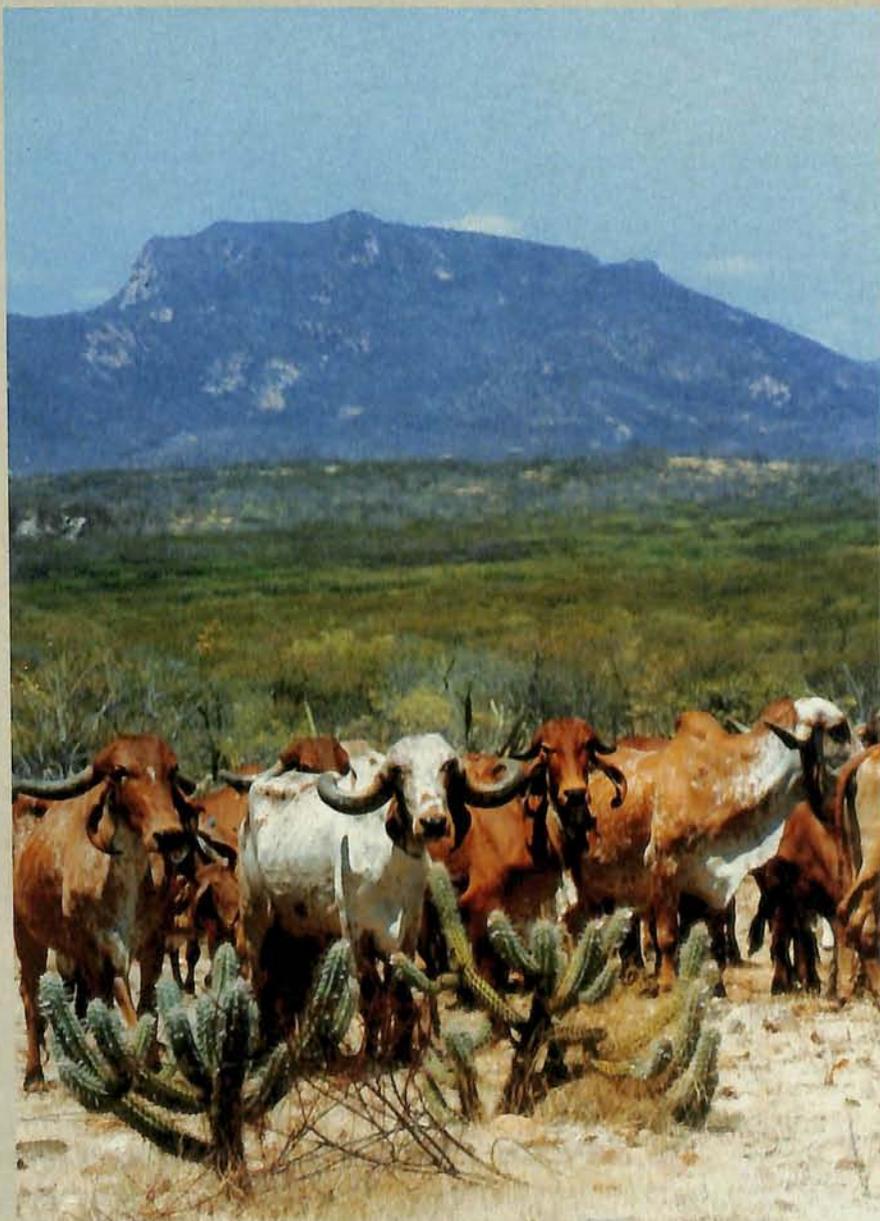
Fonte: Embrapa-GL/AZN-2001

Por que um programa para o zebu de aptidão leiteira

* Carlos Henrique Cavallari Machado

O setor leiteiro nacional passa por um momento crítico, e sua análise é bastante complexa, pois além de receber influência econômica, política e mercadológica, o leite é um alimento essencial na dieta do homem, principalmente para criança, idosos e gestantes. É um integrante da cesta básica do brasileiro, na quantidade de 500 gramas de leite em pó. Portanto, muitas são as variáveis que interferem numa possível estabilidade no setor.

Até o início dos anos 90, o governo controlava o preço do leite, com a justificativa de disponibilizá-lo à população de baixa renda. A tão almejada liberação de preços foi alcançada só mais recentemente. Mas, essa liberdade encontrou um setor desorganizado e atrasado técnica e administrativamente. O setor é oligopolista —poucas empresas controlam a oferta do produto—; e oligopsônio —há poucas empresas compradoras de matéria-prima, e muitos produtores. Em resposta a esta situação, observamos um crescente interesse na formação de núcleos, onde pequenos e médios produtores se unem para obter um maior volume do produto, e um maior poder de barganha no preço. Há outros sinais positivos que indicam o amadurecimento do setor leiteiro. São as medidas anti-dumping recentemente adotadas, a mobilização que levou à criação de CPIs do leite, a adoção de técnicas que permitem diminuir as diferenças entre os períodos de safra e entressafra, e o próprio aumento da produção nos últimos anos.



Gado gir, que une rusticidade e resistência às adversidades a uma boa produção de leite

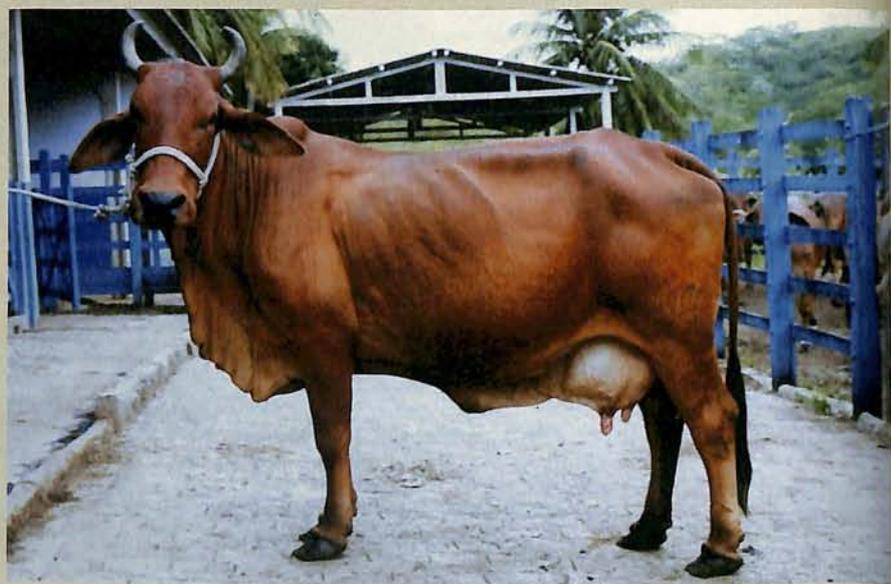
A liberdade de preços encontrou um setor desorganizado e atrasado técnica e administrativamente

O que interessa ao produtor de leite é o preço —que seja no mínimo justo. Não se pode falar de preço justo, sem falar em custo de produção. A alimentação do gado leiteiro baseada em concentrado, definitivamente pode inviabilizar a atividade, pois esse sistema alimentar pode chegar a mais da metade do custo de produção, se for mal administrado.

O zebu com aptidão leiteira vem ganhando o reconhecimento dos produtores porque é uma excelente opção de produzir leite a baixos custos. Estamos falando de animais rústicos, com baixa exigência nutricional e ambiental, além de boa produção leiteira.

Isso pode ser observado em alguns fatos: na quantidade de sêmen comercializado, nos altos preços de animais de genética superior, na grande liquidez de animais colocados à venda, na mobilização das associações promocionais das raças zebuínas, e na busca de programas de melhoramento genético eficientes e de fácil adesão.

A ABCZ detectou a procura dos produtores de leite por animais economicamente viáveis, que pudessem atender desde o mercado tra-



Vaca sindi; a raça, um dos primeiros zebuínos importados, resiste ao calor do semi-árido

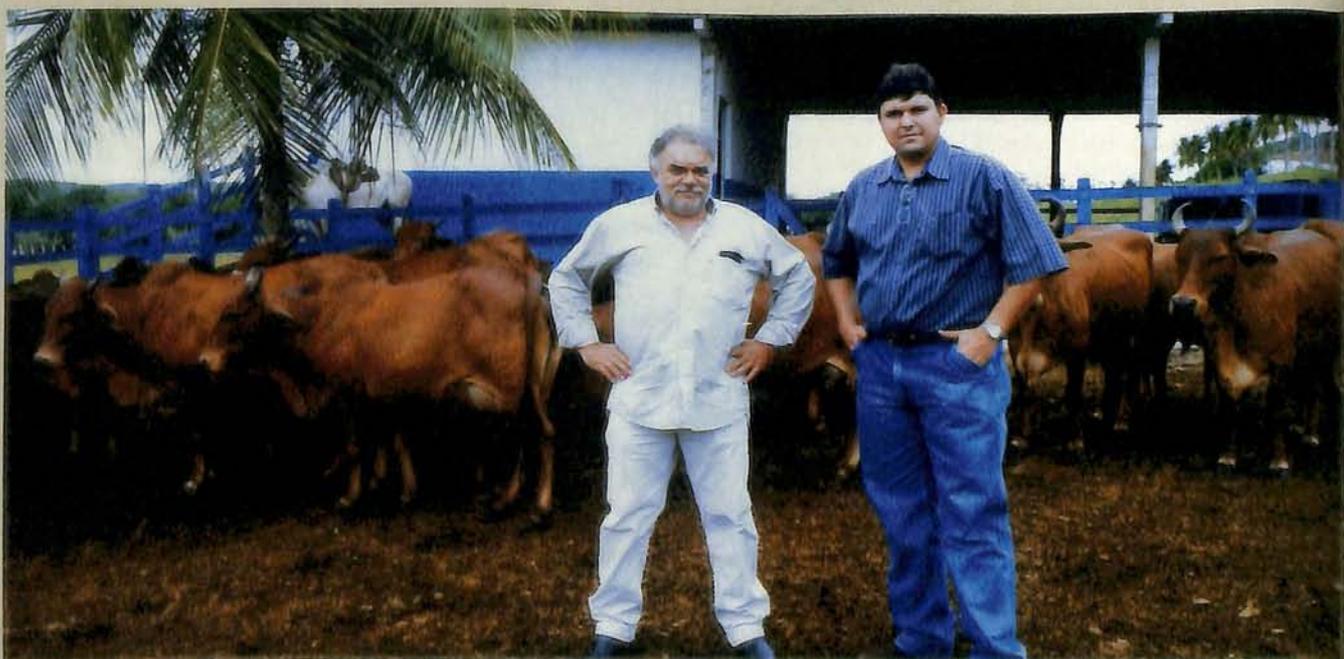
dicional —o do leite em saquinho— até o mais sofisticado —o do leite orgânico—, e decidiu investir mais no melhoramento genético do zebu com aptidão leiteira.

Em maio deste ano, durante a Expozebu, a ABCZ lançou o Programa Leite do Zebu. O objetivo é ampliar o controle leiteiro do zebu em todo o país.

O programa prevê investimentos e ações efetivas sobre o Depar-

tamento de Controle Leiteiro. Com isso, o produtor vai encontrar um departamento dotado de equipamentos modernos, revisão das operações processuais e operacionais, reciclagem de técnicos-controladores, e efetivação das avaliações genéticas de touros e matrizes.

** Carlos Henrique C. Machado é superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da ABCZ.*



O diretor Luiz Carrião e o superintendente-adjunto Carlos Henrique posam em cenário dominado pelo sindi na Emepa, em João Pessoa

Controle leiteiro atrai “peso-pesados”

A busca pelo melhoramento genético das raças zebuínas com aptidão para o leite é mais um fator que comprova o crescimento do controle leiteiro da ABCZ. Como as mudanças implementadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para modernização do setor estão em curso, os produtores não querem perder o bonde da história e procuram investir em seu negócio, mesmo com algumas dificuldades enfrentadas em relação ao preço pago ao produtor. Aliás, os baixos preços na entressafra 2001 motivaram até mesmo a criação de CPIs do leite, em assembléias legislativas de estados brasileiros.

Em 2001, a prova zootécnica realizada pela ABCZ ganhou um criador de grande respeito no setor: Gabriel Donato de Andrade, proprietário da fazenda Calcio-lândia, no município de Arcos (MG). No concurso leiteiro da Expozebu deste ano, as vacas de sua propriedade conquistaram o título de grande campeãs de todas as raças que participaram da competição: com o gir (**Heresia Abide Cal**), gir mocha (**Garrafa da Cal**) e nelore (**Jaguara Coronel Col**).

Desde 1962, Donato realiza o controle de sua produção, mas somente agora decidiu passá-lo para a ABCZ. “Decidimos mudar para a ABCZ, após conversarmos bastante com a equipe técnica da entidade, e também após tomarmos conhecimento do projeto desenvolvido para o melhoramento genético para leite no zebu, não só da raça gir mais também do nelore, guzerá e outras, como foi divulgado na Expozebu deste ano”, justifica.

O criador diz reconhecer o tra-
ta desenvolvido pela ABCZ para o

melhoramento genético para leite no zebu. Donato destaca também mais um motivo para integrar o rol de produtores que fazem parte do controle leiteiro da entidade. “Estamos voltados para o uso de um sistema único de controle o que traz simplificação, redução de custos e confiabilidade nas informações. Como a ABCZ já realiza todos os controles para registro do zebu

*“Mantemos o controle
pela ABCZ porque
acreditamos na seriedade
e no trabalho desen-
volvido pela equipe téc-
nica”, testemunha a
presidente da Assogir*

achamos por bem que nosso controle leiteiro fosse também realizado por esta entidade”, explicou.

Expor serviços. O criador Gabriel Donato Andrade não foi a única boa novidade de adesões ao Controle Leiteiro da ABCZ este ano. Outro peso-pesado do leite também fez a mesma opção. É o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro, Eduardo Falcão de Carvalho. “A decisão de se deve ao interesse do departamento que cuida do programa na entidade em contactar os criadores e expor os serviços prestados”, justificou. Com a resposta, Falcão demonstra valorizar o trabalho dos

técnicos da associação que vão a campo prestar o serviço.

“É importante que esse trabalho de divulgação e captação de novos criadores seja contínuo, e que cresça cada vez mais o número de participantes no controle leiteiro para que possam melhorar geneticamente seus rebanhos”, deixa a dica Eduardo Falcão.

A presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Gir (Assogir), Lêda Ferreira Góes, que faz controle leiteiro pela ABCZ desde 1997, acredita na seriedade do programa. “Mantemos o controle pela ABCZ porque acreditamos na seriedade e no trabalho desenvolvido pela equipe técnica, que transmite maior credibilidade ao criador”.

O Grupo Edson Queiroz, proprietário da Teotônio Agropecuária Ltda, no município de Quixeramobim (CE), é uma das empresas que investe no guzerá leiteiro. Participa da avaliação da ABCZ desde agosto de 1994. “Temos recebido sempre grandes incentivos para a manutenção desse trabalho, que consideramos como o mais promissor já empreendido pelo Grupo Edson Queiroz, pelos reflexos positivos que nos proporciona em níveis técnico e de mercado”, disse Juarez Frutuoso da Silva, gerente de produção do grupo. “Temos total confiança no trabalho da ABCZ e de seus técnicos, que se reciclam com regularidade e nos trazem orientações muito valiosas na manutenção e evolução da nossa seleção”, elogia Silva.

Exame de DNA. O controle leiteiro é importante não só para o criador que trabalha com melhoramento genético, mas também para o produtor que tem seu ne-

gócio voltado para a produção de leite. Em tempos de economia globalizada, as margens de lucro são cada vez mais reduzidas, avalia Gabriel Donato. "Por isso, é imprescindível que toda propriedade faça o seu planejamento. O mesmo ocorre com o controle leiteiro, ele é a ferramenta, a bússola para indicar o melhor caminho a seguir rumo ao sucesso, seja no melhoramento genético, seja na produção de leite", orienta o criador.

Com ele concorda Juares Frutuoso, sobre a importância dessa prova zootécnica. "É a principal ferramenta de que dispomos para a identificação das melhores produtoras de leite, de forma metodizada e oficial, com reflexos altamente positivos na comercialização dos nossos produtos".

O sucesso de qualquer programa de melhoramento genético depende principalmente do planejamento dos acasalamentos. Ao se conhecer a melhor matriz através

do controle leiteiro — e dispendo de informações confiáveis dos reprodutores através de provas das suas progênes —, os bons resultados estão garantidos. Os criadores participantes da prova afirmam que o trabalho da ABCZ tem contribuído decisivamente para a evolução da produção de leite dos rebanhos assistidos.

"O controle leiteiro é uma das provas zootécnicas que mais crescem proporcionalmente na ABCZ, seja no número de rebanhos, seja no número de animais inscritos para o controle", avalia Carlos Henrique Cavallari Machado, superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da ABCZ. Ele aponta a revitalização do departamento leiteiro dos últimos anos como a ferramenta que contribuiu para o aumento do número de participantes. "Temos trabalhado para buscar o que há de mais novo no meio científico, a fim de tornar as informações que repassamos aos criadores as mais consistentes e significativas possíveis", acrescenta Cavallari. O Programa Leite do Zebu, lançado em maio durante a Expozebu deste ano, marcou o início de uma nova história no controle leiteiro da ABCZ, segundo Cavallari. "Através dele, a entidade vai modernizar o Departamento de Provas Zootécnicas com equipamentos mais sofisticados", revela. Outra vantagem, de acordo com ele é que os custos operacionais poderão ser reduzidos "significativamente".

Mas, as melhores novidades que a prova reserva para o criador serão a introdução dos exames de DNA para confirmação de paternidade, e a publicação do Sumário de Touros Nacional - Gado de Leite. "Isso será possível por causa do nosso relacionamento com a Embrapa-Gado de Leite", justifica Cavallari.

Através do Programa Leite do Zebu, as raças zebuínas gir, gir

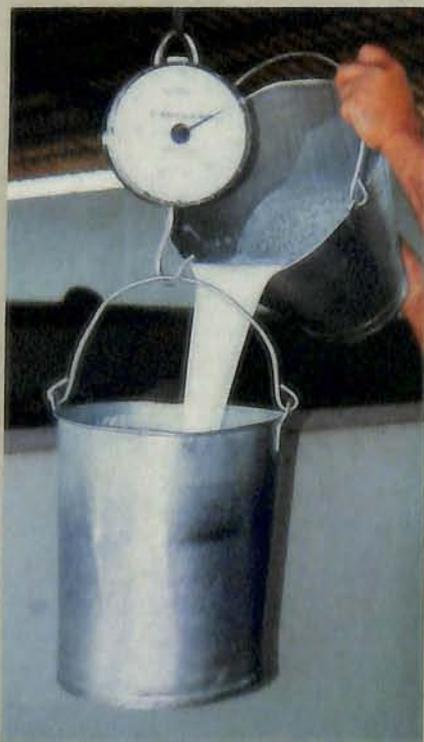


Técnico Vanderley Alves prepara análise

mocha, guzerá, sindi, indubrasil e nelore terão maiores oportunidades de demonstrar seu potencial, e a ABCZ poderá auxiliar o maior número de criadores em seus processos de seleção, independentemente do nível tecnológico adotado na fazenda.

"Acreditamos que o Projeto Leite do Zebu trará um grande avanço na pecuária zebuína leiteira devido a sua importância", destaca Lêda Góes.

"Do total de participantes ativos do Controle Leiteiro, só este ano houve a adesão de 16 novos criadores. Desses, cinco criadores voltaram a realizar as pesagens no rebanho. Onze deles são iniciantes. São criadores das raças gir, gir mocha, guzerá, indubrasil e nelore dos estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Distrito Federal", informa Sandra Figueiredo Borges, responsável pelo Departamento de Controle Leiteiro da ABCZ.



Leite é pesado para a prova de avaliação

Do controle de peso para o controle de leite

A evolução do zebu leiteiro foi registrada com ênfase no 23º Torneio Leiteiro da Expozebu, realizado em maio deste ano. A prova ganhou repercussão nacional, quando foi mostrada no programa "Mais Você", da Rede Globo, comandado pela apresentadora Ana Maria Braga. A vaca grande campeã da raça gir, Heresia Abide Cal, da fazenda Calciolândia, de Gabriel Donato de Andrade, acabou ganhando destaque com uma inserção ao vivo na maior emissora de televisão do país.

A produção média da grande campeã foi de 40,96 quilos de leite. Para se ter uma idéia do que isso representa, no primeiro concurso, realizado em 1979, a grande campeã da raça gir foi a vaca Donzela, de propriedade do criador João Gabriel Noronha, com média de 19,17 kg.

Mas, o fato que mais chamou atenção na prova de 2001 foi a presença da raça nelore, com a vaca Jaguará Coronel Col, também pertencente a Donato. A vaca teve uma produção média de 26,72 kg de leite, a maior já registrada pela raça nelore nos concursos leiteiros da ABCZ. "O objetivo, ao desenvolver aptidão leiteira no nelore, é selecionar uma linhagem que recupere na raça características de produção

de leite que ela possuía originalmente, procurando conservar, por outro lado, sua rusticidade e fertilidade, que lhe permitiram expandir-se por todo o Brasil tropical", explica Donato. "Em função do tamanho e da difusão da população nelore, recuperar na raça características leiteiras vai permitir que ela se torne uma grande fonte de matrizes para produção barata de F-1 com raças taurinas especializadas para produção de leite e até mesmo com outras raças zebuínas como o gir leiteiro", completou.

Com a raça gir mocha, Donato também fez o grande campeonato com a vaca Garrafa da Cal, que teve produção média de 40,48 kg de leite.

O controle leiteiro da ABCZ também incentiva a seleção do guzerá de leite. Um dos exemplos é a do Grupo Edson Queiroz. Antes do controle leiteiro, o grupo

investia em animais de exposição, identificando os de melhor desempenho através do CDP. "Apesar dos excelentes resultados obtidos nas pistas, tínhamos sérias dificuldades na comercialização, já que os criadores de gir já dispunham de produtos com lactação oficial conhecida de suas mães. Diante disso, não podíamos concorrer sem os dados oficiais", conta Juarez Frutuoso, gerente de produção do grupo.

Em função do trabalho desenvolvido pelos técnicos da ABCZ no Ceará, o grupo decidiu iniciar o controle leiteiro em 1994. Pouco tempo depois, com vacas da raça guzerá, o grupo conquistou campeonatos no Concurso Leiteiro da Expoece/1994. "Pretendemos continuar nosso trabalho, sempre com a orientação da ABCZ, que valoriza e incentiva nossa atividade", diz Juarez Frutuoso.

Participação no Controle Leiteiro em 2001

| Raça | Inscrições | Pesagens |
|---------------|-------------|-------------|
| Gir mocha | 54 | 295 |
| Gir | 775 | 6858 |
| Guzerá | 186 | 1551 |
| Zebu leiteiro | 1 | 9 |
| Total | 1016 | 8713 |

Fonte: ABCZ/SMG-Departamento de Controle Leiteiro

Maiores produções já registradas no Controle Leiteiro da ABCZ

| Raça/Categoria | Nome | Período de Lactação | Produção em até 305 dias | Produção em até 365 dias |
|----------------|--------------------|---------------------|--------------------------|--------------------------|
| Gir Mocha PO | I da Flor. | 305 dias | 10.311,20 | 11.012,90 |
| Gir Mocha LA | PH Hilarie | 272 dias | 4.609,44 | - |
| Gir PO | Dinastia da Esteio | 305 dias | 9.289,58 | 10.716 |
| Gir LA | Gabadela FB de Moc | 305 dias | 8.669,92 | - |
| Zebu Leiteiro | Ruiva da Epamig | 305 dias | 3.971 | - |
| Guzerá PO | Janaina da Teot. | 305 dias | 6.219,52 | - |
| Guzerá LA | Montanha | 305 dias | 2.718,95 | 2727,95 |
| Indubrasil PO | Galícia da Cach. | 305 dias | 4.344 | 4.732 |
| Indubrasil LA | Ativa | 263 dias | 1.393 | - |
| Nelore LA | Alagem da Col. | 231 dias | 1.695 | - |

A “cara” do controle leiteiro

Pioneiro no trabalho, Vanderley Alves de Andrade é uma referência entre os colegas de trabalho e os criadores de zebu leiteiro



Vanderley Alves: história profissional que se confunde com a do controle leiteiro do zebu

É difícil contar a história do controle leiteiro sem registrar a trajetória do técnico Vanderley Alves de Andrade. Funcionário do Ministério da Agricultura, acabou “adotado” pela ABCZ em 1974, quando o trabalho passou a ser desenvolvido pela associação. É uma unanimidade entre os colegas: se a ABCZ experimenta crescimento no setor leiteiro, boa parte do sucesso deve-se ao esforço e à dedicação dele. Vanderley acompanhou todos os concursos leiteiros da Expozebu, desde a sua criação em 1979.

Em 1966, Vanderley começou a trabalhar na prova, ainda na Fazenda Experimental Getúlio Vargas, em Uberaba, até que a prova fosse definitivamente transferida para a ABCZ. Uma transição difícil por sinal, como lembra o veterano técnico. Por pouco, Minas Gerais não

perde o controle leiteiro para uma outra entidade em São Paulo. A questão foi definida depois que a ABCZ decidiu “abraçar” a prova, cabendo à ela, com instrução do Ministério da Agricultura, inscrever somente vacas registradas.

Rotina. Vanderley confere *in loco* a evolução do trabalho que a

ABCZ desenvolve para o leite. “O gado leiteiro tem um desempenho cada vez melhor.” Para ele, é o resultado proporcionado pelo Progra-

ma de Melhoramento Genético Zebuínos (PMGZ)—que passou a englobar o Programa Leite do Zebu em maio deste ano. “Quem hoje tem controle leiteiro, não fica com gado na fazenda”, filosofa à sua maneira Vanderley. Ele quer dizer que o mercado para o zebu leiteiro controlado tem receita garantida. “Os touros são muito disputados no

mercado. Por isso, tem muita gente começando a participar da prova.”, comemora. Somente no ano passado (a estatística para este ano ainda não está fechada), foram inscritas 1.016 novas matrizes das raças gir, gir mocha e guzerá. Ao todo foram realizadas 8.713 novas pesagens, com 1.046 lactações encerradas.

Pontualidade. Controle leiteiro é coisa séria para Vanderley. Exigente, não admite atrasos. Se for preciso estar às quatro horas da manhã em alguma fazenda, ele não vê problema nisso. Todas as ordenhas do dia são acompanhadas por ele. O técnico passa até uma semana fora de casa, por conta do trabalho que desempenha não somente em Minas Gerais, como no interior de São Paulo. Com 35 anos de atividade, ele conseguiu reunir um sem-número de amizades, “Não tenho idéia de quantas são.” Ele diz não se recordar de nenhum problema com criadores ou tratadores de animais. “Todos eles me respeitaram muito”, diz orgulhoso.

Ele dá a receita para continuar com tanta disposição após 35 anos de dedicação ao controle leiteiro. “Eu fico ansioso para saber dos resultados dos rebanhos que nós acompanhamos. Quando vejo uma filha de uma vaca boa de leite, a minha expectativa é que ela seja melhor do que a mãe”, conta.

“O Vanderley tem nosso total respeito e admiração, ele é a história viva do controle leiteiro da ABCZ, acompanhou todos os ciclos da pecuária leiteira, sempre com motivação e integridade”, diz, sem poupar elogios, o superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da ABCZ, Carlos Henrique Cavallari Machado.

*“Quem hoje tem controle
leiteiro, não fica
com gado na fazenda”*

Fazendas “MASCOTE E PINGUIM” e “VALETE E PENEDO”

Criação e seleção exclusivamente da Raça TABAPUÃ PO

Rodovia GO-164 – Km 2 – acesso para Mossâmedes e Sanclerlândia pela GO-070

Município de Goiás – Estado de Goiás

de ÉMERSON CAMPOS JARDIM - Administração: EUGÊNIO L. JARDIM

eugenio.accs.ecj@zipmail.com.br

tel. de contato: (61) 347 3596 (Residência, em Brasília - DF)

Um breve resumo sobre a origem do Tabapuã no Município de Goiás, primeira capital do Estado.

De 1950 até 2000, o Cel. José Torquato Caiado Jardim foi o proprietário da Fazenda “CÓRREGO FUNDO E ATALHO”, no município de Goiás – GO, que, anteriormente, era de seus Pais. Inovador, criativo e selecionador, em 1972 começou criteriosamente a seleção do “môcho branco”, e já em 1979 tiveram lugar os registros do Tabapuã em seu plantel.

Seu trabalho foi muito bem observado, e em 1984 iniciava-se seleção paralela na Fazenda “MASCOTE E PINGUIM” pelo seu filho EUGÊNIO LORENA JARDIM, com matrizes oriundas do criatório de seu Pai. Posteriormente, anexou-se a Fazenda “VALETE E PENEDO” que, por serem vizinhas e parte da antiga Fazenda “CÓRREGO FUNDO E ATALHO”, permitiram uma expansão seletiva do rebanho.

O Cel. Torquato, como é conhecido, foi o pioneiro do Tabapuã na região. Por motivo de falta de saúde sentiu-se forçado a deixar as atividades pecuárias, tendo vendido suas terras e se afastado de Goiás em julho de 2000. Assim, houve a fusão dos rebanhos das duas propriedades, foi feita uma seleção rigorosa, e um excelente plantel ficou na Fazenda “MASCOTE E PINGUIM”. Em consequência, hoje temos uma homogeneidade muito grande, mediante uma seleção periódica assistida por técnicos credenciados pela ABCZ.

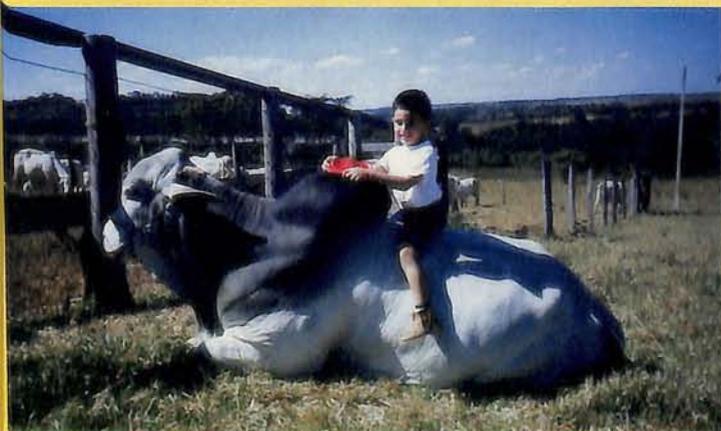
Também queremos deixar bem claro que a verdadeira continuidade do trabalho do Cel. Torquato está na Fazenda “MASCOTE E PINGUIM”, sob a administração de seu Filho Eugênio L. Jardim.

Cabe ressaltar que criamos e selecionamos única e exclusivamente o TABAPUÃ PO (Puro de Origem). Portanto, não há na fazenda nada que

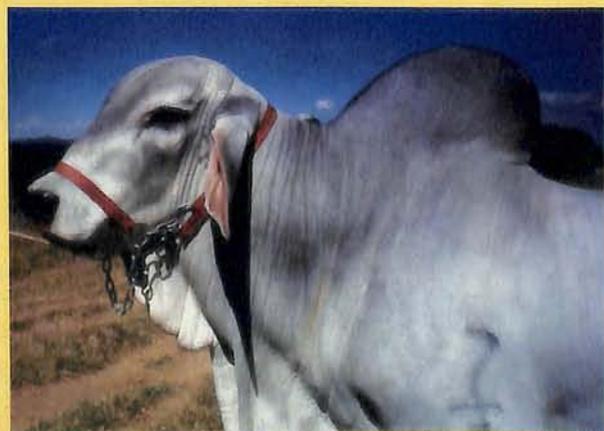
não seja apenas a Raça em referência: não temos o L. A., o “cara limpa”, nem qualquer outra raça. Nosso trabalho é especializado, nosso rebanho é genuinamente mocho, plenamente enquadrado nas normas técnicas especificadas pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – ABCZ. Lutamos pela qualificação e não pela quantificação. Portanto, concedemos plena liberdade para que qualquer visitante compareça acompanhado por técnico capacitado, quando poderemos trocar idéias e críticas construtivas.

Nosso atendimento aos clientes é feito aos sábados das 08 às 15 horas, e sugerimos prévio contato telefônico. Não vendemos para intermediários nem especuladores.

Informamos que adquirimos nossos reprodutores nas Fazendas Água Milagrosa, Dona Branca e Morada da Prata, de renomados criadores, todas localizadas no Estado de São Paulo e detentoras de excelentes plantéis.



Émerson com TAMARINDO DE TABAPUÃ filho de ILUMINISMO DE TABAPUÃ



ESPANTO DA PRATA, filho de APAGADOR DA PRATA



A imponente do gado vermelho

Rebanho da raça sindi, da Emepa na Paraíba, ganha registro da ABCZ após trabalho de seleção

Marconi Lima

O sindi é uma raça zebuína de cor avermelhada que possui dupla aptidão. Não é o volume ou o grande peso do animal que determina sua qualificação para corte ou para produção de leite. Ele precisa reunir essas aptidões em seu código genético e transmitir essas qualidades aos seus descendentes, sob as condições ambientais em que foi moldado e também sob outros ambientes onde poderá ser explorado economicamente. Para atender ambientes que exigem extrema rusticidade, o sindi se completa,

como animal de dupla aptidão. Possui uma excelente conformação de carcaça, é precoce na expressão de sua cobertura muscular — muito cedo os bezerros já expressam essas qualidades e quando for mais bem avaliada essa característica, não haverá dúvida de seu bom desempenho no abate, como animal precoce. Isso vale para animais puros, concluiu um trabalho de pesquisadores da Empresa Estadual de Pesquisa da Paraíba (Emepa-PB).

Em setembro deste ano, um rebanho da Emepa foi registrado pela ABCZ após autorização do



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, depois da conclusão de um trabalho que começou no início da década de 90 pelos pesquisadores da Emepa. A intenção do trabalho é tornar o sindi viável comercialmente. Hoje no país, são poucos os criadores que investem na raça. Apesar da pouca penetração no mercado nacional, a pesquisa indica que o sindi pode se adaptar bem em qualquer região.

A participação do sindi em cruzamentos para corte, foi muito usada pelo criador José Cezário de Castilho. Os touros sindi eram cruzados com as vacas nelore. Ele teve um grande sucesso comercial", revelou Paulo Roberto de Miranda Leite, diretor da Emepa e vice-presidente da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da raça Sindi. "Tivemos oportunidade de conhecer boiadas avermelhadas de grande desenvolvimento e cobertura muscular excelente, provenientes desse cruzamento", reforça.

Segundo o pesquisador da Emepa, o sindi poderá ser uma grande opção no cruzamento com a raça bonsmara, da África do Sul. O resultado seria a obtenção de produtos para as regiões de climas mais tórridos.

Como produtor de leite, a sindi é considerado uma das raças de maior desempenho entre os zebuínos. Mas não é só no Brasil que a criação da raça sindi está sendo explorada no setor. Muitos países já testaram essa potencialidade em cruzamentos, como Austrália, Jamaica e Estados Unidos. Há registros de que na Índia, o sindi foi usado em cruzamentos para aumentar a produtividade e à oferta de leite. Do acasalamento, foi obtida a raça karan swiss.

No Brasil já existem muitas produções de vacas sindi puras acima de 3.500 quilos por lactação. Algumas ultrapassam 4.000 quilos. O recorde na raça é da vaca *Jarana Emepa*, que produziu 7.062 qui-

los em uma lactação de 358 dias. "É tudo isto acontecendo no Nordeste, com as limitações e implicações inerentes ao clima", gaba-se Paulo Roberto.

O sindi, como as demais raças zebuínas, depende do tipo de manejo usado pelos seus criadores. O zebu bem manejado, submetido a uma permanente convivência com o homem, torna-se um animal de grande docilidade, informa Paulo Roberto.

A raça, desde a sua entrada no Brasil —foi uma das primeiras a entrar—, foi submetida às mais severas e extravagantes provas de adaptação, pelas quais já passaram as outras raças aqui chegadas da Índia. "As raças zebuínas gir, guzerá, nelore e cangaiam foram levadas a habitar regiões de grande potencial para a pecuária, onde predominaram os grandes campos e clima próprio", lembra o diretor da Emepa.

O diretor conta que, o sindi, além do pequeno contingente que

Como produtor de leite, o sindi é uma das raças de maior desempenho entre os zebuínos

entrou no país —talvez nunca tenha ultrapassado 50 animais— foi quase todo para a Amazonia Tropical Úmida. "O que se pode esperar de uma raça que saiu do Paquistão e foi submetida às condições da floresta amazônica, de altas precipitações e grande umidade?", questiona Paulo Roberto. Os primeiros exemplares sobreviveram, às custas de poucos cuidados. Outro contingente, em São Paulo, só veio a ser identificado como sindi depois da importação do Paquistão. Antes, o gado era criado na região araraquarense como gado bom de

cria, bom desempenho nos partos, e bom no cruzamento com outras raças. Embora tenha desembarcado em Fernando de Noronha, e tomado o destino norte e sul, só depois de 30 anos, o sindi voltou à região semi-árida do Nordeste. Tudo indica, pelo que demonstram as pesquisas da Emepa, que foi naquela região que o gado encontrou seu verdadeiro *habitat*. "Os currais nordestinos começam a criar gosto pelo gado vermelho", filosofa Paulo Roberto.

As secas catastróficas dos últimos anos fizeram aumentar a procura pelo sindi, porque o teste da rusticidade provou seu desempenho sob estas condições de carência e qualidade de pastos, altas temperaturas e difícil acesso às águas. Respondem com mais crias, boa cobertura muscular, grande aptidão maternal, precocidade e boa produção leiteira.

Mas, o sindi tem demonstrado se adaptar em qualquer região do Brasil, garante a Emepa. Há informações de boa adaptação em rebanhos no Sul, Centro-Oeste e Norte. Mas é no nordeste que o seu metabolismo encontra melhor desempenho. "É fascinante ver esses animais vermelhos, sob sol inclemente, com escassos recursos forrageiros disponíveis, e altas temperaturas, apresentarem-se bem cobertos de músculos, pelagens luzidias, e as vacas produzirem muitos bezerros e leite", valoriza o pesquisador.

De acordo com avaliação de Paulo Roberto de Miranda, naturalmente que a raça sindi não é a solução para todos os problemas enfrentados pelos criadores do Nordeste. Existem raças para atender às mais diversas situações e localidades. O sindi deverá se prestar para as regiões ou fazendas tropicais, onde os problemas com o meio ambiente exigem preservação ambiental e aí tenham que criar bovinos que sobrevivam sob condições naturais de pastagens e sob

adversas condições climáticas, onde a rusticidade tenha que ser considerada como principal condição do sucesso da exploração.

Manejo e população. O manejo para a raça sindi é o mesmo para todas as raças zebuínas. "A Emepa-PB submete o rebanho sindi, às mesmas condições dos sistemas de produção de leite que são adotados para as raças gir e guzerá. O rebanho sindi da Fazenda Carnaúba em Taperoá(PB) é explorado em conjunto com o rebanho guzerá. Até nas ordenhas, as vacas partilham o mesmo local. A única diferença é quanto ao acesso aos cochos para arraçamento. As vacas geralmente se alimentam em separado, provavelmente por causa do maior volume de corpo e das possantes "liras", o chifre das fêmeas guzerá. No caso de manejo a campo, não existem diferenças entre essas raças", compara Paulo Roberto.

É difícil definir quantos bovinos sindi existem hoje no Brasil, porque muitos criadores não fazem os registros genealógicos. Calcula-se



Jarana da Emepa, da raça sindi: recordista de produção, com 7.062 kg em uma lactação

que existem entre 4.500 e 6.000 cabeças e aproximadamente 50 criadores. A expectativa de expansão do sindi é muito grande. O vice-presidente da associação promocional da raça é muito otimista. "O horizonte do sindi é muito bom. É uma raça talhada para ambientes que exigem extrema rusticidade." A raça, segundo ele, apresenta uma

excelente conformação de carcaça e boa aptidão leiteira. "Hoje, quando se multiplicam os números de raças através de transferência de embriões e sêmen importados, o sindi poderá prestar uma grande contribuição à pecuária. E o porte pequeno ou médio dessa raça interessa a milhões de propriedades no mundo dos trópicos", diz otimista

Pesquisador lança livro sobre sindi

O livro "Sindi - Gado Vermelho para o Sem-Árido", de autoria do pesquisador da Emepa (Empresa de Pesquisa Agropecuária da Paraíba), Paulo Roberto de Miranda Leite, co-autoria de Alberto Alves Santiago, Hildon Régis Navarro Filho, Rômulo Pontes de Freitas Albuquerque e Ricardo de Miranda Henriques Leite e do editor-técnico Edson Soares dos Santos, foi lançado em setembro, culminando com o registro dos animais da Emepa.

"Espero estar abrindo as portas com esse livro para que outros prossigam na jornada de continuar divulgando o sindi. Abordamos desde a origem da raça na Índia e Paquistão, as in-

formações sobre o desempenho dessa raça em vários estabelecimentos daqueles países, isto no primeiro capítulo", conta o autor.

A obra, a primeira escrita sobre a raça no Brasil, é dividida em seis capítulos, que retratam além da origem na Índia e Paquistão, a expansão e divulgação no Nordeste. Há um capítulo especial dedicado ao Sistema de Produção de Leite que foi adotado pela Emepa-PB e a divulgação dos dados coletados e analisados sob este aspecto. "São dados inéditos de desenvolvimento ponderal, produção de leite e período de lactação, idade ao primeiro parto, número de serviços por concepção, período de gestação e intervalo entre partos", diz

Miranda.

Há destaque também para a recuperação do Registro Genealógico na categoria P.O dos animais descendentes da importação do Paquistão em 1952. Tudo ilustrado com mais de 60 fotografias, a maioria colorida, mapas, tabelas, registros históricos recuperados e alguns pedigrees, fichas e uma relação detalhada dos animais importados do Paquistão em 1952. "É um livro para o qual contamos com a valiosa cooperação e parceria do Dr. Alberto Alves Santiago, de Rinaldo dos Santos, da Editora Agropecuária Tropical Ltda., de criadores e de nossos pesquisadores", agradece Paulo Roberto.

Semana do leite expõe realidade do produtor

Presidente da Girolando pede preço mínimo para o produto

O setor leiteiro grita pelos quatro cantos do país. O produtor não chora o leite derramado. O choro vem de todas as bocas e a razão é uma única: o preço pago pelo produto. Nenhum produtor, em sã consciência, deixaria de reclamar contra um valor que atingiu um vergonhoso patamar de R\$ 0,14 em algumas regiões. E o pior, o preço foi pago na entressafra, época em que, teoricamente, — e a teoria parece que passou à exceção, a partir de agora— o valor é mais alto por causa da escassez do produto, uma conseqüência do empobrecimento do pasto no período de inverno e de seca.

Foi demais para o produtor ter que engolir que os R\$ 0,14 recebidos significam um pouco mais do que a metade do preço pago pela embalagem do leite longa vida, que varia de R\$ 0,24 a R\$ 0,26. Foi demais também ter que aceitar o jogo da grande indústria, que deliberou sobre os preços e sobre a necessidade de comprar o produto, como se fosse a soberana do mercado. Resultado: muitos produtores, da noite para o dia, deixaram de entregar o leite -isso, mesmo, o termo empregado pelo produtor foi “entregar”, ao invés de “vender”— porque a grande indústria simplesmente parou de comprar, sem aviso prévio.

O governo federal anunciou mudanças nas regras do mercado, os criadores, indústrias e cooperativas encamparam o desafio, mas a realidade, pelo menos de momento, tem-se revelado cruel.

A palavra de ordem do presidente Fernando Henrique é “exportar ou morrer”. Para o setor leiteiro, exportar significa diminuir o exce-

dente que a grande indústria alega ter em estoque. Mas, do grito de guerra do presidente, o produtor está mais próximo da paralisação da atividade do que de pensar em vender o produto no mercado internacional.

Estas foram algumas das reclamações de produtores de todo o país, feitas durante a “Primeira Semana Nacional do Leite”, promovida pela Associação Brasileira dos Criadores de Girolando, de 17 a 21 de setembro, no programa “Zebu para o Mundo”, transmitido pela Escola da Terra Televisão (ETTV), no Canal do Boi. Foi um ciclo de debates com a participação de pessoas ligadas ao mercado de leite sobre a atual situação do setor no Brasil.

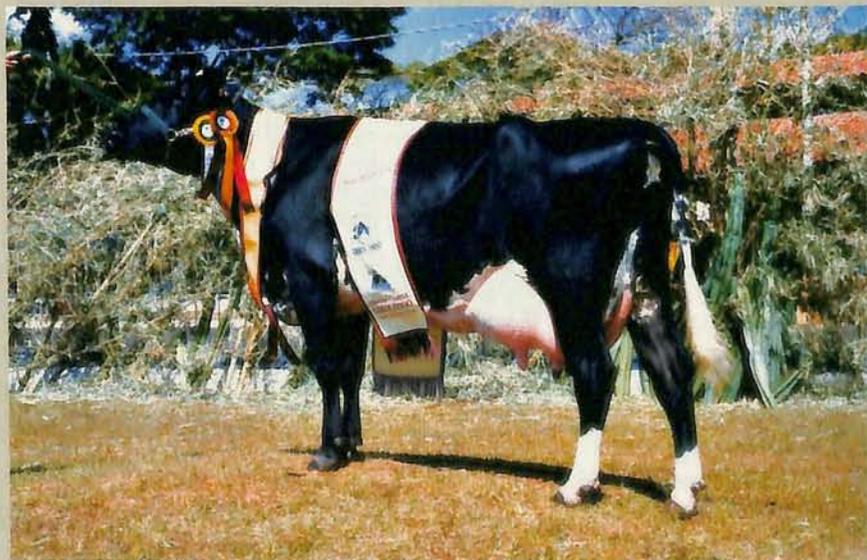
Interativo, o programa recebeu telefonemas de todo o país.

“É preciso preservar o homem no campo. Nós queremos preço mínimo para o leite. Vai ser a única maneira de segurar o produtor no

campo”, protestou o presidente da Girolando, Renato da Cunha Oliveira.

“Defendemos o tabelamento da margem de lucro no setor varejista. Antes, girava em torno de 10%, agora, alguns estabelecimentos conseguem lucrar de 20% a 45% no leite longa vida. Um absurdo! No caso do queijo, o percentual fica acima de 100%. Isso é que está matando o produtor”, disse Paulo Roberto Bernardes, presidente da Comissão Nacional de Pecuária Leiteira da CNA (Confederação Nacional da Agricultura).

O coordenador de Abastecimento e Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Sávio Rafael Pereira, saiu em defesa do governo federal. Na opinião dele, os baixos preços são resultado de uma demanda retraída. E lembrou que o governo abriu linha de financiamento de R\$ 200 milhões para financiar a formação de estoque nas indústrias.



Maruja, Campeã Suprema 3/4 da 12ª Nacional Girolando, produção acima de 8,000 kg

A importância da informação

"A arte da guerra nos ensina a não confiar na probabilidade do inimigo não vir, mas confiar sim em nossa rapidez para rechacá-lo; não na chance dele não atacar, mas em vez disso, no fato de que tornamos nossa posição invulnerável.

O verdadeiro objetivo da guerra é a paz..."

Sun Tzu, em "A Arte da Guerra" (400 A.C.)

Sun Tzu, talvez o mais respeitado estrategista na "Arte da Guerra" de toda a história, dizia ainda que o conhecimento das ciências naturais tem de ser obtido pelo raciocínio, o conhecimento das leis do universo comprovado por cálculos matemáticos, mas a informação sobre o que pensa o inimigo só pode ser averiguada por espões e apenas por eles.

As cenas de maldade e terror que paralisaram o mundo neste primeiro ano do novo século e o uniram como nunca antes na história da humanidade por um objetivo comum —o fim do terrorismo e a defesa da civilização— mostraram que após 2.500 anos os ensinamentos de Sun Tzu continuam atuais:

"Na paz, há que se preparar para a guerra; na guerra, há que se preparar para a paz. A arte da guerra é de importância vital para o Estado. É uma questão de vida ou morte, um caminho tanto para a segurança como para a ruína. Assim, em nenhuma circunstância deve ser descuidada..."

Informação e tecnologia

Uma interessante reportagem sobre as novas tendências na internet mostra que uma tradição de mais de 100 anos nos leilões de gado americanos, onde os compradores locais dos animais ficam sen-



Sergio Santos Rutowitsch

tados em torno do picadeiro fazendo seus lances com um movimento das mãos ou leve flexão da cabeça está mudando com a internet.

A tecnologia da internet está abrindo a possibilidade de vendas a uma audiência nacional, sem que perca o sabor dos leilões locais.

Leilões tradicionais

Tradicionalmente, os leilões eram usados para vender os animais jovens para os grandes confinadores no Texas, Kansas ou Nebraska. O problema é que os preços eram estabelecidos por um número limitado de compradores na audiência.

A rede agora está mudando, ainda que vagarosamente, esse mercado, com novas soluções.

Recentemente em Lexington, Kentucky, mais de oito mil bezerras de um ano foram vendidos para compradores locais e pela internet, que possibilitou que 160 novos compradores de 19 Estados participassem do leilão com lances simultâneos aos dos locais.

Os compradores de alguns estados têm a possibilidade de ver gado que nunca puderam ver antes e os vendedores locais tendo seu gado apresentado a compradores potenciais que eles nunca atingiram antes.

Quem está na beirada do picadeiro (ou assistindo por um canal de televisão) vê o gado à medida que vai entrando no tatersal. Quem acompanha pela internet o faz atra-

vés de vídeos ou telas de vídeos que são disponibilizadas tanto no local do leilão quanto na internet.

A internet não substitui, mas adiciona valor porque adiciona informação e alarga horizontes.

A diferença está no quase infinito potencial de clientes que podem acessar o leilão de longa distância, ter todas as informações que necessitam sobre os animais, acompanhar os lances e fazer os seus próprios em tempo real, com o que talvez seja o mais importante, a formação de preços se estrutura com o conhecimento de todo o universo do mercado.

A beleza do negócio e o ganho adicional é que a internet não substitui, apenas complementa e amplia o alcance dos leilões tradicionais.

O diretor de Negócios da Área de Alimentação da Universidade de Purdue predisse que "sites" da internet oferecendo a versatilidade de se comprar pela rede ou pessoalmente, será o modelo de negócios vencedor na pecuária e agricultura do futuro.

No primeiro semestre deste ano, 1,3 milhão de cabeças foram negociadas pelo novo sistema, contra 409 mil no mesmo período do ano passado —um aumento de 220%.

Este serviço vai além de exclusivamente leilões e a internet é usada para identificação dos animais, rastreamento e marketing do gado.

"Vaca louca" no Japão

O primeiro caso testado positivamente da doença de "vacas loucas" na Ásia, foi detectado em 11 de setembro no Japão. Era uma vaca Holstein de em Chiba, perto de Tóquio.

A possibilidade de se ter uma ocorrência como esta no Japão já

havia sido prevista em junho por uma comissão européia que avisara ter o governo japonês bloqueado a publicação de um relatório feito por peritos avisando que se poderia ter casos de "vaca louca" no país

Tudo leva a crer que o problema surgiu de ração animal importada da Europa, mais provavelmente da Inglaterra.

"Transponders"

Os "transponders" foram inventados faz mais de 20 anos pelos alemães, para as corridas de automóveis e bicicletas, com o objetivo de verificar com acurácia quem cruzara a linha de chegada em primeiro lugar.

Com o tempo, foram-se tornando mais e mais populares e hoje são utilizados nos pedágios das rodovias onde os carros podem passar em velocidade normal, ter seus dados transmitidos e captados pelo sistema, e automaticamente lançado o débito do pedágio na conta do proprietário.

Um "transponder" irá rastrear praticamente qualquer coisa que se mexa, sendo especialmente utilizável para plaquetas ou cartões de identificação de coisas em movimento como malas em aeroportos ou brincos em orelhas de animais. Servem até para serem ingeridos pelos animais, pois continuam detectáveis, e são muito baratos.

Quando interativos com sistemas de transmissão sem fio por rádios bases e via satélites, seu

uso facilita enormemente o manejo e gerência das grandes propriedades.

O futuro dos "transponders", agindo como transmissores em tempo integral, é tão eclético que poderão ser colocados em selos, o que permitiria ao Correio saber até quais selos emitidos foram usados. Eles tornarão nossas vidas e forma de trabalhar mais fáceis e seguras e deverão proliferar além da imaginação.

Hemopure

Uma nova forma de substituto do sangue humano derivado do sangue dos bovinos pode logo estar substituindo parte do sangue humano doado a alguns hospitais americanos.

Segundo Brian Good, no "ABCnews.com", esse substituto do sangue chamado *Hemopure* é feito da hemoglobina, que é extraída das células vermelhas do gado e purificadas. Além de ter um tempo de vida maior —antes de usadas— do que o sangue humano, o *hemopure* é compatível com todos os tipos de sangue humano e capaz de mover o oxigênio mais eficientemente do que o próprio sangue humano.

O produto já é licenciado para uso em humanos na África do Sul e seu fabricante planeja dar entrada no FDA para aprovação nos Estados Unidos, no final deste ano.

* **Sergio S. Rutowitsch é consultor consultivo da ABCZ e proprietário da Fazenda Pilar, em Marica (RJ).**
sergio@brahmanpilar.com.br

www.valfran.com.br
 valfran@valfran.com.br

valfran
 TRONCOS - BALANÇAS - DUCHAS

Matriz: Av. Nasser Marão, 2.333 - P. Industrial
 PABX: (17) 421.2111 / Fax: (17) 4213191
 CEP 15503-005 - Votuporanga - SP

Filial: Av. Castelo Branco, 2.423 S. Coimbra - Fone: (62) 233-0273 Fax: 233-0105 CEP 74530-010 Goiânia - GO



Tronco (Brete) Master



Balança Eletrônica TRU TEST Tronco (Brete) VF conj. com Bal. Eletrônica



Balança Mecânica Capacidade 1.500 Kg

Representantes Valfran

Alta Floresta/MT (65) 211-2129/ Anápolis/GO (62) 513-2033/ Campos Belos/GO (61) 651-1530/ Água Boa/MT (65) 468-1997/ Araputanga/MT (65) 261-1415/ Bacabal/MT (98) 621-5021/ Barra do Caçador/MT (65) 401-4625/ Belo Horizonte/MG (31) 3334-9043/ Brasília/DF (61) 340-7644/ Buri/MS (67) 721-5566/ Caraciaca/ES (27) 346-4666/ Crisólita/MG (33) 3611-8022/ Curvelo/MG (38) 3721-3452/ Campo Grande/MS (67) 721-5566/ Governador Valadares/MG (35) 3271-8997/ Itumbura/BA (73) 211-7815/ Ituituba/MG (34) 3268-9977/ Jabotão dos Guararapes/PE (81) 476-1365/ Macaé/AL (82) 241-9236/ Machacalis/MG (33) 3627-1303/ Mirassol D'Oeste/MT (65) 241-1162/ Montes Claros/MG (38) 3221-4622/ Nanuque/MG (33) 3621-4978/ Natal/RN (84) 213-6539/ Presidente Dutra/MA (98) 663-1386/ Quixeramobim/CE (88) 441-0295/ Recife/PE (81) 227-1805 - 227-2835/ Redenção/PA (91) 424-0784/ Rio Verde/GO (62) 621-5043/ Rondonópolis/MT (65) 421-9878/ Salvador/BA (71) 359-5882/ Santa Vitória/MG (34) 251-2466/ São Félix do Xingu/PA (91) 435-1329/ São João da Aliança/GO (61) 638-1182/ São José do Rio Preto/SP (17) 231-8607/ São Luiz/MA (98) 224-1516/ São Miguel do Araguaia/GO (62) 364-1972/ Sinop/MT (65) 531-4953/ Teresina/PI (86) 231-0173/ Tucumã/PA (91) 433-1433/ Unaí/MG (38) 676-2786/ Uberaba/MG (34) 3338-2327/ Vila Rica/MT (65) 554-1173.

Lagoa da Serra comemora 30 anos com leilão especial de prenhezes



Exemplar da raça gir participa do desfile de touros, promovido nas comemorações do aniversário de 30 anos da Lagoa da Serra

A central de inseminação artificial Lagoa da Serra comemorou em agosto 30 anos de existência. A festa foi marcada por um leilão especial de embriões resultantes do acasalamento de alguns de seus mais renomados reprodutores e matrizes. A central, localizada em Sertãozinho (SP), é uma das maiores do país, com faturamento superior a 1,45 milhão de doses por ano.

O leilão reuniu tradicionais pecuaristas e selecionadores de nelore de várias regiões do país. O pregão ofertou vacas prenhes de touros como o **1646 da Mundo Novo, Legat, Fajardo e Enlevo da Morungaba**. No total, foram

comercializadas 44 prenhezes, com faturamento de R\$ 545,3 mil (média de R\$ 12.393,18). Antes do remate, a central apresentou seus principais touros em desfile.

Duas prenhezes foram vendidas por R\$ 25,2 mil cada, atingindo o maior valor do leilão: o acasalamento da vaca **Macuna TE da Jatobá** com o touro **1646 da Mundo Novo**, ofertado por Cláudia Junqueira e adquirido pela Carpa Serrana; e o acasalamento da vaca **Babucha da Terra Boa** e o touro **1646 da Mundo Novo**, ofertado por José Luiz Niemeyer dos Santos e comprado pela Sudamata Agropecuária.

A ABCZ marcou presença no

evento, com o então presidente Rômulo Kardec, o então presidente eleito José Olavo Borges Mendes e o superintendente-geral Sérgio Paiva.

“Solicitamos aos criadores que utilizam genética dos raçadores da Lagoa da Serra que trouxessem ao remate prenhezes especialíssimas dignas do mais alto padrão de qualidade da pecuária nacional. Isso porque se tratava de um leilão único e queríamos oferecer aos pecuaristas de todo o país a oportunidade de adquirirem ventres de pais campeões nas pistas e em produtividade”, ressalta Maurício José de Lima, gerente de Marketing da central.

BRAHMAN DA SANT'ANNA



BRAHMAN DO MERCOSUL

- FERTILIDADE, PRECOCIDADE E RUSTICIDADE
- ADAPTAÇÃO NUTRICIONAL E AO MEIO AMBIENTE

FAZENDA SANT'ANNA

Fone: (18) 251-1329 / 251-1556 - Fax: (18) 3255-6775
santanna@hexalink.com.br



Angus Bela Vista

Genética Bovina - 1990



ALTA VR
BV

O ELO DA GENÉTICA MUNDIAL

Fones: (14) 3883-6257 / 6853-1039
Fax: (14) 3883-6258 - angusbelavista@uol.com.br

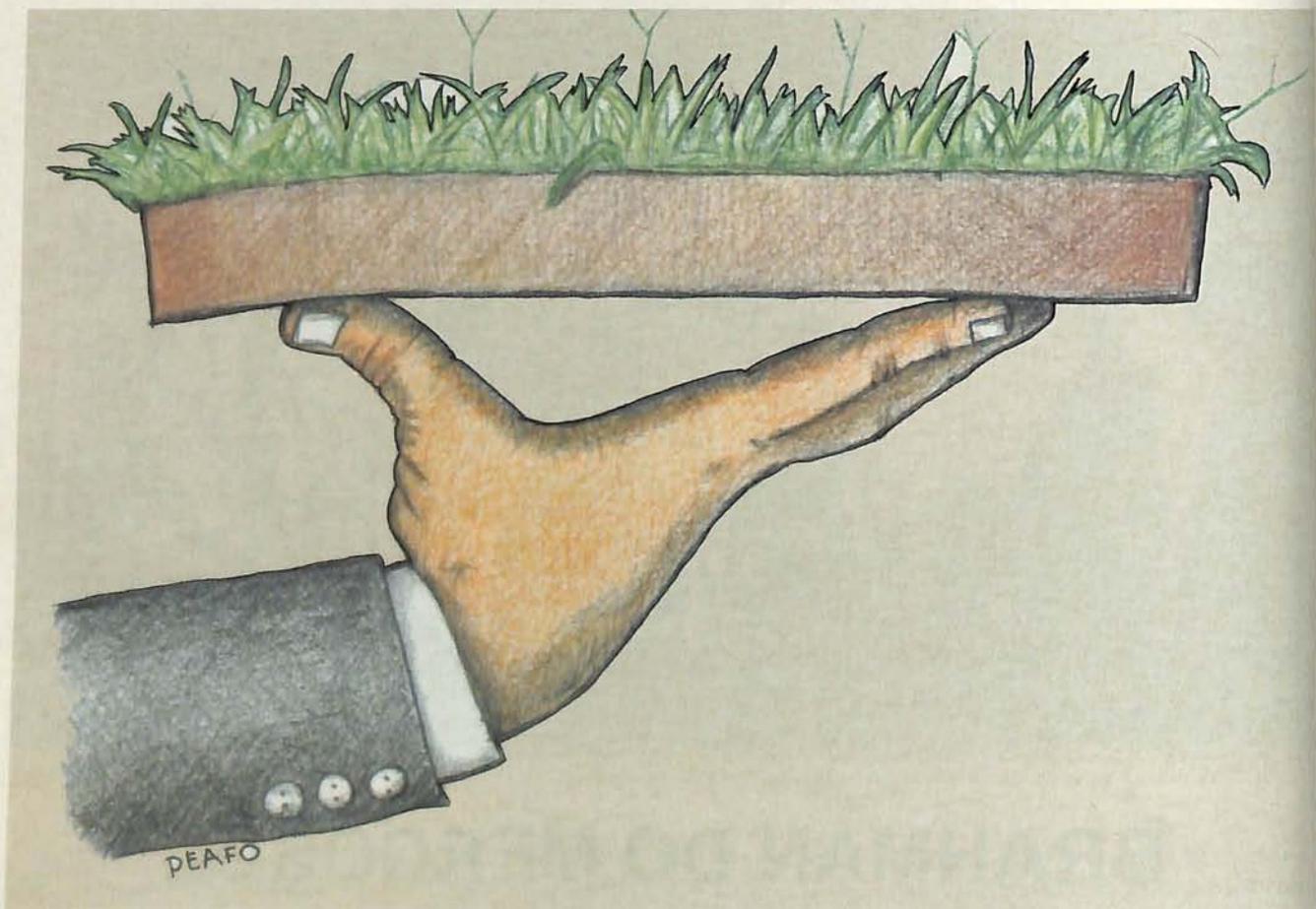
VENDA DE REPRODUTORES, VENTRES, SÊMEN E EMBRIÕES

Fazenda Sant'anna Ltda. - Rancharia - SP

Fazenda Pantanal de Cima - Formoso - TO

Manejo rotacionado

Alternativa para aumentar a rentabilidade



**Igor Rodrigues André*

Hoje, em Mato Grosso do Sul (MS), tem-se uma grande área de pastagens degradadas, devido ao manejo errado. Para entender o que é, e como se faz um manejo correto, é necessário saber que pastoreio é promover o encontro do animal com o pasto, segundo Voisin, e isso tem que ser no momento certo, em que a planta ofereça condições para ser pastoreada. Deve-se escolher uma planta que seja capaz de ter um bom rebrote após ter sido cortada pelo dente do animal, que

apresente em suas raízes ou nas bases de suas hastas reservas suficientes que permitam a formação de uma determinada parte verde, a qual, por meio de fotossíntese, permitirá o crescimento normal da planta.

Com o conhecimento básico do pastoreio, passa-se a entender como se faz um manejo correto. O manejo rotacionado é uma alternativa na qual o produtor pode encontrar o que falta para que sua propriedade torne-se rentável.

Para se fazer um pastoreio correto, exige-se um tempo de ocu-

pação curto, para que não ocorra o processo de raspagem do pasto. Porém, o tempo de repouso curto demais faz com que a pastagem não fique pronta para o próximo pastoreio. É o caso que ocorre na maioria das pastagens de MS, um processo de degradação.

Além do pastejo rotacionado melhorar as condições da pastagem, por causa do pastoreio intercalado, o pasto passa por um descanso, permitindo a formação de massa e matéria orgânica.

Os ganhos que o produtor consegue com o pastoreio rotacionado são excelentes. Além de aumentar a lotação por hectare, os animais ganham mais peso, pois comem pasto de qualidade o ano todo; e também não podemos esquecer, a pastagem bem manejada faz com que o solo não fique descoberto, sempre tendo palha que é uma fonte de matéria orgânica.

Vale lembrar que:

Um animal de 500kg come aproximadamente 13kg de matéria seca/dia.

Quando se inicia o pastoreio, onde se tem plantas de 10cm em média, durante os três primeiros dias um animal consome 68kg diários de pasto fresco, contendo aproximadamente 14,5kg de matéria seca.

Durante os três dias seguintes, o animal consome 41kg de pasto fresco e 9kg de matéria seca.

Enfim, durante os três últimos dias de pastoreio, com a pastagem já raspada, o animal só comeu 20kg de pasto fresco, contendo 4,5kg de matéria seca.

Isto nos indica que a pastagem raspada faz com que o ganho diminua e os animais atrasem sua produtividade.

Não é com uma altura muito elevada do pasto que o animal consome a quantidade máxima de pastagem, mas com uma altura média que lhe permita um trabalho mais eficiente de pastoreio.

“O boi não faz hora-extra”, pois dedica uma média de 8 horas para o pastoreio. Em pastagem de altura inicial de 10cm, os animais não fizeram nenhuma hora extra, segundo Voisin. Entretanto, os 20kg de pasto consumido satisfizeram as necessidades de manutenção, não se esforçaram para colher grande quantidade de volumoso.

No pastoreio rotacionado a pastagem tem o tempo de repouso para se restabelecer e voltar a produzir massa, aumentando a produtividade do pasto, contribuindo para o ganho do animal, onde a pastagem fica numa altura desejada em que o animal consiga maior coleta de pasto, sem se esforçar, uma média de 50kg aproximadamente, segundo Voisin, lembrando bem: com

No pastoreio rotacionado, satisfazem-se necessidades de do animal e do pasto, segundo Voisin

um bom manejo se tem pasto o ano todo.

Vale a pena ressaltar que, no pastoreio rotacionado, satisfazem-se necessidades de ambas as partes, tanto do animal, como do pasto, segundo o professor Voisin.

Necessidades do pasto:

- Tempo de descanso, onde acumula em suas raízes as reservas necessárias para o início vigoroso do rebrote.

- Sobra massa suficiente para um bom rebrote, pois o pasto não é cortado várias vezes no mesmo dia, faz-se um pastejo intercalado.

Necessidades do animal:

- Colhe maior quantidade de pasto, da melhor qualidade e sem esforço.

- Não repete o pastoreio sobre a mesma parcela, não raspa a pas-

tagem, pasta em piquetes alternados e sempre encontra qualidade.

Outro fator que deve ser lembrado pelos pecuaristas quando se faz um pastejo rotacionado é o fator tempo, pois a pastagem tem que ter um repouso maior durante a seca, por isso é preciso administrar bem esta questão, pois o tempo de recuperação é muito importante.

Quanto às divisões dos piquetes da fazenda, dependerá da quantidade de dias que a pastagem necessitará para se estruturar novamente; cada caso tem que ser analisado cautelosamente. A maneira de dividir os piquetes tem que ser analisada bem para não ocorrer desigualdade; o melhor seria contratar um agrimensor para fazer as divisões corretas.

A produção mal manejada refletirá uma produtividade baixa; assim sendo, o sucesso da pecuária depende da administração de se fazer um manejo correto da produção.

O manejo adequado tem como objetivo maximizar o lucro do produtor, evitar riscos, estresses desnecessários sobre o animal e manter o equilíbrio do ecossistema.

O culpado da degradação que ocorre com as pastagens é o homem, pois ele não sabe explorar a produtividade do pasto e dos animais com manejos corretos, usando a pastagem em pastoreios contínuos, com superlotação e sem descanso na hora certa.

Igor Rodrigues André

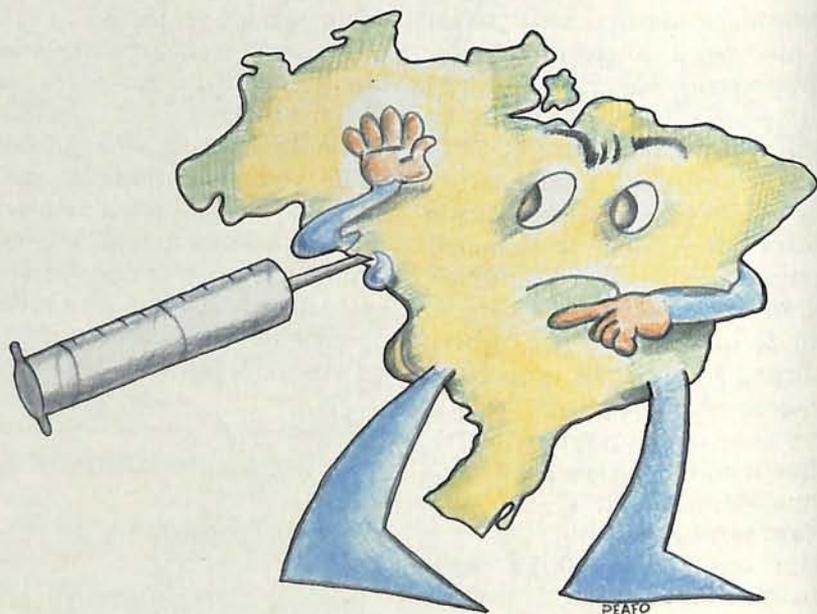
Acadêmico do 3º Ano de Administração Rural da Unigran, de Campo Grande(MS)

Colaboradores: Euclides Maranhão - coordenador do Curso de Administração Rural da Unigran e Homero Scalon Filho - professor de Zootecnia do Curso de Administração Rural da Unigran

Aftosa

Conheça um pouco mais sobre a doença

O professor aposentado da Unesp (Jaboticabal) Aramis Augusto Pinto, uma das maiores autoridades em febre aftosa no Brasil, defende a vacinação do rebanho bovino como forma de erradicar a doença. Na opinião dele, dificilmente o país deve enfrentar situação semelhante ao que aconteceu na Europa, onde aproximadamente 200 mil cabeças de gado tiveram que ser sacrificadas para controlar a disseminação da aftosa no Velho Continente.



ABCZ: A febre aftosa é uma doença que ataca animais de casco bipartido. Mas, afinal de contas o que é febre aftosa?

Aramis: A febre aftosa é uma doença infecciosa, altamente contagiosa, que afeta todos os animais de casco bipartido, como os bovinos, os ovinos, os caprinos, os bubalinos —e nós temos hoje uma porcentagem muito grande de bubalinos no Brasil—, os suínos e até animais selvagens como o veado. Os animais selvagens de casco bipartido, como o veado e o porco-do-mato são presas fáceis dos bovinos. No Pantanal, por exemplo, quando um bovino é infectado ele pode disseminar para um veado. Ou seja, os animais selvagens não são disseminadores do vírus, eles são apenas presas fáceis da virose em consequência da criação ao lado dos bovinos.

ABCZ: O homem pode ser contaminado pelo vírus da febre aftosa?

Aramis: O homem não é sensível ao vírus.

ABCZ: Se um bezerro mamar

na mãe infectada pelo vírus da aftosa, vai se contaminar. O homem também corre risco de se contaminar, se consumir leite de uma vaca que tenha contraído a doença?

Aramis: Não há problema nenhum. Os casos de febre aftosa no homem são raríssimos. Não tem mais do que três ou quatro casos na literatura. Para o homem não há perigo nenhum a ingestão do vírus da febre aftosa.

ABCZ: Como o gado contrai a doença?

Aramis: O gado adquire a febre aftosa de várias maneiras. Uma delas é: tendo um bovino infectado e um indivíduo que manipule este animal, ele pode levar o vírus para uma outra propriedade, direta ou indiretamente através do ar. O vírus da aftosa circula através do ar. O vento pode levar o vírus a longas

distâncias. Há casos de febre aftosa na Europa em que o vírus atravessou o Canal da Mancha e atingiu os rebanhos da Inglaterra.

ABCZ: Foi isso o que aconteceu no Rio Grande do Sul?

Aramis: Certamente. Por terem ocorrido casos de febre aftosa na fronteira com o Uruguai, e porque o vento levou o vírus atingindo o gado que fica na fronteira. O que já era esperado, pois o gado não tinha muita imunidade, porque fora vacinado havia um tempo longo, então, principalmente os bezerros podem se contaminar se houver um surto.

ABCZ: Por que com a constatação de foco de aftosa em um rebanho, todo ele tem que ser sacrificado?

Aramis: Eu defendo que todos

os animais devam ser sacrificados. Não só os animais infectados, mas também aqueles que tiveram contato com os animais infectados.

ABCZ: Quais são os tipos de vírus da febre aftosa?

Aramis: São sete tipos de vírus sorológicos e imunologicamente distintos. Isso quer dizer que um animal pode se infectar com sete tipos de vírus diferentes.

ABCZ: Como age a vacina contra a ação do vírus?

Aramis: A vacina é feita com as estirpes virais, ou seja, com as cepas de vírus que ocorrem na região em questão. No caso do Brasil, temos três tipos de vírus: "O", "A" e "C", com os quais são feitas as vacinas. Nós não usamos os demais porque não ocorrem aqui no continente. Somos privilegiados, até certo ponto, pois só temos esses três tipos.

ABCZ: Há riscos para a saúde do homem, caso ele consuma a carne de um animal infectado?

Aramis: A carne não faz mal algum, mas devemos evitar comê-la. O importante é que hoje, como o Brasil está entrando numa situação de país totalmente livre de aftosa —e tem bom conceito lá fora—, o produto não deve ser comercializado pela fazenda onde o vírus foi detectado. Se deixarmos essa carne ir para uma outra propriedade e cair como uma ração para suínos, esse vírus pode se disseminar e iniciar um surto nessa propriedade e as coisas ficam perdidas.

ABCZ: Então, deve-se jogar fora a carne, não porque faz mal ao homem, mas por medida de prevenção?

Aramis: Exato, é uma medida de prevenção. Nós temos que sacrificar todos os animais e dar um destino adequado para essa carne.



Técnico da ABCZ vacina contra aftosa, em uma das campanhas apoiadas pela entidade

“Nós temos que sacrificar todos os animais e dar um destino adequado para a carne contaminada”

Recuperação florestal

Muita gente boa se preocupa com pastagens e isso é bom, afinal, em tempos de boi verde, nada melhor do que um bom pasto. Mas muitos se esquecem que uma propriedade rural não pode ser apenas um grande pasto e nada mais. Mesmo porque, em última instância, de nada adianta o capim se não existe água, não é? Aqueles que desconsideram os diversos fatores que compõem uma propriedade rural, favorecendo apenas um deles, acabam desenvolvendo uma visão reducionista da propriedade.

Uma propriedade rural, qualquer que seja o tamanho, é uma unidade complexa de produção, onde diversos elementos interagem. Um deles é o meio ambiente, considerado em seus inúmeros aspectos tais como a topografia, o solo, o clima, a água, a fauna e a flora. Fica claro, portanto, que a atividade produtiva não pode deixar de levar em consideração o meio ambiente em suas infinitas combinações. Também não se pode descuidar que o maior fator de transformação e razão de existência da própria atividade produtiva rural é a sociedade humana.

Como vários fatores devem ser considerados quando se analisa a propriedade rural, a cobertura florestal, no seu conjunto: matas, florestas, matas galerias ou ciliares, capões, reservas, etc., merece nossa atenção. O assunto é polêmico e já foi objeto de regulamentação legal. O desmatamento no Brasil atingiu proporções graves e essa posição não é alarmista, é real. Num futuro próximo a devastação pode comprometer negativamente a atividade produtiva e afetar as condições de vida do homem, se é que já não está afetando.

O produtor rural não é o único responsável por esta situação.

Deve-se levar em conta que a atividade mineradora e a atividade madeireira atuam significativamente neste processo de degradação que vem ocorrendo. O quadro é sério e tem múltiplas implicações regionais e mundiais. O desmatamento afeta o equilíbrio atmosférico, aumenta o aquecimento global e agrava o efeito estufa. O ritmo do desmatamento foi muito intenso nos últimos 30 anos e, se medidas mais consistentes não forem tomadas, continuará com maior intensidade ainda. O problema não se restringe à Amazônia, no restante do país a situação não é muito diferente, sem considerar que uma boa parte das matas primitivas já não existe mais, ou foi reduzida a porção de difícil auto sustentação e regeneração. No Cerrado a situação também preocupa. O avanço da agricultura e a urbanização crescente comprometeram áreas ecologicamente frágeis e sua recuperação ficou impossível sem a intervenção humana. Ligada ao desmatamento está a questão dos recursos hídricos, cuja conservação é urgente. Os problemas do desmatamento afetam o aproveitamento das águas, ocasionam o assoreamento de reservatórios, dos rios, a erosão, a diminuição das espécies.

Para tentar corrigir e melhorar a situação, a grande colaboração que pode ser dada é através do plantio constante de árvores ou a revegetação de áreas degradadas. A recuperação florestal deve levar em conta o mecanismo de sucessão, sendo pois preciso conhecer o comportamento ambiental da região onde se executará a restauração. Algumas espécies são pioneiras, vêm primeiro, resistem mais à luminosidade, outras vêm depois, e, quando a mata se restabelece, vêm as clímax, as que se desenvol-



* Renato M. B. Carvalho

vem no ambiente típico da mata. O processo recebe influência do sombreamento, dos teores de matéria orgânica no solo, das características das sementes, como a dormência, etc. Muitas espécies são apropriadas considerando-se as mais diversas condições ecológicas encontradas no Brasil. São recomendadas as espécies nativas e os nomes populares variam em cada região. De qualquer modo, o produtor deve procurar informar-se sobre quais espécies seriam as mais indicadas para sua região. O ideal seria contar com um acompanhamento de um agrônomo ou engenheiro florestal. As espécies frutíferas atraem a fauna. Os animais têm um papel fundamental no processo de recuperação florestal e se beneficiam dele.

Pássaros e mamíferos contribuem para a disseminação de sementes através de suas fezes e atuam como agentes dispersores. É hora de a empresa rural ressaltar sua responsabilidade social e um bom caminho nesse sentido é a valorização do meio ambiente através da manutenção ou ampliação das áreas de mata nas propriedades rurais.

* Renato M. B. Carvalho, geógrafo, é coordenador de Ensino da Fazu e consultor na área ambiental. rmhar@fazu.br

Tecnologia de leite a pasto

As famílias de vacas leiteiras da São José vêm sendo selecionadas a partir de forrageiras tropicais. Nossas vacas vivem de capim. Esse é o jeito mais barato de produzir leite.



Beduino da São José participa dos testes de progênie Embrapa/Assogir e Abcgil



Bastilha da São José 2x334 - 6587 Kg. Doadora de embriões 1ª coleta 18 embriões



Extase da São José (Beduino da São José) Bastilha da São José, também participa dos testes de progênie Embrapa/Assogir e Abcgil



Girolando: carcaças com boa profundidade Tetas patas e pés nota 10

Mais de duas mil lactações encerradas com controle leiteiro oficial.

Nosso Gir tem provas zootécnicas de leite, raça e peso

Girolando registrado e de origem comprovada.

Mais de vinte matrizes superiores compõem o plantel de doadoras de embriões

Nossos animais são selecionados para aferirem eficiência e produtividade. Essa é uma das razões para explicar o grande volume de visitas que a Estância São José recebe constantemente de produtores, estudantes e clientes do Brasil e do exterior

Alberto Pereira Nunes Filho, ganhador do prêmio "The Best- o melhor criador de Gir do Brasil do ano de 2000", oferecido pela revista AG Leilões e melhor criador da Exposição de Gir Leiteiro de Brasília - DF, em abril de 2001



Venda permanente de tourinhos melhoradores com controle leiteiro oficial da ABCZ



Estância São José

Km 30 - GO-060 - Trindade - Goiás
Alberto Pereira Nunes Filho
Em Goiânia - Goiás - Brasil
Av. Castelo Branco, 4.782 Setor Rodoviário
CEP. 74430-130 - Fones - (62) 295-5005 e 295-4662
Fax: (62) 295-4216 / cel.: 9971-2161

Contatos:
Marco Elísio
Fone: (62) 9971-2161

www.girgirolando.com.br
girgirolando@girgirolando.com.br

Nelore natural

No intuito de colaborar com a ACNB em seu programa de mercadeio da carne dos bois da raça nelore criados ao natural, seja a pasto, elaboramos um esboço de recomendações para o capítulo que trata do preparo dos animais na fase de recria/engorda. A divulgação destas idéias preliminares tem como principal objetivo obter críticas e sugestões. O nome "carnel" é apenas denominativo do assunto.

I – A Carcaça

Para ser aceita no Sistema "Carnel" a carcaça deve apresentar as seguintes características, de acordo com padrões estabelecidos para os abatedouros (frigoríficos):

- 1) provir de um boi Nelore;
- 2) peso e idade:
 - machos castrados: 240/280 kg - até 6 dentes;
 - machos inteiros: - dentes de leite;
 - fêmeas: 190/250 kg - até 4



dentes;

- 3) capa gorda de 2 a 6 mm;
- 4) não apresentar lesões subcutâneas;
- 5) não apresentar estresse de pré-abate.

II – O Boi Terminado

Para se ter uma carcaça nas condições acima o boi terminado, ao chegar ao abatedouro, deve apresentar as seguintes condições:

1) ser da raça Nelore: cor branca ou cinza, cupim bem assinalado; chifres curtos, rombudos, banana ou mocho; orelhas curtas, lisas, leves e despontadas;

2) apresentar boa terminação, com maneios cheios e costelas cobertas, sem estar excessivamente gordo;

3) ter o seguinte peso vivo e idade:

• machos castrados: 450/520 kg - até 6 dentes;

• machos inteiros: - dentes de leite;

• fêmeas: 360/480 kg - até 4 dentes

4) ser tranqüilo por bom temperamento ou manejo adequado;

5) ter couro em bom estado com um mínimo de arranhões, lesões e cicatrizes de berne, carrapato e marcas a fogo;

6) mostrar boa saúde e bom estado geral.

III – O Boi/Bezerro para Engorda

A compra dos bovinos é da maior importância para uma engorda lucrativa.

a) Animal de sobre-ano (garrote ou novilha até 18 meses), deve apresentar as seguintes condições:

- raça nelore – como descrito;
- peso adequado à idade pelo porte ou por peso;



* Fernando P. Cardoso

- estado geral saudável – alerta, costelas recoberta;

- tranqüilidade sem se espantar muito com pessoas a pé seja por bom temperamento, seja por manejo adequado;

- origem conhecida, na medida do possível, de criadores que usam bons touros ou sêmen de boa origem e que mantêm o gado saudável;

- sinais de precocidade para engorda.

b) Boi castrado (2/3 anos com máximo de 4 dentes)

- raça nelore como descrito para o boi terminado;

- peso adequado: porte para 10/12 arrobas ou pesagem (300 / 350 kg); sem lesões e cicatrizes como acima;

- tranqüilidade, como descrito para bezerro;

- estado geral saudável, idem;

- origem conhecida idem;

- conformação para corte, com dorso largo de goteira, coxa longa assinalando convexidade, tórax profundo, ísquios afastados, etc.

- sinais de precocidade: canela curta, início de acúmulo de gordura nos maneios.

- ausência de lesões e cicatrizes.

IV – Manejo para Engorda

A raça Nelore apresenta peculiaridades de comportamento que

requerem atenção especial a fim de que se evitem situações de estresse (agitação, urina nervosa, fezes liqüefeitas etc), que prejudicam o crescimento e, no abate, comprometem a qualidade da carne. Para tanto se recomenda:

1) instalações adequadas ao temperamento da raça:

a) curral com mangas e tronco em curva, seringa com redução do espaço, perímetro arredondado sem cantos;

b) brete e balança pouco barulhentos;

c) vedação lateral nas mangas, seringa, tronco, brete e balança;

d) rampa de carregamento com reta final (1,5 m) horizontal.

2) cercas de arame liso, eletrificadas para evitar que se esfreguem e para fácil conservação;

3) uso de "sinuelos" ou "madrinhas", principalmente na chegada de lotes novos, para que se habituem rapidamente;

4) freqüente contato com pessoas a pé para incentivar a docilidade; circulação quinzenal pelo curral, independente de serviços, para se acostumarem com as instalações sem memorizarem correlação com dor ou desconforto;

5) recebimento com tranqüilidade, deixando em descanso no curral ou piquete com água e com os sinuelos; -movimentação calma para a pastagem, evitando qualquer situação de medo ou estresse;

6) serviço de vacinação, marcação, castração, etc, após período de adaptação;

7) lida no curral com tranqüilidade para evitar estresse: o mínimo de vaqueiros possível, sem correria e nem gritos ou gesticulação acentuada, a pé sempre que possível, com pleno conhecimento dos "pontos de fuga" e orientação dos animais através de varas com bandeirolas nas pontas. São proibidos chicote, chuços e cães;

8) o menor número possível de animais em cada lote no pasto pois o Nelore em pequenos lotes apresenta melhor desempenho em ganho de peso;

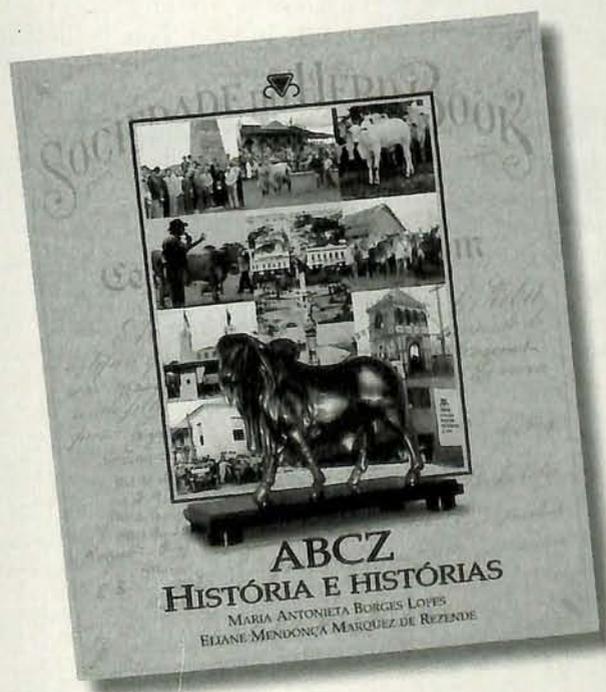
9) descarte ao final de 3/4 meses dos animais enfezados, pouco saudáveis e tristonhos;

10) não reter animais já acabados pois a conversão se torna muito baixa e o ganho de peso lento, assim antieconômico;

11) transporte em veículos com vedações laterais, não superlotados, com lotes uniformes e motoristas conscientes para evitar brechadas e manobras rápidas, atentos para levantar animais que se deitem; viagens rápidas, de preferência à noite, com o mínimo de paradas; molhar os animais em dias quentes nas viagens longas.

* *Fernando P. Cardoso, agrônomo, é consultor da Agrolida. agrolida@ig.com.br*

História e Histórias da ABCZ



Você pode adquirir por apenas R\$ 60,00, o livro que conta a história da ABCZ, a maior entidade pecuária do Brasil.

A obra é uma seqüência ampliada e atualizada de "ABCZ - 50 anos de História e estórias", das mesmas autoras, lançado no Cinquentenário da entidade, em 1984.

É fácil comprar

- Via internet, no site da ABCZ (www.abcz.org.br)
- Em todos os ETRs da ABCZ espalhados pelo Brasil
- Na sede da ABCZ em Uberaba
- Receba pelo reembolso postal em qualquer lugar do Brasil

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ABCZ

Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 - Uberaba(MG) - (34) 3319 3900 - Fax 3319-3838

Considerações sobre o peso ao nascer

Talvez devesse começar essa coluna pedindo licença a quem "já viu esse filme". É que resolvi trazer o assunto à tona outra vez. Trata-se da questão do peso ao nascer nas raças zebuínas. O artigo que se segue já foi publicado pela ABCZ no seu antigo **Informativo**, na sua edição Ano 12, nº119, maio-junho de 1995. Já se foram seis anos de lá para cá (é um pouco mais que uma geração de bovinos) mas creio que por duas razões valeria a pena retomá-lo: primeiro, pelas ótimas colocações de visão holística dos sistemas de produção em bovinos do Dr. Fernando Cardoso, veiculadas na última edição da **Revista ABCZ** e ; segundo, porque ainda remanescem dúvidas sobre o assunto. Mantivemos o texto original da primeira publicação e acrescentamos-lhe alguma idéia nova (ou aquelas que a leitura posterior nos remete à pergunta "como deixei de falar sobre isso?") que, para facilitar, estarão sempre grafadas de forma diferente.

Peso ao nascer em programa de seleção

A totalidade dos programas de seleção existentes hoje inclui a me-

didada do peso ao nascer como uma característica a ser considerada no rebanho.

Nestes programas, a abordagem que tem sido feita difere bastante do conceito mercadológico em voga, que se utiliza de altos pesos ao nascer como um trunfo absoluto de seleção, o que não é, necessariamente, verdadeiro.

O assunto merece melhores esclarecimentos e, muito embora não seja simples, tentaremos discuti-lo, ou pelo menos nos seus aspectos mais importantes, neste artigo.

O peso ao nascer sofre influências diretas da nutrição da mãe durante os últimos estágios da gestação; da idade da vaca; e da raça, tanto materna quanto paterna. Além disso, o tempo decorrido entre a tomada do peso ao nascer e o nascimento propriamente dito, pode provocar variações de até 20%, quando se considera o registro desse peso imediatamente ao nascer ou mais de 24 horas até o nascimento, considerando-se que em melhoramento o que se procura é estimar o valor genético aditivo de uma característica e esse, regra geral, se constitui em valores bem pe-



* Luiz Antonio Josahkian

quenos, distorções dessa magnitude de - de até 20% - podem levar a estimativas absolutamente incorretas]

A pesagem ao nascer, regra geral, é opcional em programas de seleção. Sua vantagem se restringe ao conhecimento mais exato do ganho pré-desmama e, mesmo para essa finalidade, ela não traz muito auxílio, pois de acordo com as fórmulas adotadas para ajustar o peso à desmama a uma idade-padrão, o uso de um peso ao nascer padrão para cada raça não diminui a precisão da medida (Fries²). Soma-se a isto o fato de que o impacto econômico da seleção para aumento de pesos ao nascimento é, em média, praticamente nulo.

As raças zebuínas desfrutam de um conceito mundial de apresentarem facilidade de parto. Parece haver dois componentes importantes para este fato: a garupa ligeiramente inclinada, que facilita a expulsão do feto; e os pesos ao nascer compatíveis com a constituição das vacas.

Daly afirma que o peso ao nascer é altamente correlacionado com a dificuldade de parto e mortalidade perinatal. As maiores perdas ocorrem com pesos ao nascer muito baixos e muito altos. Também



aqui verificamos que os extremos não são os pontos mais adequados. [algumas outras raças têm mostrado claramente esses comprometimentos, principalmente com relação aos altos pesos ao nascer associados a um aumento da musculatura dos animais. Algumas delas assumidamente apresentam essas restrições com reflexos de ordem prática de manejo. Seguramente não é o que queremos para as raças zebuínas. Considerando que os objetivos atuais de seleção das raças zebuínas incorporam também aumento de massa muscular, o melhor é antever o problema e procurar rotas alternativas de solução. Elas existem e estão basicamente pautadas na busca do equilíbrio entre todas as características de interesse econômico. Pensar na raça como um todo, em todas as fases de criação, é um compromisso que não pode ser esquecido, mesmo que para alguns a maximização de uma única característica possa significar maiores incrementos financeiros]

Tudo indica que exista um peso ao nascer ideal, intimamente ligado à sobrevivência e crescimento de bezerros, e a seleção deve tender a este ponto. Mesmo considerando a existência de correlação positiva entre peso ao nascer e ganho pré-desmama, buscar extremos de pesos ao nascer pode levar ao comprometimento do conjunto de características mais importantes em qualquer programa de seleção: fertilidade, no seu sentido mais amplo, que é a produção de uma cria viável por vaca/ano. [é natural que populações sob seleção apresentem ao longo do tempo mudanças em suas médias fenotípicas. Aliás esse é o propósito da seleção. Entretanto, se a seleção for balanceada e adequada ao sistema de produção, espera-se que essas mudanças sejam compatíveis para todas as características em jogo. Seleção direta para peso ao nascer, embora te-

nha seus reflexos no mesmo sentido para idades futuras, pode comprometer a viabilidade e adequação dos genótipos sob determinadas condições ou em determinados momentos da vida do animal. No caso específico do peso ao nascer, um aumento desbalanceado dessa característica pode comprometer exatamente os partos naturais que viabilizam a maioria dos nossos sistemas de produção. Esse problema fica mais acentuado com as práticas mais atuais de se buscar parições cada vez mais precoces nas raças zebuínas – notadamente na raça nelore – quando se estabelece uma rota de colisão entre aumento do peso ao nascer e partos de novilhas ao redor dos 22 –24 meses.]

Dessa forma, parece ser muito mais razoável que a seleção seja aplicada em pesos à desmama e sobreano, associada à precocidade e conformação dos animais, com níveis de descartes razoáveis ligados ao aspecto reprodutivo. [de acordo com o que preconiza o PMGZ – Programa de Melhoria Genética de Zebuínos (Josahkian e Machado³), o ideal na seleção de fêmeas seria o uso de critérios que valorizem o complexo de características que determi-

nem a melhor reprodutividade, ou seja, reprodução e eficiência na produção trabalhados de uma só vez, expressados através de índices como o PRS, a HMMP e o IPT. Na prática, seleção de fêmeas deve ser feita de forma bastante leve com base nos pesos ao nascer e ao desmame, descartando nessas fases somente aquelas extremamente fracas, deixando que, em um primeiro descarte, a decisão seja tomada em uma estação de monta, usando como critério para eliminação, as novilhas vazias. Isso pode reduzir também a provável possibilidade de que as bezerras mais pesadas ao desmame venham a se tornar vacas de menor habilidade materna. A capacidade reprodutiva sempre funciona como um grande regulador da adaptação e adequação de genótipos a um dado ambiente/sistema de produção.]

Quadro 1: Médias de pesos ao nascer (PN) e calculados aos 205, 365 e 550 dias de idade por raça, sexo e regime alimentar (I = pasto; II = semi-confinado, e III = confinado).

* Luiz A. Josahkian é superintendente-técnico da ABCZ e prof. da Fazu. abczsut@abcz.org.br

| RAÇA | SX | PN | 205 | | | 365 | | | 550 | | |
|------------|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | | | I | II | III | I | II | III | I | II | III |
| GIR/GIR M. | M | 26 | 131 | 157 | 169 | 184 | 236 | 256 | 240 | 337 | 350 |
| | F | 24 | 123 | 144 | 151 | 171 | 214 | 232 | 220 | 290 | 318 |
| GUZERÁ | M | 30 | 155 | 168 | 186 | 207 | 256 | 289 | 282 | 368 | 397 |
| | F | 28 | 143 | 155 | 171 | 189 | 236 | 258 | 247 | 319 | 360 |
| INDUBRASIL | M | 34 | 167 | 198 | 208 | 246 | 293 | 305 | 324 | 393 | 423 |
| | F | 31 | 154 | 180 | 192 | 220 | 269 | 286 | 279 | 357 | 389 |
| NELORE | M | 31 | 169 | 196 | 215 | 230 | 288 | 321 | 310 | 402 | 448 |
| | F | 29 | 156 | 179 | 198 | 205 | 256 | 298 | 269 | 347 | 407 |
| TAPABUÃ | M | 32 | 177 | 204 | 216 | 236 | 296 | 319 | 320 | 421 | 439 |
| | F | 30 | 164 | 186 | 202 | 212 | 274 | 293 | 280 | 375 | 413 |

Fonte: ABCZ/SUT/SMG – 2000

Classificação de carcaças

CNA recupera proposta apresentada por Cione Pardi em 1971



* Pedro Eduardo de Felício

É provável que o sistema B-R-A-S-I-L não tenha sido assimilado pelo setor

No momento em que a Confederação Nacional de Agricultura (CNA) coloca em debate um novo projeto visando substituir o atual e pouco conhecido sistema nacional de tipificação de carcaças, parece apropriado recordar um fato histórico que deveria fazer parte da cultura do setor da carne no Brasil. Trata-se do I Encontro das Associações de Pecuária de Corte que, em 1971, reuniu na cidade de São Paulo alguns dos mais importantes especialistas e criadores interes-

sados na modernização do setor.

Há dez bons trabalhos nos anais do evento, mas é a explanação do Dr. Miguel Cione Pardi a mais importante referência sobre carne. Ao relatar o trabalho de uma comissão criada pelo governo em 1970, para estudar métodos de tipificação de alguns países com o objetivo de encontrar um modelo que servisse ao Brasil, o insigne veterinário mostrava que a melhor alternativa seria a técnica francesa de identificação codificada, porque "a identificação pura e simples das carcaças, permitiria que a avaliação se adaptasse às características dos mais diversos mercados, flutuando os preços (...) de acordo com as diversificadas preferências".

A vantagem que a comissão sabidamente notara é que ela seria bem adequada ao heterogêneo mercado brasileiro, pois não era como o "grading" norte-americano, ou a "tipificación" argentina, que previam uma ordenação de tipos, de melhor a pior "qualidade". Ao contrário, visava agrupar carcaças com características semelhantes em classes homogêneas, deixando que a maior ou menor demanda diferenciasse os preços.

O problema é que eram tantas as características, que seria inviável fazer todas as anotações e a sua leitura, manual e visualmente, mas isto poderia ser resolvido suprimindo-se algumas delas. E foi o que se deu nos anos 70, quando alguns abnegados inspetores federais abraçaram a causa e conduziram testes de classificação de milhares de carcaças utilizando apenas as classes de sexo/maturidade, gordura de cobertura, conformação e restri-

ções acerca do peso quente.

Posteriormente, o governo adotou esses mesmos critérios, porém fez a opção de combinar classes — que com o tempo mostraram-se heterogêneas — dentro de tipos hierarquizados, designados pelas letras da palavra BRASIL. A legislação vigente da tipificação nacional é a Portaria Ministerial nº 612 de 05/10/89, mas o sistema ali preconizado nunca foi implementado, exceto em situações especiais em que são selecionadas as carcaças do tipo B, para atender à Cota Hilton e aos programas de novilhos precoces.

É provável que o sistema B-R-A-S-I-L não tenha sido assimilado pelo setor porque o governo substituiu o conceito de classificação pura e simples pelo de tipificação, estabelecendo que as carcaças do "tipo B" são melhores do que as do "tipo R" e assim por diante, sem nunca ter respondido com resultados de pesquisas às perguntas: Melhores em quê? Para quais mercados? E os consumidores, o que acham?

Três décadas se passaram e pouco evoluímos nessa área, relativamente ao que ocorreu em outros países. Entretanto com a tecnologia disponível hoje, se a CNA conseguir catalisar o envolvimento das entidades representativas dos demais elos da cadeia, poderemos recuperar o tempo perdido associando a classificação à rastreabilidade em código de barras reconhecidos internacionalmente.

**Pedro de Felício é professor-adjunto da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp.*

NASSIS COL - O Nelore nº 1 da COLONIAL no Sumário USP-2001



TOURO PROVADO

Zefec

X

Bnuva COL

(Tenali imp., Pandhiá imp.,
Bathak VR)

Peso em Coleta = 1.050 kg

Semêto à venda:

Lagoa
da serra
Genética à toda prova
(16) 645-2299

| | | | | | | | | | |
|--|---------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------|
| Avaliação Genética Sumário USP 2001 | RGD 18840 | DMPP 120 2,02 | DDPP 120 7,08 | DDPP 240 11,42 | DDPP 365 16,57 | DDPP 450 19,21 | DDPE 365 1,44 | DDPE 450 2,16 | MG1 2,17 |
|--|---------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------|

QUARK COL - O Nelore nº 1 do Sumário USP-2000



TOURO PROVADO

Zefec

X

Bnuva COL

(Tenali imp., Pandhiá imp.,
Bathak VR)

Peso em Coleta = 1.110 kg

Semêto à venda:

ALTA 2
BV
(34) 3390 1840

| | | | | | | | | | |
|--|----------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------|
| Avaliação Genética Sumário USP 2001 | RGD L 4810 | DMPP 120 2,83 | DDPP 120 7,84 | DDPP 240 13,20 | DDPP 365 20,33 | DDPP 450 21,01 | DDPE 365 0,96 | DDPE 450 1,05 | MG1 2,15 |
|--|----------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|--------------------|

“Nelore com Garantia de Precocidade”

COLONIAL

Agropecuária

- 31 anos de Seleção e Melhoramento Genético da Raça Nelore
- COL: + de 11.000 animais Registrados na ABCZ

Tel.: (38) 3821-1274 / 3821-1214 - www.colonialpecuaria.com.br

O vai-e-vem de ministros



Pratini: apesar de saber pouco sobre a pecuária zebuína quando assumiu, mostrou-se atento às questões da pecuária brasileira e candidata-se como um dos melhores no cargo

— Ministro, eu não agüento mais tratar disso aqui. Já vim a Brasília para várias audiências com esse mesmo assunto, que já está engavetado outra vez. Eu quero lhe explicar minuciosamente, e pedir um grande favor: me ajude nisso porque é importante—, dizia o presidente da ABCZ, enquanto chamava a atenção do interlocutor. Depois de ouvir em silêncio, o ministro pegou o telefone e ligou para assessores.

— O Rômulo da ABCZ está descendo até aí, e o que ele quer, acho que dá pra resolver em cinco minutos, pelo que me explicou. Espero que vocês o atendam.

O presidente da ABCZ desceu até o segundo andar e ouviu dos assessores: “Não é bem assim, agora o ministro quer, vocês querem...”. Em pouco tempo, foi homologada a autorização para a entrada do brahman no Brasil.

O trecho acima faz parte de um

diálogo de 1993, do presidente Rômulo Kardec com o ministro Barros Munhoz, da Agricultura.

Rômulo conta que o caso foi precedido por outros, em que a ABCZ apresentava reivindicações para a abertura das importações do brahman. “A gente ia lá, conversava com o ministro, que entregava o pedido aos assessores. Logo depois, caía o ministro. Na tentativa seguinte, nova audiência, novas explicações. O ministro de então não sabia se brahman era cerveja ou gado, começava tudo de novo.” O ministro foi um dos onze titulares da pasta da Agricultura na primeira gestão de Rômulo, que durou três anos, de agosto de 1992 a agosto de

1995, durante os governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. O ex-presidente Rômulo Kardec relembra com humor fatos como este. “Foi um período duro. Mal chegava da posse de um ministro em Brasília, para receber o anúncio da mudança do titular da pasta”, exagera, em tom de brincadeira. Ele, que foi a todas as posses na Agricultura, revela a dificuldade de se estabelecer uma parceria mais duradoura entre a ABCZ e o Ministério. “Quando a gente começava a se entrosar, o ministro mudava. Depois da posse do sucessor, tínhamos que começar tudo de novo, e explicar sobre os planos da ABCZ para o zebu. Por isso, eram planos que raramente chegavam à execução”, conta.

No segundo mandato de Rômulo Kardec na ABCZ (1998/2001), o número de ministros de Agricultura caiu para três: Arlindo Porto, Francisco Turra —que ficou pouco tempo no cargo— e o atual, Pratini de Moraes. “A permanência mais duradoura dos últimos ministros (exceto Francisco Turra)

contribuiu muito para a pecuária chegar ao estágio a que chegou”, acredita Rômulo.

Sobre os três, também há histórias a contar. Rômulo revela que Arlindo Porto, que é da nos-

sa região, “foi muito bom”. O ministro Turra, segundo Rômulo, tornou-se amigo da ABCZ, tendo visitado a entidade várias vezes, mas, logo, logo, foi mais um a deixar o cargo.

“Meu Deus, o ministro mudou

“Quando começava a se entrosar, o ministro mudava. Tínhamos que começar tudo de novo...”

mais uma vez, vai começar tudo de novo”, lamentou Rômulo, quando soube da notícia. Ele conta que foi à posse e à primeira audiência com Pratini de Moraes, onde participou de episódio que hesita em lembrar com medo de magoar o ministro, “porque é hoje um grande amigo da ABCZ”. Ao voltar de Brasília, compartilhou expectativas pouco animadoras com a Diretoria. A justificativa: seria preciso explicar tudo de novo, porque o zebu não parecia ser (e não era, mesmo) o forte do ministro.

O “homem” parecia ser mais do café e do mercado internacional, e demonstrou não conhecer nem o básico da ABCZ. Em pouco tempo, mudou-se a expectativa em torno do ministro, segundo Rômulo. “Ele é muito inteligente e absorveu tudo com muita rapidez e aceitou um convite do nosso diretor de Relações Governamentais, Jonas Barcellos para visitar Uberaba e a sede da ABCZ num fim-de-semana, fora de qualquer agenda de eventos.”

Sem protocolos e formalidades, Pratini conheceu, no campo, deta-

lhes sobre o zebu, sobre o sistema de produção de carne a pasto, e recebeu informações sobre o setor. “Batendo um papo, descontraído, o ministro inteirou-se de tudo”. Rômulo considera que, depois, Pratini vestiu a camisa da pecuária e soube entender o que o zebu significa para a economia brasileira. “Ele virou um ministro que abraçou a causa da erradicação da aftosa, e os nossos anseios para ganhar o mercado internacional.”

Tanto trabalho em favor da pecuária e do zebu rendeu ao ministro o “Mérito ABCZ Internacional 2001”, entregue durante a Expozebu. Antes disso, recorda Rômulo, Pratini havia merecido uma campanha, ao lado de associações promocionais do setor agropecuário do país, encabeçada pela ABCZ, para a sua permanência no governo Fernando Henrique.

“Em ofícios, pedimos a Fernando Henrique a permanência do ministro na pasta porque era muito útil.” Ao saber da moção de apoio, o ministro questionou, em tom de brincadeira: “então eu corro o risco de cair?”. Rômulo res-

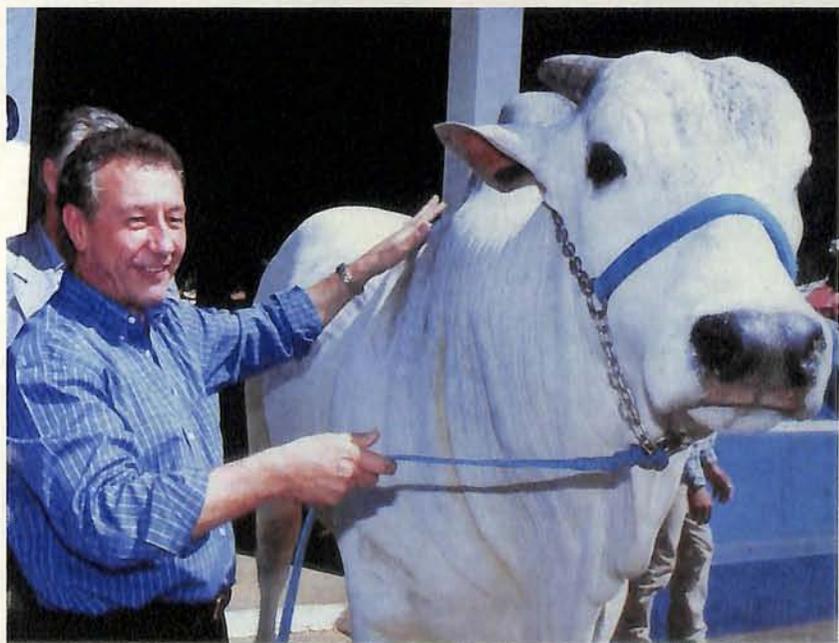
pondeu que, ao contrário, o risco era o de FHC levar o ministro para um ministério considerado de mais prestígio pelo governo federal. “Nós fomos atendidos e o resultado é que a pecuária melhorou muito com a permanência de Pratini.”



Ministro Dalpasquale: como os colegas, pouco tempo no comando da Agricultura



Ministro Porto: afinidade com a classe



Ministro Francisco Turra, na Expozebu: em pouco tempo, amigo da ABCZ

**Expressão,
Caracterização,
Beleza,
Pedigree,
Performance,
Funcionalidade,
Fertilidade,
Precocidade Sexual,
Qualidade Racial
e Econômica...**

JEITOSA JS DA BJ TE

05.08.99 • APJS J582

Fajardo da GB x Xandra da BJ
Prenhez positiva do Panagpur
com parto previsto para 11/01
Reserva Especial para o
1º Leilão JS Nelore.



O 1º Leilão do Joca

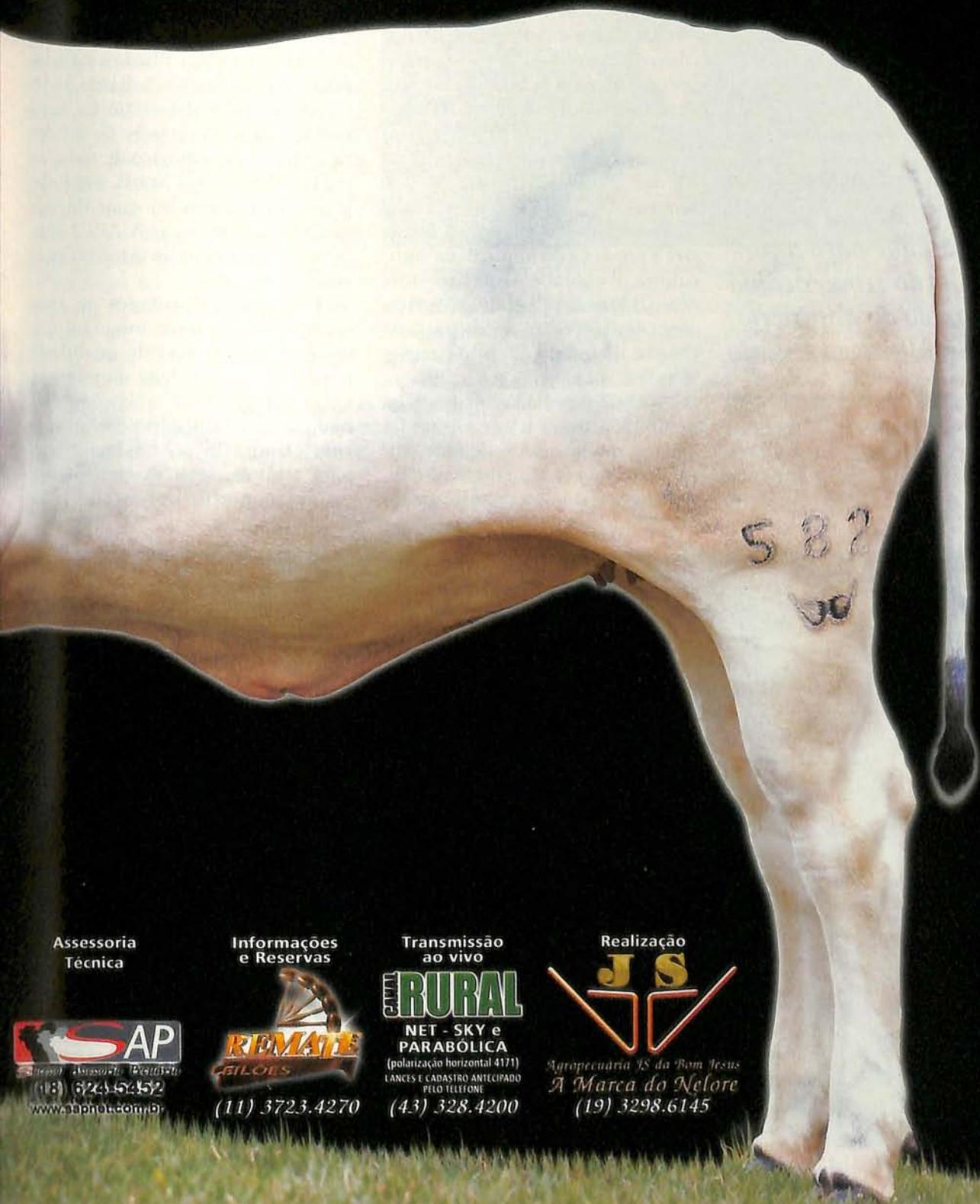
Imperdível

18 Novembro 2001

Faz. Sto. Antônio da Boa Vista



Adjetivos não faltam, quando a qualidade fala alto...



Assessoria
Técnica



Informações
e Reservas



(11) 3723.4270

Transmissão
ao vivo



NET - SKY e
PARABÓLICA
(polarização horizontal 4171)
LANÇES E CADASTRO ANTECIPADO
PELO TELEFONE
(43) 328.4200

Realização



Agropecuária JS da Bom Jesus
A Marca do Nelore
(19) 3298.6145

Fotos: Rubens Ferreira

HIS Comunicação

Nova diretoria assume com a meta de lançar um selo de qualidade ABCZ

José Olavo Borges Mendes pretende criar o selo de qualidade para a carne e leite do zebu. Medida tem apoio do Ministério da Agricultura e Pecuária

O médico e pecuarista José Olavo Borges Mendes, 58 anos, selecionador de nelore vai conduzir pela segunda vez a presidência da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu(ABCZ), desta vez no triênio 2001/2004. A posse, que aconteceu no dia 29 de agosto, foi bastante concorrida, tendo inclusive a presença do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Marcus Vinícius Pratini de Moraes. José Olavo foi eleito sem disputa de chapas, no último dia 14 de agosto com 968 votos válidos.

A ABCZ é sediada em Uberaba desde 1934, ano em que foi fundada com o nome de Sociedade Rural do Triângulo Mineiro. Está presente em todo o território nacio-

nal, com 18 escritórios regionais, cinco associações filiadas e representantes autônomos. Desde 1938, é delegada do Ministério da Agricultura para a execução do serviço de registro genealógico de todas as raças zebuínas no Brasil. Até hoje, já foram registradas mais de seis milhões de cabeças. A ABCZ tem mais de 12 mil associados no Brasil e no exterior.

Uma das prioridades de José Olavo em seu novo mandato é a criação de um selo de qualidade para a carne e do leite do zebu. Já existe uma carta de intenções assinada com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para a implantação do projeto.

Outro ponto defendido pelo



Ministro Pratini de Moraes, Rômulo Kardec e José Olavo, na solenidade de posse da nova Diretoria da ABCZ

novo presidente é o investimento cada vez maior no trabalho desenvolvido pela ABCZ, através do PMGZ (Programa de Melhoria Genética de Zebuínos).

A ABCZ é a maior entidade de raças zebuínas do mundo. O zebu, uma espécie bovina originária da Índia, foi introduzido no Brasil do final do século 19 até 1962. No período, foram importadas pouco mais de 6.000 cabeças das raças nelore, gir e guzerá.

Hoje, o sangue do zebu brasileiro está presente em 80% do rebanho nacional, estimado em 163 milhões de cabeças, seja em raças puras, sejam raças cruzadas.

As raças zebuínas puras criadas hoje no Brasil são nelore, nelore mocho, gir e gir mocha, guzerá, indubrasil, tabapuã, sindi, cangaïam e brahman.

Durante o primeiro mandato, de 1995 a 1998, José Olavo destacou-se como um empreendedor, nas áreas comercial e marketing.

O presidente eleito também re-



José Olavo cumprimenta Rômulo na mudança de comando da ABCZ

alizou trabalho para o melhoramento genético das raças zebuínas, além de uma grande atuação política da entidade, mantendo convênios com diversas entidades de pesquisa de todo o Brasil e de países interessados na criação do zebu.

Para facilitar os negócios e as vendas de zebuínos, a ABCZ, em

parceria com o Banco do Brasil criou em 1997, a Cédula de Produto Rural da Pecuária, a CPR) do Boi.

No dia seguinte à posse, a diretoria da ABCZ se reuniu na sede da entidade para definir as metas da nova gestão. O quadro é composto por 16 diretores, que vão atuar em diversas áreas da associação.



Centro de Eventos, que recebeu inúmeras personalidades e autoridades para a posse

Quem é quem na

Conheça a diretoria da A



João Antonio Prata - 1º Vice-Presidente e diretor de Comunicação e Eventos. Tem 64 anos. Oftalmologista e pecuarista. Assume pela terceira vez a primeira vice-presidência. É casado com Maria Neusa Mendonça Frateschi Prata. Tem um filho.



Paulo Ferolla da Silva - 2º vice-presidente e diretor de Relações com as Associações Promocionais. Pecuarista. Tem 69 anos. É casado com Aparecida Carneiro Ferolla. Tem três filhos. Integra a diretoria da ABCZ, desde o triênio 1992/1995.



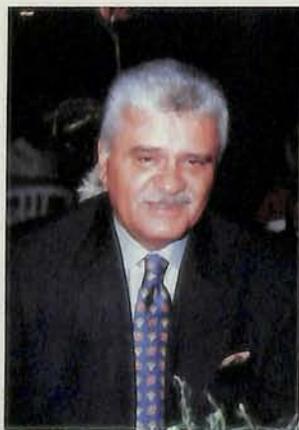
Jonas Barcellos Corrêa Filho - 3º vice-presidente e diretor de Relações Governamentais. Tem 66 anos. Engenheiro-civil, empresário e pecuarista. Realiza tradicional leilão durante a Expozebu. Casado com Paula Paiva Abreu. Tem quatro filhos.



Antônio Ernesto Werna de Salvo - também diretor de Relações Governamentais. Tem 68 anos, é engenheiro-agrônomo, pecuarista e presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). É casado com Jane Pitanguí de Salvo. Tem três filhos.



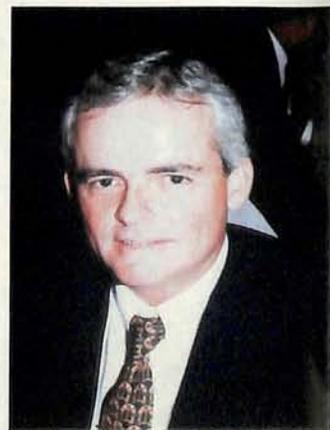
José Carlos Prata Cunha - Diretor de Relações com as Associações Promocionais. Tem 52 anos. Médico-veterinário e pecuarista. Casado com Júnia Naves Rodrigues da Cunha. Tem três filhos. Integrou outras diretorias da entidade.



Lourival Sales Parente - Diretor de Patrimônio e elo entre a Diretoria e o Nordeste. Tem 65 anos. Engenheiro-civil e pecuarista. Casado com Eliane Costa Ferreira Parente. Tem cinco filhos. Participou de outras diretorias da casa.



Luiz Humberto Carrião - Diretor de Fomento à Pecuária Zebuína de Leite. Tem 48 anos. Professor, empresário da educação e pecuarista. Casado com Neusa Sales de Andrade. Tem cinco filhos. Assina coluna na revista **ABCZ**.



Marco Túlio Andrade Barbosa - Diretor Administrativo, de Comunicação e Eventos. Tem 46 anos. Publicitário e pecuarista. Casado com Ilka Beatriz Cunha Oliveira Barbosa. Tem dois filhos. Pela primeira vez integra a diretoria.

retoria 2001- 2004

para o triênio 2001/2004



Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges - Diretor Técnico, de Filiadas e de ETRs. Tem 48 anos. Médico-veterinário, jurado de pista e pecuarista. É casado com Maria Cândida Borges. Tem quatro filhos. Já ocupou outros cargos na diretoria da ABCZ.



Arnaldo Prata Filho - Diretor Financeiro. Tem 46 anos. Engenheiro-civil, empresário do setor de comunicações (possui uma emissora de rádio) e pecuarista. É diretor pela segunda vez consecutiva. Casado com Ana Letícia Acêdo Cunha Prata. Tem dois filhos.



Dirceu de Azevedo Borges - Diretor de Marketing, Coordenação e Ensino, Sede e Recursos Humanos. Tem 69 anos. É empresário e pecuarista. É casado com Solange Maria Farhat Azevedo Borges. Tem cinco filhos. Pela primeira vez integra a diretoria.



João Machado Prata Júnior - Diretor de Parque, Centro de Eventos e Univerdecidade. Tem 45 anos. Administrador de empresas, economista, zootecnista e pecuarista. Preside o Cons. Cur. da Fundagri. Casado com Lucienne Oliveira M. Prata. Tem dois filhos.



Nelson Rafael Pineda Rodrigues - Diretor de Informática. Tem 52 anos. Engenheiro químico e pecuarista. Casado com Cláudia Pineda. Tem três filhos. Na gestão passada foi diretor-adjunto. Articulista da revista ABCZ.



Orestes Prata Tibery Júnior - Diretor de Leilões. Tem 63 anos. Tradicional pecuarista e empresário do setor de hotelaria. Já participou da diretoria da ABCZ em outras gestões. Casado com Ellen Perboni Martins. Tem cinco filhos.



Silvio Castro Cunha Júnior - Diretor de Relações Internacionais. Tem 42 anos. Engenheiro agrônomo, empresário e pecuarista. Casado com Ana Paula Sales e Castro Cunha. Tem três filhos. Pela primeira vez integra a diretoria da ABCZ.



William Koury - Diretor de Comercialização, Assuntos Fundiários e Marketing. Tem 59 anos. Presidente da Com. de Assuntos Fundiários da CNA e pecuarista. Casado com Soraia Jane Mila. Tem quatro filhos. Ocupa a diretoria desde 92.

Por Marconi Lima

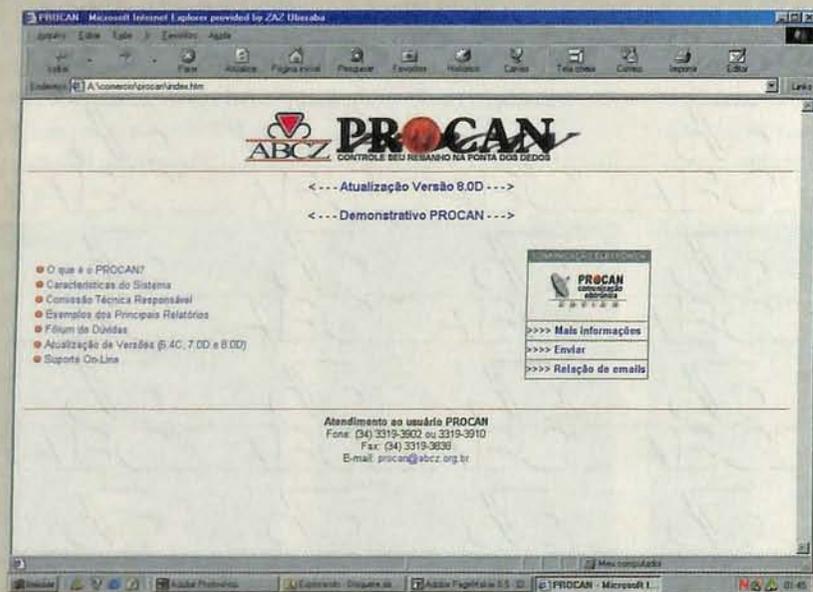
Sem burocracia: usuário do Procan já pode enviar suas comunicações eletronicamente

Uma boa novidade já está disponível para o usuário do Procan em todo o país. Os dados agora podem ser comunicados pela internet, através do site da ABCZ, a ABCZnet (www.abcz.org.br). Agora, basta entrar na ABCZnet para poder estabelecer a comunicação direta com a central de dados na sede da ABCZ. A responsável pelo Suporte à Informática, Sandra Barbosa, diz que agora o processo é feito "sem burocracia".

O Procan é o software criado

pela ABCZ para controlar o rebanho. As atualizações, periódicas, também podem ser feitas no site da ABCZ.

Para fazer a comunicação, basta clicar no banner "Procan - Comunicação Eletrônica", que está instalado na página de apresentação da ABCZnet. Uma segunda página (foto abaixo) vai-se abrir, exibindo um quadro. Nele, o usuário vai dar novo clique para chegar a um formulário onde encontrará os passos a seguir.



Grupo de selecionadores de brahman pretende investir no Brasil

O HK Ranch, dos Estados Unidos, anunciou que pretende abrir uma filial no Brasil. O anúncio foi feito à Associação Brasileira dos Criadores de Brahman.

A gerente executiva da associação, Renata Camargos, foi aos Estados Unidos escolher os animais

que poderão vir para o Brasil, para integrar o plantel de elite da raça no país.

Os diretores do grupo americano já estiveram no Brasil em visita aos principais criatórios de brahman, em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

MS ganha CTC

A pedra fundamental do Centro de Tecnologia do Couro de Mato Grosso do Sul (CTC-MS) foi lançada no dia 13 de setembro. A obra orçada em de R\$ 1,8 milhão e deve ser concluída em 2003.

Potencial

O Centro-Oeste tem a maior concentração bovina do Brasil (52 milhões de cabeças de gado) e, conseqüentemente, a maior oferta de peles. Mas, as empresas do setor calçadista compram apenas 0,58% do material produzido naquela região. A expectativa é uma reversão no quadro a partir do funcionamento do CTC.

Sofrimento

Não bastasse a queda no preço do litro de leite pago aos produtores brasileiros, eles ainda enfrentam uma das maiores cargas tributárias do mundo. Mais elevada do que a praticada por países da União Européia (1 a 6%), e do Mercosul (11%). Aqui ela chega a 20%.

Refresco

Os produtores de leite do Uruguai amargaram quedas bruscas nas vendas para o Brasil, durante o mês de setembro. O país que respondia até então por 60% a 70% das compras dos produtos lácteos exportados pelo vizinho, de acordo com dados dos produtores, vem reduzindo a aquisição dos lácteos em função da desvalorização cambial do Brasil.

RS deve abater mais de 9 mil bovinos

O Rio Grande do Sul deve contabilizar o mês de setembro o abate comercial de mais de 9.600 animais contatos. A previsão inicial era de que fossem sacrificados cerca de 11,5 mil bovinos, devido aos focos de febre aftosa que foram detectados no estado este ano.

Tudo normal no RS

O responsável pelo Departamento de Produção Animal da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, Celso dos Anjos, avalia que a operação está dentro da normalidade, levando em conta as dificuldades de negociação com os proprietários, o clima e o cronograma dos frigoríficos.

PIB do agronegócio cresceu 0,17%

O Produto Interno Bruto (PIB) global do agronegócio apresentou, no primeiro semestre do ano, um crescimento de 0,17%. A pecuária respondeu com um crescimento de 1,85% no segmento, enquanto a agricultura sofreu retração de 0,59% nos seis primeiros meses do ano. A movimentação total foi de R\$ 307,39 bilhões, neste ano, contra R\$ 306,68 bilhões obtidos no mesmo período de 2000.

R\$ 40 bi da pecuária

O PIB da agropecuária, que mede a renda da agricultura e da pecuária obtida exclusivamente dentro das fazendas, apresentou crescimento de 0,67%, de janeiro a junho deste ano. Nesse segmento a movimentação foi de R\$ 86,57 bilhões, coube à pecuária o montante de R\$ 41,35 bilhões.

ABCZ divulga zebu ao ministro da Nova Zelândia

O ex-presidente da ABCZ, Rômulo Kardec, participou, no mês de agosto, em São Paulo, do encontro de empresários do setor agropecuário brasileiro com o ministro da Agricultura e de Negociações Comerciais da Nova Zelândia James Sutton. O ministro apresen-

tou aos brasileiros dados sobre a tecnologia neozelandesa de pastagens, rastreabilidade, biotecnologia, criação e reprodução. A Nova Zelândia é um dos países de melhor tecnologia em pecuária bovina, principalmente com relação à produção de leite.

Prêmio Hildebrando Pontes

A Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba comemora em 2002 os 25 anos de implantação do seu curso de zootecnia. Para marcar a data foi instituído o prêmio "Hildebrando de Araújo Pontes", em homenagem a um dos mais importantes intelectuais e his-

toriadores de Uberaba. Pontes era agrônomo e topógrafo. A outorga se destina a profissionais, empresas ou entidades que se destacaram no ano em 2001, na defesa e busca de soluções criativas para questões ambientais nos setores agro-industrial e agropecuário.

Japão sacrificou animal com vaca louca

Confirmado o 1º caso da encefalopatia espongiforme bovina — mais conhecida como mal da "vaca louca" — no Japão, o Ministério da Agricultura do país estuda a possibilidade de exigir que criadores destruam os órgãos das vacas que sejam mais vulneráveis à doença, antes que cheguem ao mercado. A intenção é evitar o alastramento da EEB e até mesmo a infecção de seres humanos.



Contagioso

Acredita-se que a Encefalopatia Espongiforme Bovina, ou mal da "vaca louca" seja a causadora da doença de Creutzfeldt-Jakob, que afeta o sistema nervoso do homem, levando-o à morte. Se a medida do governo japonês entrar mesmo em vigor, as partes mais vulneráveis à enfermidade que são cérebro, intestino e medula, não serão mais comercializados nos supermercados e açougues do país do sol nascente.

Mais vaca louca

A doença foi descoberta em 1986 na Inglaterra e foi responsável pelo sacrifício de milhares de rebanhos em toda a Europa. O continente aliás não deve sentir saudades desse ano de 2001. Não bastasse a "vaca louca", os pecuaristas ainda sofreram com a febre aftosa. Em tempo: o governo japonês, ao primeiro sinal da doença no país, disponibilizou US\$ 13 milhões para combater a Encefalopatia Espongiforme Bovina.

Sob a lâmina da “espada”

Abate diferenciado aumenta a receita e faz dobrar a participação de judeus e muçulmanos em frigoríficos brasileiros



Para atender a judeus e muçulmanos, frigoríficos brasileiros adequam o abate às exigências dos mercados consumidores

Luciano Bitencourt

Uma dezena de rabinos se reúne para a oração sem se preocupar em interromper a linha de produção. Durante meses, animais degolados e, mais adiante, pares de dianteiros passam por uma rígida inspeção de judeus que, ora na manifestação de fé, ora no exercício do trabalho, se alternam em seus postos dentro da câmara frigorífica.

No início, a mudança na rotina da indústria e o comportamento de certos grupos religiosos parecia es-

tranha aos magarefes e compradores de boi, mas os abates diferenciados já são um nicho que multiplicou sua participação no mercado brasileiro somente no último ano, respondendo por uma fatia significativa nas exportações de carne bovina *in natura*.

Hoje, cerca de 30% do total anual dessas exportações vão para o Oriente Médio, de acordo com dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). Há um ano, esse montante era de 10%.

São na verdade 33,1 mil toneladas de carne bovina *in natura* vendidas (de janeiro a maio deste ano) para países como Israel, Irã e Líbano —compreendendo dianteiros completos e partes do traseiro, que são comercializados por melhores preços e em dólar. Este ano, de janeiro a setembro, época em que os judeus e muçulmanos se abastecem de carne, as indústrias brasileiras que atendem esse mercado chegaram a fechar contratos envolvendo, cada um, uma média de 60 mil dianteiros.

Atender essas nações, porém, resulta numa alteração na linha de produção da indústria frigorífica em razão das tradições religiosas. O animal degolado ainda vivo, função que é obrigatoriamente realizada pelos próprios rabinos, é uma das primeiras exigências impostas para o abate dos bovinos, em se tratando dos judeus, por exemplo.

“Depois, eles inspecionam o pulmão e o tendão e verificam a aderência dos mesmos na carcaça”, explicou Gérson Raimundi, técnico industrial do Frigorífico Goiás Carne, de Goiânia(GO), ressaltando que todas essas normas atendem à produção de alimentos com o padrão Kosher (veja quadro). O trabalho prossegue com os judeus identificando e carimbando as carcaças.

Com os muçulmanos, o abate também é feito a partir da degola, mas, antes, o animal é atordoado com uma pistola pneumática e, depois, pendurado pelo gancho por uma das patas traseiras.

De acordo com Raimundi, para os judeus, os zebuínos puros da raça nelore alcançam o menor índice de rejeição, ou seja, aproximadamente 18%, enquanto que os cruzamentos vão além dos 30%. “Para o Irã, não há muita diferenciação, eles aprovam quase tudo, descartam só 5%”, comentou o técnico.

A preferência dos judeus pelo nelore se justifica, a princípio, pela pelagem branca da raça e pela menor aderência do pulmão na carcaça, características que não são peculiares aos animais cruzados e de cor escura. Quanto aos iranianos, a preocupação é com carcaças magras, animais jovens de até quatro anos (seis dentes) e com pouca cobertura de gordura —algo em torno de 3 mm sobre a carcaça.

Exclusividade. Na indústria, Israel exige ainda que a desossa dos dianteiros seja feita separada dos

traseiros. Com isso, ao fechar um contrato com os rabinos, o frigorífico Marfrig tem de reservar a parte da manhã (das 6h às 10h30), nas unidades de Promissão (SP) e Bataguáçu (MS), só para a desossa da carne a ser vendida. O abate, que normalmente gira em torno de 90 bois por hora, cai em média para 75 e até 70 bois, de acordo com Daniel Furkim, que é zootecnista.

Responsável pelo projeto de

Zebuino puro da raça nelore alcança menor índice de rejeição dos judeus

qualidade de carne da indústria, Furkim explicou que, para o Irã, a desossa dos dianteiros e traseiros também tem de ser separada das demais peças, provocando, igualmente, mudança de horário no abate dos lotes. “Aqueles escolhidos por eles, devem ser abatidos primeiro. Com isso, a média diminui ainda mais, cai para 70 e 60 bois por hora

com os iranianos”, contabilizou.

Os contratos com frigoríficos de médio porte no Brasil, como no caso do Marfrig, colocam a indústria à disposição dos compradores por volta de três meses. Diariamente, são abatidos cerca de 500 bois (1.000 dianteiros), para judeus, e 360, para os iranianos. “Em ambos os casos, por razões religiosas, são aceitos apenas animais machos, em hipótese alguma fêmeas”, salientou Furkim.

Vantagens. Apesar de todas as complicações, judeus e iranianos pagam muito bem pelo dianteiro que, para o mercado interno, não possui nenhum valor diferencial agregado. A comercialização dessa peça no Brasil segue o preço de mercado do dia, “enquanto eles pagam em dólar”, completou Furkim. No caso do traseiro, os iranianos não levam os cortes mais nobres (filé mignon, contrafilé, picanha e o noix) que são bastante valorizados tanto externo, quanto internamente (veja quadro abaixo).

O Oriente Médio e, ainda, o Chile, exemplificou o técnico Raimundi, são bons mercados de exportação para frigoríficos, como o Goiás Carne, que não industria-

O que eles compram?

Israel e Irã importam o dianteiro completo com todos os cortes (peito, paleta, acém, músculo). As peças têm de ser bem limpas e o excesso de gordura, sebo, coágulos e gânglios, é retirado. Para Israel, a carcaça é serrada entre a nona e a décima colunas (no Brasil é entre a quinta e a sexta costelas). Onde os judeus seram a coluna situa-se o noix (um corte de carne), ou a ponta do contrafilé, o que no caso seria o único corte referente ao traseiro que é levado por eles. Dos miú-

dos, são importados pulmão, língua, carne de bochecha e os tendões dianteiro e traseiro. Os três últimos passam por uma salmoura de aproximadamente meia hora, para posterior embalagem e congelamento. Com exceção do filé mignon, contrafilé, picanha e noix, o Irã importa todos os cortes do traseiro exigindo neles o mesmo padrão de limpeza do dianteiro.

A carcaça é serrada normalmente entre a quinta e sexta costelas para os iranianos.



Rabino, observado pelo colega, exhibe a faca que usa para o abate diferenciado de bois em frigoríficos brasileiros

lizam o produto, vendendo-o *in natura*. Atualmente, o processamento de dianteiros para exportação (EUA e Europa) está a cargo de indústrias como o Bertin, que é um dos maiores frigoríficos do país e dono de uma fatia de 5% do abate nacional de gado.

Mercado a trabalhar. "Israel, Irã e Líbano são ótimos clientes", destacou Ênio Marques, diretor executivo da Abiec, "mas a negociação futura com esses países se tornará cada vez mais instável, à medida que a União Européia for recuperando a credibilidade de seus produtos de origem bovina", disse, em tom de alerta.

Os focos de febre aftosa detectados em rebanhos argentino e uruguaio, além do impasse da "vaca louca" na Europa, segundo Marques, provocaram a migração de certos compradores estrangeiros (*traders*) para a indústria frigorífica brasileira. O Brasil pode ter ficado sozinho na oferta de carne bovina *in natura* de qualidade para países do Oriente Médio, mas o executivo da Abiec disse acreditar que a

manutenção desse cenário depende de dois fatores: as políticas internacionais e as reformas internas. "O Brasil tem preço e qualidade, o que é bastante competitivo. No entanto, sua participação no mercado mundial ainda é de 10%", reclamou.

Marques parece criticar com razão. O Chile, que pretende se tornar um grande concorrente do Brasil no continente, espera multiplicar 20 vezes suas exportações nos próximos cinco anos, através da propaganda, levada a cabo pelo

Ministério da Agricultura, de que seu rebanho se encontra completamente livre de febre aftosa.

Informações divulgadas pela Federação Nacional dos Produtores de Carne daquele país dizem que Europa e Japão serão os primeiros mercados a serem trabalhados.

"É bom lembrar novamente que são os compradores estrangeiros que estão indicando ao Oriente Médio a nossa carne. Se perdermos competitividade, perdermos o cliente", concluiu o executivo.

Quadro Kosher

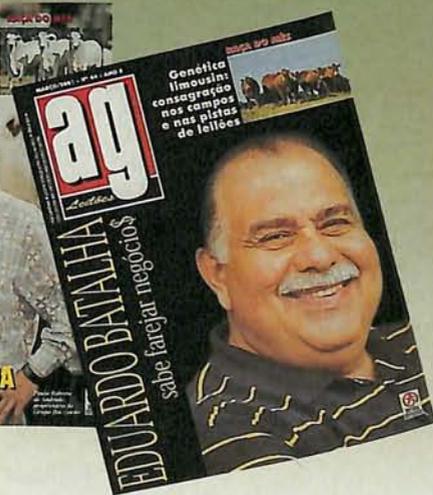
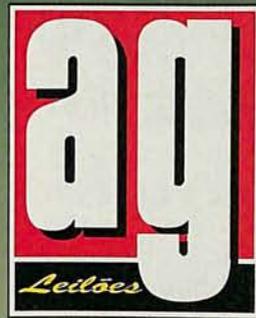
Judeus e muçulmanos possuem regras alimentares que acompanham suas tradições religiosas. Por essas razões, a matéria-prima tem de ser selecionada, bem como o abate de animais, preparo e consumo de alimentos - o que se estende a outras normas (uso de

utensílios, dias sagrados...). Um alimento Kosher atende às exigências de preparo e consumo, segundo as leis de ambos os povos.

O termo ou o "selo" é aplicado também a carnes de cordeiro, frango e peixes com escamas.

Assine a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL



E receba
GRÁTIS



IVOMECC GOLD ou EPRINEX da MERIAL

É isso mesmo, você assina a principal revista de agronegócios do país, recebe AG Leilões, a publicação mais quente da pecuária brasileira, e leva **GRÁTIS** Ivomec Gold ou Eprinex da Merial.

Ligue agora mesmo **(51) 233-1822**

PROMOÇÃO POR TEMPO LIMITADO

Zebu - do pasto ao prato

Parceria permitiu avaliar sistemas diferentes de reforma de pastagem

***Leonardo de Oliveira Fernandes**

Em sistemas semi-intensivos e intensivos de produção de carne, as pastagens possuem um papel de fundamental importância por constituírem a base da alimentação animal. Na pecuária de corte, onde estes sistemas de criação são adotados, as pastagens representam um patrimônio que deve ser preservado, a fim de assegurar a economicidade do sistema de produção.

No Brasil, observa-se produção de 50 quilos de carne/ha/ano; taxa de natalidade de 60%, idade ao abate de 48 meses, taxa de abate de

17%, taxa de lotação de 0,9 animal/ha e rendimento de carcaça de 53%. Mas, a exploração intensiva das pastagens permite atingir seguramente 1.500 quilos de carne/ha/ano; taxa de natalidade de 80%, idade ao abate de 30 meses, taxa de abate de 22%, taxa de lotação de 1,6 animal/ha e rendimento de carcaça de 55%, refletindo a realidade da produção de carne nas condições de Brasil. Condições adversas para produção de carne existem em diversas regiões do mundo, sendo necessário desenvolver e aplicar tecnologia para possibilitar maiores produções, tornando-as economicamente viáveis.

Para modificar este perfil, deve-

se iniciar melhorando as condições produtivas das pastagens, já que 50% das áreas de pastagens no Brasil estão degradadas e outros 50% encontram-se em processo de degradação.

Com este intuito, a ABCZ, Fazu-Fundagri e Monsanto iniciaram em fevereiro de 2000 uma parceria com o objetivo de avaliar diferentes estratégias de renovação de pastagens e seu impacto direto na produção de carne em pastagens manejadas intensivamente. O projeto foi denominado Zebu do pasto ao prato.

O trabalho foi conduzido entre fevereiro de 2000 e março de 2001, no Centro de Pesquisas da ABCZ.



Piquetes, com capim produzido no centro de pesquisas, através do sistema de plantio direto, para o projeto "Zebu - do pasto ao prato"



José Olavo, com o ex-pres. Rômulo, participa do dia-de-campo, ao lado do presidente do Conselho Curador da Fundagri, João Machado, e da diretora da Fazu, Dionir Andrade

na Univerdecidade em Uberaba, localizada a 19° 45'56" de latitude sul e 47°57' de longitude oeste, numa altitude de 774 m. A precipitação anual média foi de 1.684,6 mm. A área estava ocupada com pastagem de brachiaria ruziziensis degradada, realizando três estratégias de renovação de pastagens e uma estratégia de recuperação:

- Brachiaria ruziziensis degradada, renovada através de plantio associado entre o sorgo AG 2501 e o capim mombaça, em sistema de plantio direto (2,4 ha);

- Brachiaria ruziziensis degradada, renovada através de plantio associado entre o sorgo AG 2501 e o capim braquiarião, em sistema de plantio direto (2,4 ha);

- Brachiaria ruziziensis degradada, renovada através de plantio direto do capim mombaça (2,4 ha);

- Brachiaria ruziziensis degradada, submetida à recuperação através de manejo adequado para a espécie (2,4 ha). Este sistema serviu de unidade comparativa para os demais (testemunha).

As atividades de implantação do pastejo foram iniciadas em janeiro de 2000. O plantio foi realizado em fevereiro de 2000. Todos os quatro modelos foram manejados em sis-

tema de pastejo rotacionado, com quatro piquetes cada, proporcionando um período de descanso de 30 dias e um período de ocupação de dez dias.

A formação das pastagens foi feita em sistema de plantio direto, após aplicação do produto Roundup WG (Monsanto), na dosagem de 2,5 litros/ha. O pastejo foi iniciado em 11 de abril deste ano, após 45 dias de plantio para os sistemas que utilizaram o sorgo em associação e o sistema de brachiaria ruziziensis. Para o sistema de mombaça sem associação com o sorgo, o pastejo foi iniciado após 80 dias do plantio.

O grande objetivo da associação do sorgo no processo de plantio foi iniciar o primeiro pastejo mais cedo pode-se iniciar pastejo com 35 dias-

, fazendo com que se inicie a utilização da área mais rapidamente. Além desta vantagem pode-se afirmar que sistemas tardios (fevereiro) de formação de pastagem com formação após produção de grãos (soja) podem ser viabilizados com esta tecnologia, fornecendo forragem de alta qualidade durante o início do período de seca. Para avaliação do desempenho animal, foram utilizados zebuínos das raças nelore, gir, guzerá e tabapuã, todos inteiros, controlados pela ABCZ, pesando, no início do trabalho, seis arrobas, em média.

Nas áreas onde a forrageira foi associada com sorgo, após três pastejos, já se observava a dominância da espécie forrageira introduzida, desaparecendo quase que totalmente as plantas de sorgo.

Durante o período experimental a pressão de pastejo foi mantida em 5%, o que proporcionou uma boa oferta de forragem para os bovinos e possibilitou um bom manejo da forrageira. Para um manejo eficiente, sempre após a saída dos animais de cada piquete foi deixado resíduo compatível com a espécie trabalhada: sorgo (40 cm); braquiarião (25 cm); mombaça (35 cm); braquiaria ruziziensis (20 cm).

O resíduo pós-pastejo e o descanso da área são de extrema importância para uma rápida recuperação, proporcionando uma maior produção da gramínea.

Em cada mudança de animais de piquete foram realizadas avaliações de disponibilidade de forragem para

Tabela 1 - Composição química da forragem durante o período experimental

| | Sorgo + Mombaça | Sorgo + Brachiaria | Mombaça | Testem. |
|----------------------------------|--------------------|-----------------------|---------|---------|
| Proteína bruta (%MS) | 11,42 | 12,63 | 11,02 | 5,58 |
| Cálcio (%MS) | 0,36 | 0,52 | 0,55 | 0,55 |
| Fósforo (%MS) | 0,16 | 0,21 | 0,13 | 0,16 |
| Fibra em detergente neutro (%MS) | 67,36 | 64,21 | 69,89 | 65,46 |
| Fibra em detergente ácido (%MS) | 34,85 | 32,41 | 37,11 | 35,70 |

que a carga animal fosse acertada. Foram coletadas amostras de forragem, sendo encaminhadas para o laboratório da Fazu, para realização das análises laboratoriais.

Na tabela 1, observa-se que a composição química das forrageiras apresentou valores compatíveis com os encontrados na literatura em condições de pastejo rotacionado. Este fato possibilitou um bom desempenho animal, que, associado a altas taxas de lotação, permitiu uma grande produção de

carne/ha.

Analisando os dados técnicos e econômicos observados (ver tabela 2), verifica-se que todos os sistemas foram eficientes, havendo superioridade na receita líquida/ha/ano para os sistemas sorgo + mombaça, seguido pelo sistema mombaça sem associação, sorgo + braquiário e testemunha. Mesmo o sistema com braquiária ruziziensis (testemunha) apresentou excepcional desempenho técnico e econômico quando se com-

para com os índices observados na pecuária, demonstrando que manejo eficiente é capaz de alterar o perfil de sistemas de produção de carne sem grandes investimentos.

Através dos dados pode-se concluir que a tecnologia de formação de pastagens, em associação ou não com sorgo, sob condições de plantio direto, além de demonstrar-se extremamente eficiente, permite uma diminuição no custo de formação, já que diminui o número de horas de máquinas agrícolas no processo. Conclui-se também que sistemas de investimento mínimo como manejo eficiente podem viabilizar a produção de carne a pasto. E que sistemas intensivos de produção de carne a pasto fazem com que o setor se torne competitivo com outras atividades agropecuárias, como pode ser verificado avaliando a renda líquida e a taxa de retorno do capital investido verificado neste trabalho.

* *Leonardo de Oliveira Fernandes, zootecnista, é prof. da Fazu) e pesquisador da Epamig. lofnaf@terra.com.br*

Tabela 2 - Resultados técnicos e econômicos

| Índice avaliado | S+Mombaça | S+ Brachiaria | Mombaça | Testem. |
|---|-----------|---------------|---------|---------|
| Taxa de lotação UA/ha | 4,12 | 4,00 | 3,39 | 1,17 |
| Ganho médio diário (kg) Kg PV/ha/ano | 0,664 | 0,508 | 0,791 | 0,502 |
| @ produzidas/ha/ano | 45,52 | 38,93 | 40,81 | 14,25 |
| Custo total /ha (R\$) | 2734,54 | 3065,69 | 2011,29 | 799,92 |
| Custo/@ (R\$) | 31,12 | 35,47 | 30,54 | 28,24 |
| Receita líquida/ha (R\$) | 868,15 | 478,87 | 801,13 | 361,77 |
| Taxa de retorno (%) | 31,74 | 15,62 | 39,83 | 45,22 |



Pecuaristas conhecem, no centro de pesquisas da ABCZ, o resultado prático do programa "Zebu - do pasto ao prato"

VESTIBULAR DEZ ' 2001



Novos Cursos
da Fazu:

A novidade que é
o maior sucesso!



U B E R A B A - M G

INSCRIÇÕES:

de 10 de Novembro a 10 de Dezembro

PROVAS:

15 de Dezembro

CURSOS DIURNOS

- Agronomia
- Zootecnia
- Engenharia de Alimentos

CURSOS NOTURNOS

- Engenharia Ambiental
- Licenciatura em Letras (Português-Inglês / Português-Espanhol)
- Licenciatura em Computação
- Licenciatura em Química
- Secretariado Executivo Bilíngue

Gratuidade integral para o 1º colocado de todos os cursos

FAZU
FUNDAGRI

Home: www.fazu.br - E-mail: fazu@fazu.br
0800 34 30 33
Av. Tutunas, 720. PABX: (34) 3315-4188

Apoio:
ABCZ



Produtos de limpeza, fabricados com sebo, um subproduto do boi usado como o matéria-prima também para a indústria farmacêutica

Matéria-prima em milhões de toneladas

Quatrocentas e cinquenta mil toneladas de sebo de boi estão sendo direcionadas anualmente no Brasil só para atender à produção de dois itens básicos na limpeza da casa e na higiene pessoal: o sabão e o sabonete. Por mês, saem das indústrias no país quase 50 milhões de toneladas dos dois produtos.

Com isso, o sebo de boi se tornou a matéria-prima de origem bovina mais utilizada na indústria do gênero. Dono do maior rebanho comercial do mundo, o Brasil ocupa, simultaneamente, o primeiro lugar na produção e consumo do subproduto, ao lado da Índia e da China (as duas maiores populações do planeta).

Um posto que dificilmente o país deve deixar de ocupar nos pró-

ximos anos. Em virtude da abertura comercial da última década, o preço do sebo se igualou ao do mercado exterior —onde os valores sempre estiveram em baixa.

“Quando o mercado brasileiro era fechado, o sebo custava caro. Depois da abertura, o preço estabilizou-se. Ou seja, hoje, se especularem aqui, as indústrias buscam fora”, disse João Francisco Neves, engenheiro-químico e consultor da Associação Brasileira das Indústrias de Sabão e Artefatos (Abisa), informando que uma tonelada do subproduto é comercializada em média de R\$ 400,00 a R\$ 550,00.

Apesar de o surto de doenças bovinas detectados recentemente em todo mundo ter aumentado o receio do uso e do consumo dos

produtos de origem animal, Neves afirmou que nunca presenciou qualquer restrição por parte de grandes empresas quanto ao emprego dessa matéria-prima.

Das multinacionais Gessy Lever e Colgate-Palmolive do Brasil, até as indústrias brasileiras responsáveis por marcas como o sabão Minuano, por exemplo, o sebo de boi é usado em larga escala, de acordo com ele. “Muitas delas recorrem também ao sebo de óleos láureos, que é de origem vegetal. O uso anual desse subproduto equivale, no entanto, a 10% ao do sebo de boi”, comentou o químico, descartando a possibilidade de qualquer outra matéria-prima vir a substituí-lo a curto prazo.

Todo o volume de sebo de boi

oriundo das indústrias do grupo Friboi, o segundo maior frigorífico do país, vão para a Divisão Flora, Higiene e Limpeza, em Luziânia (GO), para se transformar em sabão e sabonete. O primeiro, que leva a marca Minuano, responde por uma fatia de 14% do mercado brasileiro de sabão —algo em torno de 6 milhões de toneladas produzidas todo mês.

“Contamos também com duas marcas fortes de sabonete no mercado”, disse Moacir Sanini, diretor comercial da divisão. Do sebo produzido no Friboi, Sanini informou que é retirado ainda a glicerina pura, componente que é vendida para a indústria cosmética, farmacêutica e alimentícia.

Múltipla utilização. Não é exagero dizer que a utilização de subprodutos na indústria é infinita. Um deles apenas, como o colágeno, por exemplo, atende desde a indústria de cosméticos, até a alimentícia e farmacêutica. Mas para entender a produção dessas matérias-primas é preciso conhecer o funcionamento de uma indústria frigorífica.

O zootecnista Eduardo Krisztán Pedroso utiliza, regularmente, o seguinte exemplo em suas palestras: “imaginem uma indústria automobilística: peça por peça o carro vai sendo montado. No frigorífico é o mesmo modelo, só que o inverso. O boi chega inteiro e depois todas as suas peças são separadas”.

Dessas peças, onde, segundo o ditado popular, “só não se aproveita o berro” são extraídos os produtos (volume de carne) e subprodutos do boi. “Do último, se produz até fio dental”, esclarece Pedroso, que é gerente executivo da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB).

De acordo com o trabalho “O que é que o bovino tem”, de Luiz Antônio Pinazza e Régis Allimandro, apresentando no último Congresso Brasileiro das Raças

Zebuínas, um bovino começa a fornecer matéria-prima desde o momento em que está no curral no período que antecede o abate

—quando deixa cerca de 15 quilos de esterco usados na indústria para a produção de biogás e adubo. Os autores do texto apontam:

“Um animal que sai pronto da fazenda com aproximadamente 468 quilos, acaba rendendo depois

de sacrificado cerca de 388 quilos, em razão das perdas pré-abate (transporte, jejum e cansaço) e da matança (sangria). Esse peso final corresponde a 255 quilos de carcaça quente (54%), 7,3 quilos de carne industrial (1,6%), 12,9 quilos de miúdos e glândulas (2,8%), 48 quilos de sangue, ossos e gordura (10,2%) e 65 quilos de mocotó, couro, intestino, bucho e outros.”

Curtumes e pecuaristas lucram com a valorização do couro

Maiores lucros. Apesar de exigir maiores cuidados (tratamentos), o couro é a matéria-prima mais promissora no mercado de subprodutos, já que se apresenta como a mais rentável para a indústria e, talvez no futuro, também para o pecuarista. Nos últimos quatro anos, o setor obteve um saldo positivo que oscilou numa média anual de US\$ 1,85 bilhão. Um crescimento que contrasta, porém, com a realidade da produção de couros no Brasil.

Os curtumes remuneraram o couro cru brasileiro na última década pela metade do valor recebido pelo produto nos Estados Unidos, segundo o zootecnista Vinícius Batemarque. Através de uma pesquisa realizada há três anos no setor coureiro, Batemarque constatou que apenas 5% dos couros americanos apresentaram os defeitos que são encontrados em 93% dos couros brasileiros.

“O mercado remunerou a subqualidade oferecida com sub-preço. Quem perdeu foi o produtor”, concluiu Batemarque, ao esclarecer que o pecuarista sempre recebeu, mesmo que pouco, pelo subproduto “apesar de a maioria das pessoas achar que não”.

A qualidade do couro brasilei-

ro é uma das preocupações que levaram o estado do Mato Grosso do Sul, que possui o maior rebanho bovino do país e realiza o maior número de abates, a criar, através da Embrapa Gado de Corte, o Centro de Tecnologia do Couro (CTC-MS).

Segundo o pesquisador Alberto Gomes, os curtumes do estado estão com dificuldade de encontrar até mesmo couros de quarta categoria - nos Estados Unidos 85% da produção é classificada como Tipo 1. São perdas de R\$280 mil por dia para o Mato Grosso do Sul. “Com o CTC, poderemos trabalhar o aperfeiçoamento desse subproduto animal”, destacou o representante da Embrapa, Edson Espíndola.

Não é por menos que o couro, em se tratando dos subprodutos, é a “menina-dos-olhos” do estado. Além do contingente bovino, o Mato Grosso do Sul possui cerca de 33 frigoríficos, com capacidade para abater 15 mil cabeças por dia ou 5 milhões por ano; 8 curtumes em funcionamento e outros 5 em processo de instalação, com capacidade de processamento de 4 milhões de pele por ano. O couro está em 7º lugar no ranking das exportações do estado (4,71%).

Tecnologia básica de manejo (TBM)

Aumento da eficiência bioeconômica na bovinocultura de corte

***Antonio Bento Mancio**

A pecuária de corte, apesar de ser responsável por aproximadamente 40% do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola brasileiro, apresenta índices incompatíveis com as demandas do mercado atual, de economia globalizada.

Essa atividade vem, na grande maioria das fazendas, sendo conduzida de forma extrativista. Tal distorção demonstra o descompasso com as exigências de mercado, com um resultado negativo à transformação da pecuária de corte em oferecer produtos cárneos de qualidade.

A busca de soluções deve ser de forma sistêmica, isto é, em cada propriedade existem diferentes componentes que devem ser estudados e analisados os diferentes pontos de estrangulamento que impedem a maximização biológica

e econômica.

A idéia da Tecnologia Básica de Manejo é a de produzir mais bezerros, com maior eficiência reprodutiva das fêmeas, com peso ao desmame alto, um curto período de recria e alto peso na terminação dos animais. Tudo isso sem fórmulas mágicas, mas sim com otimização dos recursos e um controle adequado do rebanho, da empresa rural.

Na fase de cria o ideal é ter 100% das vacas paridas no ano, 100% dos bezerros desmamados com um peso médio de 240 kg aos 8 meses de vida. Porém a realidade não é essa, os dados estatísticos indicam que a cada lote de 100 vacas, tem 60 bezerros que nascem por ano, sendo que apenas 51 bezerros desmamam, e com peso médio de 150 kg. Em condições ideais teríamos - 100 vacas, 100 bezerros nascidos e desmamados,

ou seja, 24.000 quilos (800 @) de bezerros ao ano. Fazendo uma analogia a um hotel de 100 quartos com toda a diária incluída, teremos saldo positivo, pois os 100 apartamentos estão sendo pagos com 24.000 quilos (ou unidades pagadoras). No caso real, seguindo o mesmo raciocínio, teremos a hospedagem de 100 hóspedes, mas apenas 51 pagam a conta e ainda por cima pagam um valor inferior pelo apartamento, num total de 7.500 quilos (unidades pagadoras). Isso significa um saldo negativo no valor de 16.350 quilos (unidades pagadoras), ou seja um déficit de 68% em termos de produção de bezerros.

Na fase de recria o ideal é se ter um tempo máximo de 10 meses de retenção, que significa ter um animal adulto aos 18 meses de idade seja macho ou fêmea. A fêmea com peso de 300 quilos já em condições



de suportar uma gestação, com parição aos 27 meses. Na terminação os machos deveriam ser abatidos com 24 meses com 17@ em média.

Qual a verdadeira razão pela qual a maioria dos produtores brasileiros não atingem as condições ideais de produtividade em fazendas de corte?

A resposta pode ser simples, na medida que trabalharmos por objetivos, metas, critérios e decisão gerencial adequada à "nossa" empresa pecuária.

Façamos um pequeno exercício de nossa realidade na grande maioria das fazendas produtoras de bezerros, na recria e terminação de boi. Está enraizado em nossa cultura de produção de bovinos de corte a maneira extensiva de manejar os animais e em ciclo longo, normalmente períodos acima de 36 meses do nascimento ao abate de machos e/ou parição da vaca de primeira cria. Que só se justifica quando existe grande disponibilidade de área a ser ocupada e improdutiva.

A Pecuária de Ciclo Curto é a mais rentável e competitiva nas condições atuais de mercado e necessita que o produtor intensifique seu Sistema de Produção. Intensificação não necessariamente significa maiores investimentos, mas sim exploração racional dos recursos e visão empresarial do empreendimento. Onde o produtor deve ter o controle de todo o processo produtivo e a partir daí ter as decisões gerenciais embasadas em retorno ao investimento. Dito de uma outra forma significa que se o produtor não conhece em detalhes cada passo de seu processo produtivo não pode dizer qual a melhor tecnologia a ser aplicada em sua fazenda.

Lembrando que as tecnologias são neutras, isto é não são nem melhores, nem piores. São isto sim, adequadas ou não, dependendo de cada fazenda e/ou capacidade de

investimento e aferição do retorno ao que foi investido.

Para que você possa efetivamente avaliar a eficiência de seu rebanho e traçar metas para aumentar a eficiência de seu trabalho, vamos sugerir algumas perguntas que podem ser ferramenta auxiliar no planejamento de sua propriedade.

O tempo ideal da recria é dez meses de retenção; significa um adulto aos 18 meses de idade

1. Você faz algum tipo de controle de sua propriedade?

a) Qual a área total da sua fazenda?

b) Nas áreas em uso você pode fazer um mapa designando o que tem em cada área? (pastagens, florestas, riachos, culturas, locais de manejo dos animais).

c) Como você administra a fazenda?

- Reside ou não na fazenda?
- Quem gerencia a fazenda?
- Como é administrado seu pessoal de campo?

a) Como você toma as decisões de incluir uma tecnologia na propriedade? Como você mede se a referida tecnologia foi adequada?

b) Se você é criador, quantas vacas tem no rebanho?

• Quantos bezerros nascem no ano?

• Quantos bezerros morrem?

• Quantas vacas não ficam gestantes no ano?

• As vacas e novilhas de 1ª. cria desmamam bezerros pesados, médios ou leves?

• Como é feito o controle desses animais?(vaqueiro, nas anotações, fichário ,livros ,etc...).

a) Se você é recriador ou engordador as perguntas são similares no sentido ao controle efetivo das atividades.

g) De modo geral, como você controla o rebanho no manejo sanitário? (Quais as principais doenças? Como trata?)

h) Qual o manejo alimentar na estação de chuvas e na estação de seca?

E são outras tantas perguntas que se pode fazer para saber se você tem o efetivo controle de sua empresa pecuária. Como exemplo, poderíamos dizer que é impossível a um empresário da indústria de automóveis produzir seu produto sem conhecer detalhes de todos os



componentes que vão gerar uma planilha de custo e decidir se o preço pago ao seu produto paga ou não seu investimento e principalmente visando sua margem de lucro.

Assim também deveriam ser as atividades do pecuarista para ter vantagens econômicas na sua produção.

A primeira atitude a ser tomada em caso de total ou parcial falta de controle de sua propriedade e que você tem interesse em intensificar o processo produtivo é adotar a "Tecnologia Básica" para aumento de sua produção e maior retorno econômico.

A "Tecnologia Básica de Manejo" é simples e necessária, pois inicia com o efetivo controle do rebanho através do "Manejo Racional", ou seja, enfoque empresarial.

Isso pressupõe condições mínimas, que são:

a) Diagnóstico

Ter um levantamento patrimonial, quantitativo e se possível qualitativo de toda a propriedade por componentes (recursos humanos, florestais, pastagens, culturas, animais, água, tipo de solo, etc), compostos em um mapa, de preferência que o próprio produtor faça e entenda.

b) Planejamento

De acordo com diagnóstico, recursos e capacidade de investimentos, estabelecer as metas de curtos a médio e longo prazos (de preferência

em meses, distribuindo os investimentos)

c) Infra-estrutura mínima

Para as atividades planejadas, tais como: curral, tronco de contenção, balança, pastos divididos e controle do rebanho.

d) Escrituração zootécnica:

Nada mais é que o controle físico do rebanho, ou seja, o livro de fêmeas e machos da fazenda. O livro deve ser simples, resistente ao manejo diário e conter informações que permitam ao produtor verificar os pontos fracos do seu sistema de produção. O livro deve permitir o controle das seguintes informações do rebanho:

- Animais nascidos por ano
- Matrizes paridas por ano
- Bezerros mortos até a desmama
- Abortos
- Mortes ao parto
- Peso do bezerro à desmama
- Desfrute da fazenda (número de animais vendidos * X 100), dividido pelo número de animais do rebanho

e) Descarte ou abate

- Controle dos machos reprodutores
- Controle dos lotes de machos e fêmeas na recria
- Controle dos lotes de machos e fêmeas na engorda e terminação para a venda
- Controle sanitário do rebanho

Organização do livro de escrituração zootécnica:

Para o criador que vai adotar o

livro, o primeiro passo é adquirir um jogo de marcas (a fogo) de números (0 a 8) e um jogo de letras de A a F de aço inox e comprimento de 9 cm. Para começar a marcação, deve-se marcar todas as vacas em idade de parição, começando pelo número 1, sem nenhuma letra. Com as novilhas nascidas no ano da primeira marcação, começar a marcação novamente com o número de sua mãe e acrescentar a letra B, e assim por diante.

Depois de marcado o rebanho adulto, pode-se à medida que vão nascendo os bezerros, ir marcando todos com tatuagem na orelha com o número da mãe em seqüência e, a partir da desmama, levam a marca definitiva a fogo em seqüência da fazenda. Em virtude da lei do couro e como os machos ficam menos tempo no rebanho, não devem ser marcados a fogo. Se o criador quer controlar também os machos pode usar brincos para a identificação. Geralmente o controle dos machos para a engorda é feito por lotes.

Temos um exemplo do que pode ser uma folha do livro de fêmeas. Na prática o livro deve ser maior tendo cada coluna o tamanho adequado para cada informação, mas nosso exemplo tem que ser menor devido ao pouco espaço. Naturalmente, cada pecuarista deve fazer seu livro com as informações do seu interesse (por exemplo, para quem não tem balança, não há interesse nas colunas de peso apesar de que isto poderá ser resolvido em parte com um sistema de nota de 1 a 9, em que a nota 1 é para um animal péssimo e 9 para um animal excelente.) No modelo temos apenas duas colunas para informação de parto, mas na realidade deve ter pelo menos doze colunas para essa informação. Para quem não deseja pesar nas idades citadas é bom uma coluna para indicar a condição da novilha quando entourada pela primeira vez.

Funcionários precisam ser motivados

Qualquer atividade vai depender do fator humano. Os funcionários devem ser motivados para a função de produção e gostar do que fazem. A remuneração salarial deve ser adequada a cada região. Mas o principal fator de motivação é o reconhecimento do trabalho. Para isso acontecer é necessário mostrar claramente as funções que o proprietário espera e as metas a atingir em cada período. Por exemplo se a taxa de mortalidade é alta deve ser mostrado que uma meta é abaixar tal taxa e para isso deve ter cuidados.

Os funcionários deverão ter interesse em preservar seus materiais de trabalho e as infraestruturas bem limpas e adequadas. Deverão ser motivados a relatar os fatos o mais próximo da realidade.

Com os controles é possível o pecuarista dimensionar sua posição em relação aos dados que vamos apresentar:

Diversos indicadores da situação da pecuária nacional

| Ano | 1998 | 1999 | 2000 | 2001* |
|-----------------------|---------|---------|---------|---------|
| Rebanho (mil cabeças) | 153.560 | 156.986 | 157.513 | 163.000 |
| Abate (mil cabeças) | 31.297 | 31.621 | 35.742 | 38.000 |
| Desfrute (%) | 20,8 | 21,3 | 21,7 | 22,7 |
| * estimativas | | | | |

Taxa de Desfrute em rebanhos de diversos países

| País | Brasil | USA | Argentina | Austrália | França |
|----------------------|--------|------|-----------|-----------|--------|
| Taxa de Desfrute (%) | 22,7 | 34,8 | 26,9 | 30,8 | 31,4 |

Índices zootécnicos médios do rebanho brasileiro de corte e misto

| | |
|------------------------------------|-------------|
| Natalidade | 58-60% |
| Mortalidade até desmama | 08-10% |
| Taxa de desmama | 53-54% |
| Mortalidade média do rebanho | 04-05% |
| Idade das novilhas à primeira cria | 4 anos |
| Intervalo médio entre partos | 20-21 meses |
| Idade de abate dos machos | 4,5 anos |
| Taxa de abate | 15-16% |
| Peso médio de abate | 400 Kg |
| Peso médio de carcaça | 212Kg |
| Rendimento de carcaça médio | 53% |

A produção intensiva de bovinos de corte pressupõe que o produtor agilize todos os processos de produção da fazenda, ou seja:

- na fase de cria
- na fase de recria
- na fase de engorda, com vistas à maximização bioeconômica dos animais.

Na fase de engorda, para maximizar o processo de intensificação, os animais não devem ser abatidos com mais de 24 meses de idade, para isto se faz necessário adotar "Sistema de Produção de Novilhos Precoce".

De acordo com as demandas regionais e vantagem de preço, pode-se produzir:

- vitelos ou vitelas (animais de até oito meses)
- novilhos super-precoces (animais de até 14 meses)

Considerações finais

Para atingir a meta de "empresa pecuária", a fazenda necessita estruturar as condições mínimas de controle dos diversos componentes, tais como:

- fator humano
- infra-estrutura
- uso do solo
- principais culturas vegetais, perenes e/ou anuais
- composição de custos e
- objetivar a qualidade do seu produto pecuário, planejando, estudando, orientando e buscando melhores informações a cerca de suas atividades.

Referências Bibliográficas

Mancio, A.B.; Castro A.L.M. O mercado de carne bovina no século XXI. Brasília -DF, 1998, p.37.

Mancio, A.B. Maior rentabilidade na produção de carne bovina. Série pecuária de corte intensiva. Formosa - GO, 1999, p.16.

Anualpec: Anuário da Pecuária Brasileira. São Paulo: FNP consultoria & comércio. Editora arcos, 2000.

Antonio Bento Mancio
Professor da Universidade Federal de Viçosa na área de Produção e Reprodução de Bovinos de Corte.

Consultor da Bovi\$ Empreendimentos Agropecuários e do Portal boi de corte. com.br

• De 31 de agosto a 2 de setembro, o presidente José Olavo Borges Mendes e o superintendente-geral Sérgio Cunha Paiva, estiveram na cidade de Esteio (RS), onde representaram a ABCZ na Expointer.

• Nos dias 6 e 8 de setembro, o presidente José Olavo participou da Exposição Regional de Uberlândia/2001, realizada no parque do Camaru.

• No dia 10 de setembro, o 2º vice-presidente, Paulo Ferolla da Silva, representou a ABCZ em cerimônia promovida pela Câmara de Vereadores de Uberlândia, para Homenagem Especial de Mérito aos Profissionais de Ciências Agrárias. Um dos homenageados foi o ex-presidente da ABCZ Rômulo Kardec de Camargos.

• No dia 14 de setembro, o presidente José Olavo participou de almoço de lançamento do selo da carne Nelore Natural, em São Paulo (SP).

• No dia 17 de setembro, o diretor Dirceu de Azevedo Borges participou, em São Paulo, de reunião com a Fundepec (entidade privada que presta apoio à pecuária),



José Olavo e Sérgio Paiva posam, no ETR do Rio Grande do Sul, com o técnico responsável, Naor Lopes Neto, e a secretária Rosana

para tratar do marketing da carne.

• De 18 a 20 de setembro, o superintendente-técnico Luiz Antonio Josahkian e o superintendente-técnico adjunto de Melhoria Genética, Carlos Henrique Cavallari Machado participaram, na sede da Embrapa em Brasília (DF), de reunião para tratar da elaboração do sumário de touros leiteiros e mais um projeto de cooperação entre o órgão e entidades de apoio à agropecuária.

• De 21 a 23 de setembro, o diretor Luiz Humberto Carrião e o superintendente-técnico adjunto de Melhoramento Genético, Carlos Henrique Cavallari Machado, representaram a ABCZ em João Pessoa (PB), na solenidade de inau-

guração da nova sede da Sociedade Rural da Paraíba. Também estiveram presentes no lançamento do livro "Sindi - Gado Vermelho para o Semi-Árido", de autoria do pesquisador da Embrapa Paulo Roberto de Miranda Leite. Participaram também do ato de registro genealógico de rebanho do gado sindi, da Empresa Estadual de Pesquisa da Paraíba (Emepa).

• O presidente José

Olavo e o superintendente-técnico, Luiz Antônio Josahkian reuniram-se no dia 26 de setembro em São Paulo com o presidente Fundepec (entidade privada que presta apoio à pecuária), Ovídio Carlos de Britto, para tratar da implantação de programas de rastreabilidade no rebanho bovino brasileiro.

O diretor João Machado Prata Júnior representou a ABCZ na reunião do Certibov, ocorrida em Belo Horizonte no dia 3 de setembro.

De 26 a 30 de setembro, o diretor Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges representou a ABCZ na Expocuz, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, onde recebeu homenagem na cerimônia do Mérito Agropecuário.

Em Esteio

A visita à Expointer inaugurou a administração itinerante pretendida pelo presidente José Olavo. No RS, foram visitas ao escritório da ABCZ e a criadores de zebu. Na foto ao lado, José Olavo e Sérgio Paiva estão no parque de exposições, com os conselheiros da entidade no estado (da dir.) Pedro Monteiro Lopes e Carlos Sezefredo Bitencourt; a foto mostra também um tratador de zebuínos, que ganha cada vez mais espaço no sul do país.



ETR de Palmas é o 5º no ranking da ABCZ

de do serviço prestado ao pecuarista. O superintendente técnico-adjunto de Genealogia e responsável pelos ETRs, Carlos Humberto Lucas, diz que a ABCZ tem realizado melhorias no ETR para atender a demanda dos serviços que são solicitados. "Atualmente credenciamos mais um técnico para realização de serviço de campo", complementa.

O ETR era muito precário em atendimentos em realizações técnicas. Hoje, com a presença do técnico João Eudes à frente, a ABCZ conseguiu alterar o quadro completamente, como lembra Carlos Lucas. "As transformações aconteceram a tal ponto de o ETR sair do vermelho e conseguir se aproximar do quarto lugar no ranking de ETRs", completa.

Palmas hoje está à frente de ou-

tros escritórios de grande porte como os de Belo Horizonte(MG) e Salvador(BA). "Entendemos que essa 'arrancada' nas estatísticas deve ser creditada à qualidade e entusiasmo que o técnico João Eudes vem aplicando. Uma vez detectadas as falhas do mau funcionamento, procuramos melhorar não somente a qualidade de atendimento, mas o local de trabalho", ressaltou Lucas.

Existem planos de melhoria para este escritório, garante Lucas. A meta é atender todas as demandas do escritório, uma vez que ele tem sido muito procurado pelos pecuaristas do mais novo estado brasileiro. "Em breve, estaremos fazendo melhorias bem significativas nos equipamentos de informática e treinamento do pessoal", adiantou Lucas.

O Escritório Técnico Regional de Palmas, que tem como responsável técnico João Eudes Lafetá Queiroz, acelera o passo e chega perto do quarto colocado no ranqueamento de escritórios técnicos regionais da ABCZ. O ranqueamento tem objetivo de incentivar uma melhoria na qualida-

Tabela dos serviços executados pelo ETR de Palmas - Tocantins

| Estatística de janeiro a junho/2001 Registro Genealógico Definitivo - RGD | | | | | | Estatística de janeiro a dezembro/2000 Registro Genealógico Definitivo - RGD | | | | | |
|--|-------------|-------------|------------------|-------------|-----------------|---|-------------|-------------|------------------|-------------|-----------------|
| Raça | M | F | Registros (Soma) | Porcentual | Nº de criadores | Raça | M | F | Registros (Soma) | Porcentual | Nº de criadores |
| GIM | 2 | 8 | 1 | 0,1% | 4 | GIM | 0 | 12 | 12 | 0,13% | 1 |
| GIR | 8 | 10 | 18 | 0,19% | 4 | GIR | 2 | 25 | 27 | 0,30% | 1 |
| GUZ | 10 | 43 | 53 | 0,55% | 4 | GUZ | 0 | 16 | 16 | 0,18% | 1 |
| IND | 0 | 0 | 0 | - | - | IND | 0 | 0 | 0 | - | - |
| NEL | 1251 | 5603 | 6854 | 71,43% | 174 | NEL | 1091 | 5041 | 6132 | 67,37% | 213 |
| NEM | 244 | 2192 | 2436 | 25,39% | 65 | NEM | 529 | 1908 | 2437 | 26,77% | 99 |
| SID | 0 | 0 | 0 | - | - | SID | 0 | 0 | 0 | - | - |
| TAB | 2 | 223 | 225 | 2,34% | 7 | TAB | 220 | 258 | 478 | 5,25% | 15 |
| CAN | 0 | 0 | 0 | - | - | CAN | 0 | 0 | 0 | - | - |
| BRA | 0 | 0 | 0 | - | - | BRA | 0 | 0 | 0 | - | - |
| Total | 1517 | 8079 | 9596 | 100% | 258 | Total | 1842 | 7260 | 9102 | 100% | 330 |



A observação de hábitos e comportamento do bovino pode levar o homem a estabelecer um manejo que proporcione bem-estar ao animal

Exigência por bem-estar leva o homem a entender melhor os animais

União Européia se mobiliza e institui regulamentações sobre o assunto

*** Luciano Bitencourt**

Ao buscar meios de transformar os animais em máquinas de produção, o ser humano tem respeitado os limites existentes nesse empreendimento? Depois de assistir a surtos como o da "vaca louca", essa é a pergunta que cientistas, políticos e produtores, principalmente da União Européia, tentam responder

nos últimos anos.

Enquanto essa indagação se desdobra, todos apontam para aquilo que é o próximo desafio histórico da produção animal e o principal foco das atenções do setor produtivo neste milênio: a preocupação com o bem-estar animal.

"O bem-estar animal está inteiramente associado em como equilibrar a racionalidade humana com

comportamento animal, em se tratando de sistemas de produção. O conhecimento das ações dos animais pode ser eficiente, pois assim conseguiremos respeitar sua "biologia", disse o professor Mateus Paranhos da Costa, do Departamento de Zootecnia da FCAV/Unesp, de Jaboticabal.

Segundo ele, a "vaca louca" na Europa foi um exemplo dramático de alteração de um sistema para obter ganhos a partir de fontes não-naturais.

No entanto, em razão de ser um assunto ainda pouco explorado, diferentes posições morais em relação ao que é o bem-estar animal devem ser avaliadas. "O direito à vida, boa saúde, bom desempenho, produtividade e lucro, não ter sofrimento e à liberdade, são alguns conceitos de bem-estar", ressaltou Paranhos da Costa, que acrescentou ainda a idéia de "produção animal, considerando sua biologia, sem que haja a artificialização do homem."

Apesar de ser possível minimizar esses problemas, dificilmente se atinge em 100% essa proposta, segundo o professor.

Ao contrário do que se imagi-

na, o conceito de liberdade associado ao bem-estar não é absoluto. Tanto a pasto, quanto confinado, o animal pode estar sujeito a situações extremas. "O desafio é justamente esse controle. O animal não pode estar solto à revelia, nem fi-

Diminuir os sofrimentos do animal sugere a mudança de instalações na fazenda

car preso em instalações inadequadas", disse.

Sem fobias. Partindo do princípio de que o gado não pode ter medo do homem, o engenheiro-agrônomo Eduardo Penteado Cardoso recorre àquilo que ele denomina como sendo a lida ou o manejo racional. "Tentamos aliar as questões econômicas, obedecendo o instinto do animal", explicou Cardoso, que seleciona zebuínos da raça nelore considerando o temperamento do animal, na fazenda Mundo Novo, em Uberaba(MG).

O engenheiro-agrônomo, que tem o hábito de observar, por longas horas, durante a madrugada, o comportamento do gado em sua fazenda, avalia que "pensar no estresse animal é como pensar no estresse humano".

"O animal, quando se sente bem, chega perto da gente. Quando estou no pasto o gado vem me cheirar. É uma interação. Por quê? Porque o gado gosta de mim, sabe que não sou seu algoz", comentou Cardoso.

O resultado do respeito com o comportamento do bovino não pára por aí. Com o gado dócil, Cardoso disse obter maior fluidez e rendimento do trabalho, além de deixar para trás prejuízos ocasionados por maltratos.

Barreiras. Para o médico-veterinário Paulo Costa, diretor da Cercar —empresa que atua no ramo de currais—, bem-estar animal é um conceito muito amplo que envolve, além do respeito aos animais, dois pontos importantes: a questão comercial e a eficiência produtiva.

"Existem, hoje, na Europa movimentos fortes em favor do bem-estar animal. Isso implica em consumidores mais exigentes", esclareceu Costa.

Seria o começo de uma nova barreira comercial? Segundo Costa, a Organização Mundial do Comércio já trabalha propostas nessa direção.

Enquanto isso, no Brasil, o assunto ainda é recente e encontra escassez de profissionais, especialistas e produtores lidando com o tema.

Com base nos princípios da pesquisadora norte-americana em comportamento animal Temple Grandin, Paulo Costa promove no Brasil a instalação de currais circulares, bem como a adaptação dos tradicionais aos conceitos da especialista.

De acordo com o veterinário, procurar um manejo racional do



O piso do curral deve ter sulcos que facilitem a higiene no abrigo dos bovinos



Especialistas no mundo recomendam um curral de forma circular, fechado com madeira, para garantir "privacidade" e trânsito em círculos, como é a característica dos bovinos

curral ao pré-abate, minimizando o sofrimento do animal, sugere a mudança nas instalações que comportam o gado (veja quadro).

"Ainda se constroem currais da mesma forma que se fazia há 50 anos", enfatizou Costa, ao completar que não é necessário destruir ou remover as estruturas existentes, mas adaptá-las, com planejamento, ao bem-estar do animal.

Outra questão fundamental é o treinamento dos funcionários da fazenda, a avaliação das condições dos veículos que transportam os animais, e a consciência dos seus condutores, além do tempo de viagem e das condições da rodovia.

História. O ponto culminante que deu início à discussão contem-

porânea do bem-estar animal foi o lançamento do livro *Animal Machines* (1964), de Ruth Harrison. A crítica do texto em relação à criação intensiva de animais para produção mobilizou o parlamento bri-

Diminuir os sofrimentos do animal sugere a mudança de instalações na fazenda

tânico que instituiu o comitê Brambell.

"Assim, ficou definido que cada animal, independente da espécie ou

maneira de produzir, deveria ter liberdade para levantar-se, deitar-se, virar-se, esticar os membros e para os cuidados corporais", explicou o professor Mateus Paranhos da Costa.

De acordo com o pesquisador britânico D.M. Broom, em termos de qualidade de vida "o bem-estar, que é o estado do organismo durante suas tentativas de se ajustar com seu ambiente, envolveria todas as situações, desde aquelas que colocam a vida do animal em risco até aquelas em que ele está em harmonia com seu ambiente".

Contudo, a arte de criar animais é uma atividade que começou há 6 mil anos aC.

Sem corpo conceitual e basea-

do apenas em regras empíricas, as práticas de criação se desenvolveram até provocar o surgimento da zootecnia, termo introduzido no vocabulário científico por Conde Gasparin, em 1843.

Daí, partiu-se para o desenvolvimento tecnológico e para avanços na área de nutrição, genéti-

ca, equipamentos e instalações; para a conquista de novas fronteiras, como a pecuária tropical; para o aumento da produção de alimentos, com economia e qualidade; e, por fim, para a produção sustentável e segurança alimentar, até chegar ao bem-estar do animal.

Curral circular traz conforto e mais facilidade para o trânsito

O curral circular ou racional é baseado nos princípios da especialista Temple Grandin, que é professora assistente do Departamento de Ciência Animal da Universidade do Colorado, nos EUA. Trata-se de uma instalação, em forma de círculo, onde, além de outros detalhes, todas as divisões têm acesso ao corredor.

No local, o gado transita com maior facilidade, uma vez que é da sua natureza deslocar-se em círculos, e não visualiza o que acontece na parte externa ao corredor (seja dentro ou fora do curral).

O médico veterinário Paulo Costa, que cursou pós-graduação na área de instalações na Nova Zelândia, busca adaptar os conceitos de Grandin à realidade brasileira. Por isso, ele trabalha com currais mais compactos como o que está sendo construído na Fazenda Mundo Novo, em Uberaba (MG) - que mede em torno de 700 metros quadrados.

Algumas características que também podem ser destacadas nesse tipo de curral são o desenho do piso (para maior aderência e melhor limpeza) e o maior conforto e segurança para quem trabalha no local.

O resultado é a diminuição do estresse do animal, a eliminação do uso de "ferrões", além do fluxo rápido e contínuo de animais, o que proporciona um trabalho mais sincronizado e a altura do comportamento dos bovinos.



Embarcadouro: na saída ou chegada é fundamental à segurança e bem estar dos animais

Mudanças no perfil do leite no Brasil

A dinamicidade de determinados setores econômicos, sua evolução e perspectivas de crescimento por vezes são submetidos, quando da elaboração de planejamento estratégicos, organizacionais ou, até mesmo, de plano de ações institucionais em função do descompasso entre dados e estudos técnicos e a realidade operante.

O setor de leite em Goiás é hoje vítima deste fenômeno: as peculiaridades desta cadeia produtiva demoram a aparecer para o meio científico e empresarial como indicadores, sendo, por hora, perceptíveis apenas para quem tem a possibilidade de estar no campo. A exposição diária à realidade da produção de leite em Goiás me permite afirmar que estão ocorrendo mudanças consistentes, definitivas e que alteram profundamente o perfil da cadeia agroindustrial do leite no Brasil.

Outro trabalho, de muita visibilidade, direcionado para a qualidade, é a quantidade de ordenhadeiras mecânicas: há cinco anos, Goiás apresentava pouco mais de 100 ordenhadeiras mecânicas, hoje esse número é seguramente superior a 5.000 (dados da Faeg). Some-se a isso os treinamentos e cursos que as instituições que citei estão desenvolvendo em Goiás: treinando os produtores e trabalhadores rurais para a correta assepsia desses equipamentos, modernas técnicas de ordenhas e técnicas de manejo de ordenha.

Cabe salientar que o sistema de produção majoritariamente utilizado no estado é o de pasto com vaca de média produção (de três mil a quatro mil quilos de leite/ano) o que garante níveis baixos de problemas de úbere.

Para coroar todo esse trabalho de busca da qualidade, entrou em

funcionamento em setembro um laboratório de referência para qualidade do leite na Universidade Federal de Goiás. O resultado do Programa de Melhoria da Qualidade do Leite é fundamental para a obtenção de parâmetros sobre o leite goiano.

Cabe registrar para a composição do real diagnóstico do setor leiteiro em Goiás a rápida mudança no perfil do produtor. Observávamos, há dez anos, 100 mil produtores de leite no estado, em 96 eram 65 mil. Este número está em torno de 50 mil produtores. Por outro lado, a escala de produção está aumentando muito. Como exemplo tomemos a bacia leiteira de Mineiros, 4ª maior de Goiás: há dez anos existiam três produtores com mais de 1.000 litros de leite por dia, hoje são aproximadamente 30 produtores com produção acima de 1.000 litros de leite por dia, sendo que vários estão aí acima de dois a três mil litros de leite por dia, com perspectivas de continuar aumentando rapidamente essa produção. Em futuro próximo teremos produtores entre dois mil e seis mil, chegando a sete mil litros de leite por dia, nas principais bacias leiteiras do estado.

Plantio direto

Nova tecnologia está revolucionando, mesmo que ainda em estágios iniciais, a pecuária, como fizeram com a agricultura no Centro-Oeste: é o plantio direto. A tecnologia do plantio direto imprimiu uma nova realidade à cultura da soja e do milho no Centro-Oeste do Brasil. Começa a penetrar na pecuária a utilização de leguminosas, como o feijão guandu, que são capazes de sintetizar de 500 a 700 quilos de nitrogênio por hectare ano. O nitrogênio barateia o custo de introdução dessa



*Leonardo Moura Vilela

leguminosa, e torna possível essa utilização em solos mais frágeis, solos arenosos, e com maior declividade. Essa tecnologia possibilita a introdução de forrageiras mais produtivas em consórcio com outras forrageiras, para produção de grãos ou de silagem barateando o custo das duas.

A área de agricultura em Goiás é de cerca de 3 milhões de hectares, temos 15 milhões de hectares de pastagens artificiais, mais cinco milhões de hectares naturais, somente em Goiás. Então o potencial de utilização destas áreas de pastagens —primeiro, para incorporar na agricultura; e segundo, na utilização de plantio direto em pastagens— é absolutamente fantástico. Algumas empresas já perceberam isso e estão formando técnicos altamente capacitados colocando-os junto aos produtores. Dentro de um futuro próximo essa técnica estará extremamente disseminada e fará diferença, tornará o produtor mais viável economicamente e mais competitivo em nível internacional, inclusive.

* Leonardo Moura Vilela é médico-pediatra, produtor de leite e secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Goiás.

Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba

FAZU

Simpósio Brasileiro da Agroindústria

Produção Sustentável de Alimentos
Uberaba, de 21 a 23 de Novembro - Casa do Folclore

21 de Novembro

- Sessão de Painéis

22 de Novembro

- Sessão I: Bovinocultura - Desafios e tendências
- Sessão II: Meio Ambiente - Produção de Alimentos

23 de Novembro

- Sessão III: Animais Silvestres e Exóticos - Alternativas para o segmento Agroindustrial
- Sessão IV: O Agronegócio - Perspectivas para o futuro

Taxa de Inscrição*:

| Categoria | Até 22 / 10 | No local |
|---------------|-------------|----------|
| Estudantes | 60,00 | 80,00 |
| Profissionais | 80,00 | 100,00 |

*Inclui coquetel, café break e almoço (conforme programa)

Hospedagem Opcional: Casa do Folclore Hotel - R\$ 50,00 (duplo) / diário (café da manhã)

Enviar comprovante de depósito à FAZU aos cuidados de Mônica Borges - Banco do Brasil - Ag. 3278-8 - C/c: 6589-7

Hotel Oficial:

Casa do Folclore Hotel - BR 050 Km 176.

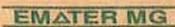
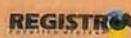
Reservas, Informações e Inscrições:

Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba - FAZU
Avenida Tutunas, 720 - Bairro Tutunas,
Fone/Fax: (34) 3315 - 4188 com Mônica Borges.
www.fazu.br / e-mail: fazu@fazu.br

Realização:

FAZU / FUNDAGRI

poio:



Prevenção na produção animal reduz custos e minimiza surpresas



* Alexandre Lúcio Bizinoto

Com a chegada do período chuvoso, o ambiente torna-se propício ao desenvolvimento dos seres vivos, possibilitando maior crescimento forrageiro, por conseguinte, maior disponibilidade de alimentos aos bovinos e maior produção. No entanto, há também o incremento populacional de endo e ectoparasitas, exigindo maiores cuidados quanto ao manejo dos animais a fim de que se tornem menos susceptíveis a tais parasitoses. Cabe destacar a atenção a ser dispensada às doenças e pragas comuns da época e da região onde está inserida a propriedade, bem como as práticas de manejo auxiliares a serem adotadas para o controle estratégico. Ressaltamos maior observação quanto as atividades de rotina na pecuária como: controle da verminose, bicheira, carrapato, berne, moscardo-chifre e cura do umbigo.

* **Verminose** - problema comum na bovinocultura que exige cuidados quanto ao uso de anti-helmínticos (vermífugos), evitando-se prejuízos aos animais e ao bolso do produtor.

Vários trabalhos apontam ser estratégico para 65% do território brasileiro, três combates para bovinos de corte e quatro combates para rebanhos leiteiros. Destaca-se, com a chegada do período chuvoso, o momento para a aplicação da terceira dose, a qual deve ser dada levando em consideração produtos a base de avermectinas, que apre-

tratamento curativo, controlando-se inclusive a quantidade e qualidade dos alimentos fornecidos aos mesmos. Os adquiridos de terceiros, preferencialmente, deverão receber doses antes de chegarem à fazenda, sendo também recomendado a manutenção dos mesmos em um piquete isolado por até 38 horas visando a eliminação dos parasitas mortos; posteriormente poderão ser encaminhados ao novo pasto.

Outra estratégia interessante é agrupar os animais formando lotes homogêneos segundo a idade. Vacas no terço inicial e no último mês de gestação não devem entrar no esquema de vermifugação.

É importante destacar o respeito às recomendações da bula, principalmente quanto à posologia e sempre realizar a aplicação nas horas mais frescas do dia, mantendo os animais à sombra após a mesma.

* **Ectoparasitas** - apresentam características específicas e distintas quanto ao local e forma de ação nos bovinos, entretanto manejos podem ser adotados integrando produtos químicos como apoio ao controle estratégico dos mesmos. Desta forma, o uso de piretróides, organofosforados e ivermectinas segundo suas respectivas posologias, poderá ser recomendado.

Normalmente, recomenda-se a administração dos mesmos no início do período seco e também do chuvoso, entretanto, deve ser considerada a visita de um especialista

Animais estressados

merecem atenção

especial devido à redução de sua resistência

sentam ação prolongada no organismo dos bovinos contra larvas e vermes adultos (exceto tênias e fascíolas), além de auxiliar no controle dos ectoparasitas.

Animais estressados pelo desmame, descorna, castração e parto merecem atenção especial devido a redução de sua resistência, principalmente se estiverem com idade até 30 meses, portanto devem ser administradas doses preventivas, mesmo fora do calendário profilático da propriedade. Animais com sintomas dessa doença devem ser imediatamente submetidos ao

para melhor delinear o modelo adequado de controle na fazenda.

Previamente, a substituição pedágica do princípio ativo do produto usado é recomendada, evitando a possibilidade do aumento da resistência ao produto.

O controle efetivo destes parâmetros, depende de uma ação conjunta entre todos os produtores da região, realizando o combate de forma coordenada e integrada.

Quanto ao carrapato, atualmente recomenda-se seu controle e não sua erradicação, pois estaríamos perdendo a possibilidade de promover a imunização natural dos bezerros contra a tristeza ou mal da boca-branca (Piroplasmose e Anaplasmoses) e possibilitando, assim, ocorrer, a médio e longo prazos, uma reinfestação que poderá causar prejuízos à propriedade.

*** Cura do umbigo** - procedimento simples que permite ao bezerro expressar todo seu potencial de crescimento, uma vez que evita-se o surgimento de enfermida-

acompanhamento das matrizes nos períodos pré e pós-parto. A intimidade da relação maternal deve ser respeitada e acompanhada de longe, possibilitando menor estresse e facilidade ao recém nascido para a realização da primeira mamada, a qual deverá ser induzida, caso o mesmo tenha dificuldade.

Para o procedimento de cura do umbigo, o vaqueiro deverá contê-lo e realizar o corte do cordão umbilical com instrumento cortante desinfetado, respeitando um espaço de três dedos (cerca de 5 centímetros) a partir do umbigo e promover a desinfecção de toda a região com solução iodada.

** Alexandre Lúcio Bizinoto é coordenador do curso de Zootecnia da Fazu e conselheiro suplente do CRMV-MG bizinoto@fazu.br*

Um bom manejo de bezerros deve começar pela propriedade

des na fase inicial de sua vida.

Um bom manejo de bezerros começa pela propriedade que deve apresentar um piquete-maternidade próximo ao curral de manejo, possibilitando a fácil visualização e

A maior reserva de dados sobre bovinos

O banco de dados da ABCZ completa 20 anos de existência, contando com um acervo de mais de seis milhões de animais

** Eduardo Milani*

Em todos estes anos, presenciaremos o mundo evoluir e avançar diariamente em tecnologia. A ABCZ cumpriu o papel de sempre estar à frente, principalmente porque abriga o maior banco de dados de bovinos do mundo. Medidas extremas de segurança desde seu início foram adotadas para a sua conservação e manutenção.

Mas armazenar somente dados não é nenhuma evolução técnica. Foi preciso analisar e trabalhar com essas informações, cruzar pesos, medidas, datas, genealogias e afinidades, para que pudessem gerar o maior bem que a ABCZ hoje possui: a informação. Através dela, somos capazes de tomar decisões para evoluir a raça, e concretizar um programa de melhoramento genético, no caso, o PMGZ.

A estatística da ABCZ é hoje imprescindível em todas as decisões. O estudo que este banco de dados proporcionou nestes 20 anos fez a diferença para colocar a ABCZ na posição em que hoje se encontra.

Hoje, trabalhamos com precisão científica, com tendências agrupadas para um resultado regional satisfatório, precocidade e ganho de peso em constante evolução para a geração das médias nacionais.

Fizemos vários convênios com a Embrapa, universidades e outras entidades, com uma única finali-

dade: estudar, analisar e divulgar os dados coletados.

Penso ainda no que ele poderá nos oferecer como informação e fico orgulhoso de ter participado deste projeto com minha equipe. Este é o maior bem que esta associação consolidou.

Diariamente todos nossos órgãos executores integram as suas informações através da internet, fazendo com que o boi do campo se transforme em boi digital, onde os dados regionais se transformam em estatísticas nacionais através de um simples clique do mouse.

São vinte anos de muito trabalho e pesquisa para chegarmos a um estágio tão evoluído onde exportamos técnica e tecnologia.

** Eduardo Milani é superintendente de Informática da ABCZ*



Centro de avaliação de reprodutores incrementa “Touros do futuro”

Mais de 100 animais estão sendo avaliados pelo programa criado para apontar os melhores touros do mercado



Galpão do Centro Nacional Avaliação de Reprodutores, na Fazenda-Escola da Fazu: seleção dos melhores reprodutores

Programa começa a afunilar a seleção de touros jovens

O Projeto “Touros do Futuro” começa a afunilar a seleção de touros jovens na Fazenda-Escola da Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba (Fazu). Lançado em maio, durante a Expozebu 2001, o projeto tem como objetivo apontar os melhores reprodutores machos do país. De um total de 30 mil animais, já foram separados 131, que já estão submetidos às provas de avaliação do empreendimento executado através da parceria entre

ABCZ, Fazu/Fundagri, Embrapa/Gado de Corte e ABS/Pecplan. A meta é chegar aos três melhores touros, que serão contratados pela central para a coleta de sêmen.

O projeto é desenvolvido em quatro etapas, a primeira delas já vencida com a seleção de animais nascidos entre 17 de outubro de 2000 e 15 de janeiro de 2001, pelas DEPs em dias para 160 kg e DEPs em dias para 240 kg de seus pais.

Em agosto, foi inaugurado na

Fazu o Centro Nacional de Avaliação de Reprodutores, onde os animais são avaliados, na segunda etapa do projeto, prevista para durar 168 dias. Nesse período, os animais terão uma prova que combina ganho em peso, conformação e medidas de circunferência escrotal e deposição de gordura na carcaça. Será um vestibular para a fase seguinte, marcada para o teste no pasto, que vai avaliar a fertilidade dos tourinhos.

Os parceiros pretendem, com o programa, criar novos meios de produzir touros melhoradores para um mercado carente de bons reprodutores. O programa é arrojado e tem tudo para ser modelo de melhoramento genético.

A etapa atual é conduzida pelos técnicos da ABCZ. "Vamos colocar a melhor genética zebuína no mercado e torná-la acessível a todos", ressaltou Luiz Antônio Josahkian, superintendente-técnico da ABCZ.

O Centro Nacional de Avaliação de Reprodutores tem 6,8 mil m² de currais construídos, com 952 m de cobertura.

Depois da prova no pasto, técnicos da Embrapa/Gado de Corte vão avaliar a progênie dos touros selecionados.

Após a avaliação de touros jovens, os melhores serão conduzidos à central Pecplan para coleta e comercialização de sêmen, a preços estabelecidos pelo mercado.



Saviani, da Pecplan, e João Machado, da Fazu, discursam durante a entrega do Centro de Avaliação de Reprodutores

Fazu inicia obras de núcleo de excelência em engenharia de alimentos

A Fazu lançou em agosto a pedra fundamental do Núcleo de Excelência em Engenharia de Alimentos (NEA). A obra deverá ser entregue em janeiro do ano que vem.

"O NEA foi projetado baseando-se em um novo conceito de ensino superior, no qual o aluno está em presença constante com a sua realidade profissional, não somente através de estágios, os quais ocorrem fora do campus, mas também no cotidiano do ensino", explicou o presidente do



Pedra fundamental é lançada na Fazu

Conselho Curador da Fundagri - que mantém a Fazu- João Machado Prata Jr.

O núcleo possui 1.200 m² de área construída. É dividido em três unidades básicas: processamento de carnes e derivados, processamento de leite e derivados e processamento de produtos de origem vegetal.

Cada unidade é uma indústria de dimensões normais, com capacidade de produção suficiente para atender mercados de médio porte. É projetada para funcionamento em módulos, o que permite a sua ampliação e adequação a novas tecnologias.



Fazenda Cassu: berço do zebu no Triângulo Mineiro

O zebu do Triângulo Mineiro nasceu aqui

* **Márcio Cruvinel Borges**

A Fazenda Cassu, localizada no município de Uberaba, está à direita da rodovia BR-050 (trecho Uberaba-Uberlândia). O nome é herança do rio que a banha. Foi instalada no final do século XIX, por Antônio Borges de Araújo depois que este comprou de Elias Martins Marquez. A fazenda foi ampliada, com a aquisição de parte da Fazenda Boscabel. A sede foi construída na mesma época. O imóvel passou depois para as mãos do filho de Antônio, José Caetano Borges. Depois, para o neto Silvio Caetano Borges, pai da atual proprietária, Marília Caetano Borges de Castro.

Antônio Borges de Araújo é

considerado um dos precursores do zebu no Brasil, um dos primeiros formadores da raça indubrasil. À época da formação, era conhecida como induberaba, em homenagem a Uberaba, onde foram realizadas as primeiras pesquisas. A formação do indubrasil foi feita a partir de cruzamentos tendo como reprodutor o touro **Lontra**, como relatava o médico e pecuarista Randolfo Borges Júnior. **Lontra**, da raça guzerá, foi o primeiro zebuíno a entrar no Triângulo Mineiro. É, portanto, o marco inicial das raças indianas na região.

Randolfo Borges costumava lembrar um fato acontecido numa viagem que Antônio Borges de Araújo e seu irmão Zacharias fizeram



Muqui, no Espírito Santo, em visita a familiares, por volta de 1880. O zebu ainda era desconhecido no Triângulo Mineiro.

A viagem de ida não agradava a ambos. O balanço do vapor Rio-Viçosa, que fazia o trajeto de 15 em 15 dias, causava-lhes náusea. Os dois resolveram voltar por terra em burros de burros, até Niterói. Atravessaram o Espírito Santo e entraram no estado do Rio de Janeiro, por Cantagalo, onde pernoveram na fazenda de Manoel Lemgruber. Na manhã seguinte, depararam com bovinos nunca vistos, que logo lhes chamaram a atenção. Curiosos, buscaram informações sobre aquela raça de boi de corcova. Logo descobriram tratar-se do boi zebu.

Uma frustração superou a boa impressão que tiveram do zebu: eles receberam uma negativa de comprar nem que fosse um único exemplar daqueles animais. A alternativa foi buscar em uma fazenda próxima a Leopoldina, onde, segundo tinham sido informados, havia um animal muito bom que o Imperador dom Pedro II recebera de presente de um Jardim Zoológico da Europa, e que, posteriormente, dera ao seu médico particular, Dr. José Lontra. Finalmente, puderam comprar o touro, que mais tarde souberam ser da raça guzerá. O animal recebeu um nome em homenagem ao médico.

Quando o touro chegou a Uberaba, foi recebido na estação da

Mogiana, com honras de político, com banda de música, com muito foguete e desfile pela rua do Comércio (hoje Artur Machado), puxado por Antônio Borges de Araújo. Dali, o touro foi levado até a Fazenda Cassu.

Fica difícil entender por que tanta festa para um animal desconhecido e, até então, considerado da mesma importância que uma centena de bois chamados de "curraleiros" (sem qualificação alguma). Os Borges de Araújo (o pai, Antônio e o filho, José Caetano) foram considerados os primeiros marketeiros do zebu no Brasil. José Caetano, tempos depois, chegou a comprar a capa inteira do jornal "Estado de S. Paulo", onde divulgou o zebu, por ocasião de uma exposição pecuária no Parque da Água Branca, em São Paulo.

A Fazenda Cassu e o touro Lontra deram início à criação do zebu no Triângulo Mineiro.

A fazenda foi palco, em 1906, da primeira exposição do zebu na região, e talvez, do Brasil. A feira, que contou com 1.146 animais, teve como campeões os touros Árabe (primeiro colocado) e Milão. A historiadora Maria Antonieta Borges Lopes, no livro "ABCZ-Histórias e histórias", conta que a exposição teve excelentes negócios, além de festança completa.

A sede, construída segundo projeto de estilo colonial, passou por reformas e ampliações. Na facha-

da, destacam-se o alpendre e os pequenos balcões de alvenaria vazados, elementos que acompanham também a escada de acesso e todo o jardim fronteiro da casa. As paredes internas têm pinturas decorativas, feitas nas décadas de 1920 e 1930. O piso é de tábuacorrída no formato "macho e fêmea". Os forros são trabalhados em madeira, formando desenhos geométricos.

O fronteiro apresenta duas entradas distintas: a da esquerda dá acesso à sala de visitas e às outras dependências íntimas da família; a da direita possui uma pequena sala independente do restante da casa.

Hoje, a sede ainda apresenta mobiliário da época de Antônio Borges de Araújo e de José Caetano Borges. O visitante pode encontrar, bem conservados, escrivaninha, cofre, relógio de parede, mesa de jantar (com os bancos), cristaleira, peças de uso diário e rádios da época da Primeira Guerra Mundial.

A Cassu foi a primeira do Triângulo a contar com uma usina geradora de energia elétrica. A varanda apresenta ladrilhos de cimento com cores e desenhos geométricos intactos, que sobreviveram a todas as reformas pela qual passou.

** Márcio Cruvinel Borges é presidente do Conselho Curador da Fundação Museu do Zebu "Edilson Lamartine Mendes".*



Móveis usados na decoração permanecem muito bem conservados desde a época da entrada dos primeiros exemplares de zebu na região



Olésia Borges

Leilão Produções MAAB

O pecuarista Marco Antônio Andrade Barbosa realizou no final do mês de maio em Araguaína (TO) a terceira edição do Leilão Produções MAAB. O evento dos mais prestigiados, inclusive por um grande número de personalidades, contou com a participação do ex-presidente da ABCZ, Rômulo Kardec de

Camargos, do diretor da entidade, João Machado Prata Júnior com o seu irmão Napo-leão Machado Prata, Antônio R. da Cunha Castro, Antônio Cunha Castro Neto, Osvaldo Adelino Borges, Duarte R. da Cunha, Fausto Borges de Araújo, do representante do Frinorte José Gilvan, entre outros.



O 3º Leilão Produções MAAB, realizado no final de maio em Araguaína reuniu o anfitrião Marco Antônio Andrade Barbosa e várias personalidades, como o ex-presidente da ABCZ Rômulo Kardec, Rúbens Neto, João Machado Prata Júnior, Napoleão M. Prata, Antônio R. Cunha Castro, José Gilvan do Frigorífico Frinorte e Osvaldo Adelino Borges



O presidente da Aliança Cooperativista Internacional e da Abag, Roberto Rodrigues, entre a presidente da BPW-Brasil, Maria Inês Bunning, e Elza Dória Passos anfitriã do dia-de-campo realizado na Fazenda Margarida (MS), durante o Congresso Latino-americano e Convenção Nacional das BPWs do Brasil

Em Araguaína...

A Fazenda de propriedade do criador Antônio R. da Cunha Castro acabou se transformando no reduto dos uberabenses que participaram em Araguaína do 3º Leilão Produções MAAB. O ex-presidente e o diretor da ABCZ Rômulo Kardec e João Machado Prata

Júnior, foram recebidos dentro do mais autêntico estilo mineiro pelos "Cunha Castro". Além do anfitrião, Antônio R. da Cunha Castro, os seus filhos, Luís Antônio, Marco Antônio, Antônio Ronaldo e Antônio Cunha Castro Neto, e o divertido primo, Osvaldo Adelino Borges.

Falando em Leilão...

Entre os eventos de maior sucesso destacados durante a Convenção das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil, (Business & Professional Women-BPW) realizada no mês de agosto em Bonito (MS) os leilões de gado de corte foram o grande des-

taque. Os eventos organizados por pecuaristas integrantes das BPWs, foram realizados com grande sucesso nas cidades de Porto Alegre (RS), Londrina (PR) e Campo Grande (MS) transformando-se em "Benchmark" para as BPWs de todo o país.

Dia de Campo

Um dos pontos altos do Congresso Latino-americano e Caribe Hispânico e Convenção das BPWs do Brasil realizados entre os dias 6 e 12 de agosto em Bonito, o Dia de Campo, realizado na Fazenda Margarida, município de Bela Vista (MS), foi a grande novidade para as delegações estrangeiras. A animada anfitriã daquele evento, pecuarista Elza Dória Passos, auxiliada pelo diretor-executivo da Fazenda Margarida e intérprete das delegações estrangeiras, Rodolfo Vaz de Carvalho e pela presidente da

BPW-Brasil Maria Inês Bunning receberam além das delegações brasileiras as representantes das BPWs do exterior, a presidente da BPW Internacional Pat Harrison, da Austrália, a vice-presidente internacional Antoine-tte Ruegg, da Suíça, a coordenadora latino-americana Nely Solimano, da Argentina e o ilustre presidente da Aliança Cooperativista Internacional e também presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), Roberto Rodrigues, o palestrante convidado do Dia de Campo.

Brazilian Beef

O Centro de Eventos ABCZ, vestido de grande gala, foi palco, no último dia 29 de agosto, da concorrida solenidade de posse da nova diretoria da ABCZ. Pecuaristas de várias partes do país, lideranças do segmento rural, empresários, políticos, autoridades e convidados marcaram presença nas solenidades que contaram, mais uma vez, com a presença em Uberaba do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Marcus Vinicius Pratini de Moraes.

Com um discurso considerado forte e bastante eloquente, recheado de adjetivos para destacar as qualidades da carne bovina brasileira, do "Boi de Capim", o ministro Pratini de Moraes agradeceu em cheio a classe pecuarista presente naquela prestigiada solenidade. Pratini de Moraes lembrou que o "Brazilian Beef" é hoje grife e sinônimo de qualidade nos principais restaurantes internacionais e também nos cardápios das grandes companhias aéreas de todo o mundo.

Posse prestigiada

A concorrida solenidade de posse da nova diretoria da ABCZ, triênio 2001/2004, acabou se transformando numa noite de gala e num desfile de mulheres bonitas e elegantes.

Entre os destaques, os casais José Olavo Borges Mendes e Maria Helena, o ex-presidente Rômulo Kardec de Camargos e Maria da Graça, os vice-presidentes João Antônio Prata e Maria Neuza, Jonas Barcelos e Paula, os diretores João Machado Prata Júnior e Luciene, Arnaldo Prata Filho e Ana Letícia, Marco Túlio Andrade Barbosa e Bêia, o prefeito Municipal Marcos Montes Cordeiro e Marília, o presidente da Girolando, Renato Cunha Oliveira e Ilza Helena, o presidente do Sindicato Rural, Rivaldo Machado Borges Júnior e Rosália,

além de nomes de peso nos meios empresariais, como o do presidente do Grupo Algar, Luiz Alberto Garcia acompanhado do diretor-superintendente da CTBC, Weber Pimenta de Melo, o Deputado Federal do Paraná Abelardo Lupion, Adyr do Carmo Leonel e Duda Biagi de Ribeirão Preto, Jayme dos Santos Miranda, Leda Góes presidente da Assogir, representantes da imprensa e outras figuras de destaque nos meios empresariais e pecuarista de Uberaba e do país. A Equipe da ABCZ, mais uma vez, brilhou, auxiliando os diretores anfitriões.

Eles e Elas

Entre os casais de destaque na festa de posse da ABCZ, Paulo Tadeu Cortez Martins e Sandra, Cláudio Castro Cunha e Loló, Sívio Castro Cunha Jr. e Ana Paula, José Cury Perez e Angélica, Norton Fernandez e Ana Lia, Luciano Corrêa de Paiva e Cristina, Antônio Cunha Castro Neto e Maria Esther, Edson Luiz Fernandes e Rosângela, Milton Carvalho de Castro e Telma Sabino, Frederico Cunha Mendes e Renata, Luiz Augusto Cipriani Coelho e Eliana, Sérgio Paiva e Regina Maria, entre outros.

Político em ascensão

O ex-presidente da ABCZ, Rômulo Kardec de Camargos, é atualmente um dos políticos mais disputados pelas maiores siglas partidárias do país.

O prestígio do grande líder



Solenidade de posse da nova diretoria da ABCZ o novo presidente José Olavo Borges Mendes recebe os cumprimentos do ex-presidente Rômulo Kardec de Camargos.



O ministro Pratini de Moraes, entre o prefeito de Uberaba, Marcos Montes, o ex-presidente Rômulo, e o novo presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes

ruralista nacional evidencia-se através do interesse de várias facções políticas em tê-lo como filiado, de olho nas próximas eleições de 2002. Rômulo Kardec é um dos virtuais candidatos nas eleições do próximo ano, podendo disputar, com grandes chances de vitória, qualquer cargo público, seja em âmbito estadual ou nacional.

Apoios certamente não faltarão...

Sucessores de Sucesso

O presidente da ABCZ José Olavo Borges Mendes e os seus filhos Frederico Cunha Mendes, Rafael Cunha Mendes e José Olavo Mendes Júnior foram homenageados, no último dia 24 de agosto, com o "Troféu Sucessores de Sucesso".

A tradicional promoção, em benefício do Centro Comunitário Niza Guaritá Marquez, destaca pais e filhos que se dedicam a uma mesma atividade profissional, conquistando ainda, sucesso e o reconhecimento da comunidade onde atuam. Os três filhos de José Olavo Borges Mendes merecidamente receberam o Troféu e o reconhecimento da comunidade uberabense como autênticos "Sucessores de Sucesso", dando assim continuidade ao trabalho da família e principalmente do seu pai, José Olavo Borges Mendes, em favor do desenvolvimento e aprimoramento da pecuária nacional.

Além de marketing, uma ação coordenada



* Nelson Pineda

Partindo do produto final, deve-se, em primeiro lugar, cumprir quatro condições para iniciar uma campanha de marketing eficiente da carne bovina: segurança higiênico-sanitária, rastreabilidade, valor nutricional garantido e qualidade sensorial (Hardwick 1998). O produto tendo qualidade, o marketing enfoca o consumidor e suas necessidades trabalhando por uma parte o lado emocional e por outro o racional de seus impulsos, confirmando às vezes suas respostas e em outras oportunidades induzindo uma mudança de comportamento. Estes princípios são aplicáveis a qualquer produto ao começar uma estratégia de marketing.

Tradicionalmente a indústria da carne brasileira nunca se preocupou seriamente com publicidade, pois a cadeia produtiva é tão extensa que nenhum de seus integrantes se dispõe a financiar individualmente a campanha do produto. Como a carne chega ao consumidor simplesmente como um produto congelado sem marca específica, finalmente é a imagem do açougueiro, responsabilizando-se pela qualida-

de, que determina a decisão da dona de casa. Desta maneira, o investimento econômico seja para o produtor, para o frigorífico ou para o supermercado, torna-se difícil. É indispensável que o marketing da carne seja orientado e financiado por um órgão que reúna os interesses de toda a cadeia e que cada elo colabore economicamente para o êxito da campanha. O marketing da carne precisa em primeiro lugar ser genérico e não específico.

Para que uma campanha de marketing de carne bovina alcance sucesso é preciso conhecer e entender profundamente o consumidor. As mudanças devem ser detectadas com antecedência por meio de pesquisas de opinião constantes e os aspectos emocionais e racionais devem ser trabalhados simultaneamente dentro de uma campanha institucional para aumentar e incentivar o consumo da carne bovina.

1.- Aspectos emocionais: o consumidor precisa de auto-afirmação, sentir-se bem com aquilo que está fazendo. É preciso mostrar-lhe que tem motivos para comer carne vermelha e que este comportamento faz parte da forma moderna de viver. Neste contexto a Inglaterra lançou na década de noventa a campanha Uma Receita de Amor e a Itália Carne, Amor e Fantasia, ambas mostrando a carne bovina associada à vida familiar e ao crescimento das crianças.

2.- Aspectos racionais: a maioria das pessoas gosta de comer car-

ne; gosta de ouvir que isto é correto e precisa de argumentos lógicos para auto-afirmar-se e compreender que em toda dieta balanceada a carne vermelha é indispensável. Faz-se necessário divulgar as vantagens da carne e não assistir passivamente às campanhas pseudo-médicas de origem tendenciosa que unicamente estimulam a desinformação, não só do público em geral, como também dos médicos e nutricionistas. A seguir listamos um grupo de informações básicas sobre a carne e os vegetais que devem ser divulgadas:

a.- A carne vermelha contém aminoácidos essenciais em quantidade e qualidade que não são sintetizados pelo organismo e que os vegetais contêm em baixas concentrações. É suficiente comer 100g de carne para se obter a mesma quan-

tidade de lisina que 1kg de pão (Barbero, 1998).

b.- A disponibilidade do ferro na carne vermelha é muito maior que nos vegetais. 100g de carne correspondem a 1kg de espinafre. Desta

forma a carne vermelha assume vital importância em populações subnutridas onde a anemia é comum (Huerta-Leidenz, 1994).

c.- Os hidrocarbonetos policíclicos e as aminas heterocíclicas relacionados ao câncer, são produzidos principalmente a partir do processo de cocção com carvão. Tanto o frango na brasa, como a carne assada desta forma ou qualquer outro alimento protéico, forma compostos mutagênicos por

*Muitos pensam que
as gorduras de origem
animal, como são
saturadas, são daninhas*

influência do calor (Luchiari Filho, 1999).

d.- A carne vermelha contém colesterol - que não é gordura e sim um esterol - em quantidade moderada (70 - 90mg/100g). A relação entre colesterol ingerido e circulante é de pouca importância para as pessoas que não têm taxas elevadas de colesterol (Luchiari Filho, 1999).

e.- O colesterol presente na carne bovina, suína ou de aves é semelhante e inferior do da carne de búfalo (Vale, 1999, 2000).

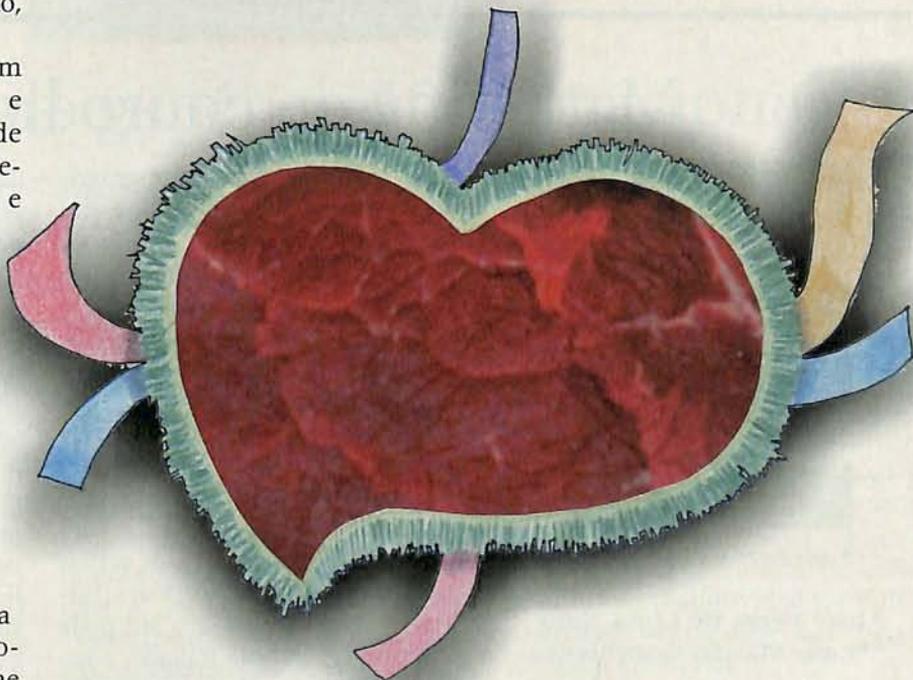
f.- Proteína não é sinônimo de gordura. A proteína da carne vermelha contém somente 2 a 3% de gordura na sua composição (intramuscular) sobretudo quando se trata de carne magra.

g.- Muitos pensam que as gorduras de origem animal, como são saturadas, são daninhas e os óleos vegetais por conterem gorduras insaturadas são benéficos, quando na realidade em ambos os casos trata-se de uma mistura de ácidos graxos dos dois tipos, onde pode predominar um ou outro tipo de ácido dependendo do tipo de lipídio e não da origem vegetal ou animal (Huerta-Leidenz, 1994).

h.- As dietas exclusivas de frutas e vegetais têm vantagens, porém também trazem riscos para a saúde e devem ter acompanhamento médico por causa de possíveis desequilíbrios. Uma dieta equilibrada entre frutas, verduras e carne pode trazer mais benefícios que uma dieta exclusivamente vegetariana sem os riscos colaterais desta (Barbero, 1998).

i.- Barbero (1998), cirurgião cardiovascular, professor da USP, cita vários autores quando comenta a relação da carne vermelha com os acidentes cardiovasculares.

"A carne magra não aumenta o colesterol quando adicionada à di-



eta." O'Brien, Am. J. Clin. Nutr., 1980 Scott et al., Nut. Metab. Cardiovasc. Dis., 1991.

"A ingestão de carne magra, pode levar até a uma redução de 5% do colesterol sérico." Kestin et al., J. Clin. Nutr., 1989.

"O aumento de colesterol se deve à ingestão de carne gorda." Morgan et al., J. Am. Diet Assoc., 1993; O'Dea et al., Am. J. Clin. Nutr. 1990.

"Em adolescentes a ingestão de 180g de carne magra por dia é recomendável como estratégia para a aquisição dos nutrientes necessários." Niklas T. et al., The Bogalusa Heart Study J. Am. Diet Assoc. 1995.

Concluindo, Barbero afirma: "o problema da carne vermelha não é a sua composição e sim a quantidade que ingerimos."

O marketing da carne deve ter estratégias definidas, simultâneas e interativas: uma racional orientada para a imprensa e os formadores de opinião e outra emocional mais adequada à mídia televisiva.

Embora a doença da vaca louca tenha trazido enormes perdas para todo o setor da carne vermelha, sobretudo na Europa, esta crise deixou clara a necessidade de pesquisa científica para garantir a segurança do produto, sua inocuidade higiênico-sanitária e a elaboração de sistemas eficazes de rastreabilidade (Huerta-Leidenz, 2000; Smith et al. 2000).

Com uma séria reestruturação, o setor estará apto para enfrentar o seu maior concorrente que hoje sem dúvida é o frango.

Nesta linha de pensamento a ABCZ participará ativamente para induzir a formação de parcerias de agregação de valor ao produto carne, integração da cadeia produtiva e criar sistemas de rastreabilidade que permitam ao Brasil adaptar-se às novas exigências da comunidade internacional.

* Nelson Pineda, proprietário da Fazenda Paredão, em Oriente(SP), é diretor da ABCZ. pineda@mii.zaz.com.br

Marketing do couro bovino



* José Peres de Lima Neto

* José Peres de Lima Neto

** Caio Márcio Gonçalves

Desde os tempos de colônia, somos conhecidos exportadores de couro. Contamos com mais de 50 países de destino para o nosso couro. Na última década, a balança comercial brasileira foi fortalecida com uma média anual de US\$ 1,8 bilhão pelo setor de couro e calçados. Falamos aqui de produtos que variam desde o couro no início do processo de acabamento até produtos agregados — calçados e acessórios. Fiquemos atentos aos mercados crescentes de couro acabado: a indústria moveleira e a indústria automobilística.

Após o abate, o primeiro estágio do couro é o "fresco". O nível seguinte é o "salgado", evoluindo para "piquelado" (despelado), "wet-blue" (pré-curtido), semi-acabado e acabado. Há, basicamente, duas tecnologias de curtimento: tanino (vegetal ou sintético) e cromo. Entre os estágios "fresco" e "piquelado", o couro é negociado por peça. Após o estágio "wet-blue", é negociado por m².

Exportamos 16,6 milhões de couros em 1998 (pouco mais da metade do abate bovino anual). Nossos principais concorrentes são os Estados Unidos e a Itália. Na-

quele mesmo ano, os norte-americanos abateram 36,3 milhões de cabeças e exportaram 20 milhões de couros. Mas os italianos abateram 4,4 milhões de cabeças e exportaram 3,2 milhões de couros. Estamos tratando de produto de alto valor agregado. Naquele ano, os italianos importaram 63,4 milhões de couros. É aí que aparecemos, exportando couro sem acabamento ou em estágio inicial de agregação de valor para os italianos. Segundo o site "Ruralbusiness", Mato Grosso do Sul pode sustentar o mercado italiano, sozinho. Podemos melhorar nossa atuação e agregar valor à nossa produção. Segundo dados do Ministério da Agricultura e Pecuária, entre 1999 e maio deste ano, houve um aumento nas exportações em estágios "wet-blue" e semi-acabado, bem como uma queda nas exportações de couros acabados.

O couro é responsável por 9% do valor do boi em pé. Frigoríficos brasileiros pagam algo entre US\$ 25 e US\$ 30. Nos EUA, a peça é vendida entre US\$ 50 e US\$ 60, porque 5% dos couros apresentam defeitos presentes em 93% do couro brasileiro. Os defeitos são:

- * Marcas de fogo (áreas nobres);
- * Riscos provocados em cercas (arame farpado), farpas de madeira;
- * Degradações causadas por ectoparasitas (berne, carrapatos, sarnas, mosca-do-chifre, etc.);
- * Esfolas precárias; e
- * Peles mal conservadas após abate.

A diferença entre a remuneração de uma peça de couro nos EUA e no Brasil equivale a, aproximadamente, 1,5 arroba. Será que um aumento de 9% na remuneração por animal não seria uma grande conquista para o setor? Mais ain-

da, uma peça de couro de boa qualidade pode ser transformada em 25 pares de sapatos, vendidos no mercado internacional por US\$ 350. Isso ajudará a economia brasileira, gerando empregos, recolhimentos fiscais e superávit comercial.

Podemos intervir em três frentes para melhorar a situação. Primeiro, ao implementar ações de melhoria da qualidade de nosso produto. Depois, melhorar a remuneração para o couro pelos frigoríficos. Como os demais agentes da cadeia produtiva não podem ficar esquecidos, concomitantemente, devemos apresentar um pleito de incentivo às atividades industriais do couro brasileiro.

Já está implementado o Programa Brasileiro de Melhoria da Matéria-Prima-Couro Cru, para tipificar os produtos e dar estabilidade ao setor. Resta-nos atacar as causas dos defeitos acima citados. Devemos adotar práticas de controle mais modernas, como brincos, tatuagem nas orelhas, e em última instância, marcas a fogo inferiores a onze centímetros de diâmetro, abaixo das articulações e na cara, somente. A boa manutenção de cercas (de arame liso), dos currais e dos caminhões de transporte aos frigoríficos contribui para menos riscos. O combate aos ectoparasitas enobrece ainda mais o couro. Um manejo adequado das pastagens, somado a cuidados no transporte e no desembarque, coroa os esforços iniciais dos produtores, além de credenciá-los para a exigência de uma melhor remuneração pelo couro de seus animais.

* José P. Lima Neto é professor da Universidade de Uberaba. ** Caio M. Gonçalves é professor da Universidade de Uberaba e empresário rural.

Dez anos de genética 100% nacional

Parece redundância falar que a pecuária brasileira vive um momento positivo. Mas, por mais óbvio que a afirmação possa parecer, o setor que mais cresce na balança comercial do país ainda é capaz de surpreender. Desde que o governo canadense insinuou que o rebanho brasileiro estaria contaminado com a doença da "vaca louca", as projeções mais otimistas para os negócios ligados à pecuária no país foram superadas. A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) apresenta um dado que registra o crescimento da pecuária no Produto Interno Bruto do agronegócio. No primeiro semestre de 2001, o crescimento foi de 1,85%, enquanto a agricultura sofreu queda de 0,59%.

Outro indicativo de crescimento incontestável do setor foi registrado em maio deste ano durante a Expozebu, em Uberaba (MG). Os 26 leilões oficializados da mostra

renderam um montante de R\$ 24,5 milhões. Quando nada mais parecia surpreender na área, eis que durante o Leilão JM, realizado em Garça (SP) um embrião da **Essência** (comercializado logo após o remate na Expozebu) foi vendido por R\$ 238 mil ao grupo Boi Gordo.

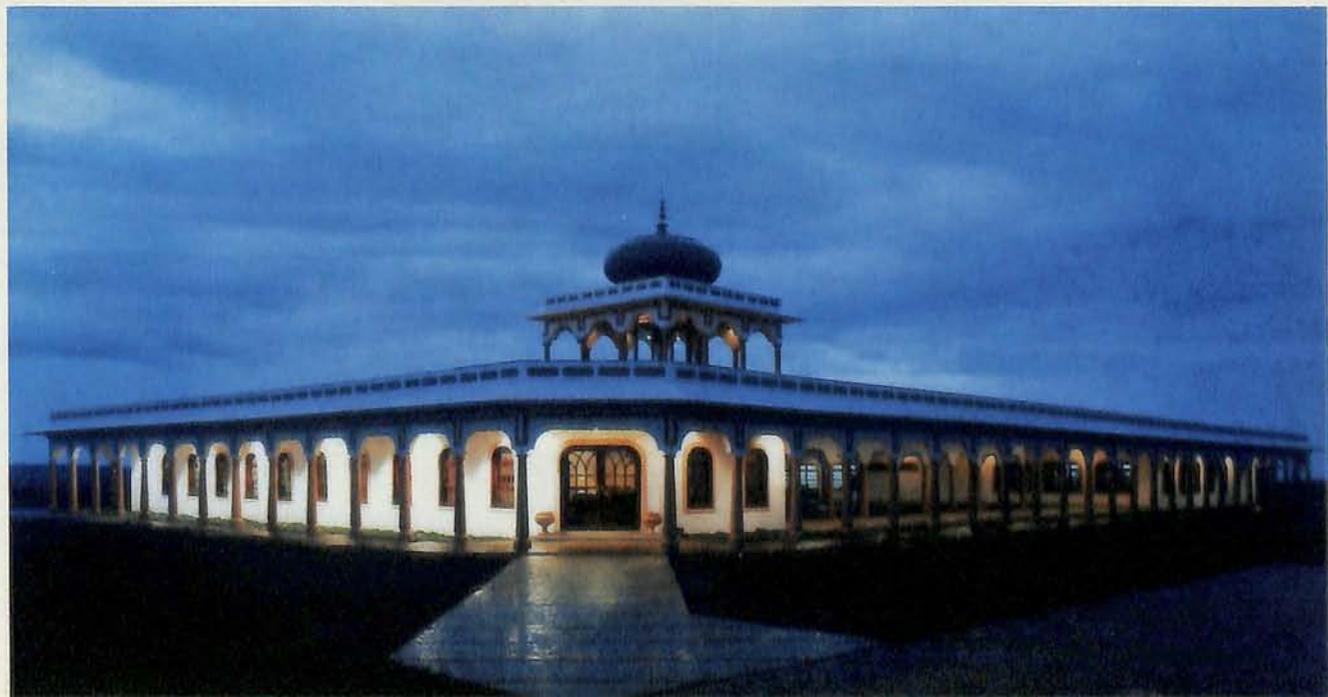
Em um contexto tão favorável à pecuária e ao mercado de sêmen, embriões e inseminação artificial, uma das maiores empresas do ramo no Brasil, a Nova Índia Genética, localizada em Uberaba (MG), completa dez anos de existência. Com 100% de capital nacional, a central mantém diversos programas voltados para o melhoramento genético, entre eles: Programa Touro Jovem, Programa Gir 2000 e Método Shiva que revolucionou o ensino de inseminação artificial.

Mais de 90% do movimento financeiro da empresa giram em torno do zebu. "A Nova Índia é uma

empresa altamente tecnicizada e diversificada. Não trabalha somente com inseminação artificial e transferência de embriões, mas, o mais importante é que mais de 90% de seu movimento são direcionados ao zebu", ressaltou Rômulo Kardec de Camargos, ex-presidente da ABCZ.

A Nova Índia promove anualmente dois leilões de embriões e um forte trabalho na transferência de embriões. Possui uma cocheira que faz campeões, tanto em pista quanto em produtividade. Muitos campeões nacionais das raças zebuínas saíram de lá.

"Nós ficamos mais velhos, mas a Nova Índia só amadureceu, cresceu, deu frutos e comanda parcela importante da genética zebuína do país. Mas, tem que ser cobrada, pois tem tanta coisa boa lá dentro que vai pagar, com juros, devolvendo o crédito que reuniu na pecuária", disse o também ex-presidente João Gilberto Rodrigues da Cunha.



Nova Índia Genética, uma das principais centrais de inseminação artificial do Brasil; das grandes, a única empresa 100% nacional





Griffe ABCZ



Griffe ABCZ

*Shopping Uberaba e Sede ABCZ
Uberaba MG*

Noisete de boeuf ao alho e funghi

* Alberto Sternick



Bufett Michel
(34) 3313-3353

Ingredientes

1 quilo de filé mignon
50 gr de funghi
Molho roti
Molho beurre d'escargot
sal - pimenta do reino -man-
teiga - óleo

Preparo:

1. Cortar o filé em cubos de três por três centímetros.
2. Fazer o molho roti :
Colocar em um tabuleiro amanteigado as aparas do filé, sal, pimenta, cebola, cenoura, aipo, bouquet garni.
Pôr vinho tinto, um pouco de manteiga derretida.
Assar por uma hora e meia, coar. Conservar na geladeira.
3. Fazer o beurre :
Misturar 100 gr de manteiga, meia cebola ralada, 2 dentes de

alho espremido, 1 colher de salsa picadinha, pitada de pimenta e outra de 4 epices, misturar bem, provar, acertar o tempero.

4. Pôr o funghi de molho em água quente ou no vinho, por 30 minutos, escorrer e picar.

5. Dourar os cubos de filé na manteiga, temperando com sal e pimenta. Reservar em local aquecido.

Fazer o deglacê com o molho roti, acrescentar o funghi e a beurre d'escargot. Esquentar, e se preciso engrossar com um pouco de maizena dissolvida em água.

Servir com arroz branco ou pomme dauphine.

Glossário

* Noisete - em forma de, do tamanho de nozes

* boeuf - carne bovina

* roti - é o molho feito no forno (roti = assado), com aparas de carne, vegetais e vinho. É muito usado para pratos de carne.

* beurre d'escargot - molho feito de manteiga (beurre), geralmente usado quando se come escargot (caramujo)

* bouquet garni - conjunto de especiarias verdes

* epices - especiarias

* funghi - espécie de cogumelo

* Alberto Sternick, engenheiro-civil, é ex-presidente do Clube Gourmet de Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte. Pedidos de receita ou indicações de restaurantes, pelo e-mail albertosternick@uol.com.br



• **Fotografar seu gado ou fazenda** Rubens Sales (Rubinho) fotógrafo profissional especializado em fotografias de animais de elite para anúncios em revistas especializadas e catálogos. Fone: (34) 9994-0164 - 3333-5641

• **Novilhas, Matrizes** e reprodutores gir leiteiro Fazenda Nova Estiva, cria e seleciona gir ("Aqui o gir é leiteiro") com controle leiteiro oficial ABCZ/Embrapa. Temos à venda matrizes e novilhas com controle leiteiro oficial e reprodutores com ascendência leiteira. Venha e conheça os nossos animais. www.br.pvet.br/novaestiva Telefone: (016)3729.3870 E-mail: rbpinheiro@hotmail.com

• **Moreira Pena Abecedário e jogos de números** (em aço inox e ferro comum – conforme padrão do SRGRZ). **Tinta para tatuador**, letras e marcas avulsas, sacolas para marcas. Antônio Moreira. Uberaba(MG). (034) 3313-4390; 9972-0086

• **Vende-se** afiadores de faca EZ Sharpener e outros produtos do gênero. **Carlúcio. Uberaba (034) 3336-6915; 9972-2017**

• **Ponto de Negócios.** compra e venda de bovinos para abate com representação de frigoríficos. Comércio de gado para cria, recria e engorda. Compras à vista e a prazo. Telefone: 0**343312-0314 e 99780088

• **Pônei** e mini pônei de diversas pelagens para lazer e criação. Telefone: (034) 3312-0314 e 99780088

• **Curso de confinamento** a Land Camp Tours oferece cursos de confinamento de gado, realizados em Amarillo-Texas, o maior centro de pecuária dos Estados Unidos.

www.landcamp.com.br telefone: 19 3256 3486 Fax: 19 3256 3486 E-mail: jhawk64@mpc.com.br

• **Nelore RKC** tourinhos e novilhas de qualidade, filhos de campeões, por ins. art., participantes do PMGZ ABCZ. Uberaba. Rômulo Kardec de Camargos. (34) 3312-4333. Fazenda Ouro Verde, c/ José Antônio - (34) 9972-8788.

• **Girolando RKC** – novilhas registradas nos graus de ½ sangue e ¾ de sangue, com prenhez positiva ou vazias para receptoras. Uberaba. Rômulo Kardec de Camargos (34) 3312-4333. Fazenda Linda Flora, c/ José Antônio – (34) 9972-8788

• **Sêmen gado simental** campeões internacionais 50.00 dólares - sêmen e embriões dos campeões nacionais dos EUA gado simental criado a campo com ganho de peso 600 kilos em 12 meses especialista disponível para consulta do melhoramento do seu gado. Telefone: 407 5215937 Fax: 4075215937 E-mail: Molinari_import_export@hotmail.com

• **Sêmen Jaipur** RGD A5559 vende-se ou troca-se sêmen do touro Jaipur-A5559-filho de Marajá-A1648 e Cora I-F8520 Touro POI fechado na linhagem Taj Mahal. Henrique Martins Gomes (062)444 1011 (062)-99662011 email: faz.matazul@netmaxi.com.br

• **Controller de propriedade rural** faça da sua propriedade rural uma empresa, estabelecendo métodos e tecnologia compatíveis com a atividade vislumbrando lucros. Com experiência no campo há doze anos, estou apto a assumir um cargo para tal finalidade, sendo que concluí o curso de Economia em novembro de 2000. Telefone: (14)

-68223928 E-mail: econed@bol.com.br - Edgar

• **Sêmen nelore** vendo sêmen do Ludy (30 doses) e do Gim (100) doses com nota. Informações Telefone: 65-5315041 E-mail: jpmaues@terra.com.br João

• **Touros Nelore** Reprodutores R\$ 1.000 - Necessito vender touros nelores reprodutores. Aproximadamente 1000 cabeças. E-mail: jmacarrao@bol.com.br

• **Agrolida = Experiência.** Consultoria e assessoria de técnicos especializados em pecuária de corte, melhoramento do nelore e agricultura sustentável pelo plantio direto. Consultor Engº Fernando P. Cardoso (fundador e ex-presidente da Manah), telefone: (11) 3064-8776 agrolida@ig.com.br

• **Identifique seu rebanho** Jogos de números - Abecedário, Tintas para tatuador - Tatuadores, marcas e letras avulsas - 100% Inox Fone (034) 9972-0086 - Telefax (034) 3313-4390

• **Novo site Balanças Açores** <http://www.balancasacores.com.br> Conheça o tronco metálico móvel, curral metálico móvel, creep feeding, embarcadouro e nossos demais produtos: balanças para bovinos, suínos, rodoviárias, industriais, rodoferroviárias, ferroviárias, balança eletrônica de barras, roçadeiras de arrasto. BALANÇAS AÇÓRES a garantia da marca. fone/fax: (43)254-1331

• **Administrador rural e inseminador.** Oferece para trabalhar na região ou em qualquer parte do país. Evanhe Ruvier. Uberaba (34) 9968-9705

• Compra e venda de **bovinos para abate.** Representação de fri-

goríficos. Comércio de gado para cria/recria e engorda. Compras à vista e a prazo. Galeria De Ville. Uberaba (MG). (34) 3312-0314 e 9978-0088.

• **Zootecnista autônomo**, credenciado ABCZ/ACNB para todas as raças zebuínas. Organizador de exposições e leiloeiro rural. Odilmar da Silva Vargas. Caldas Novas (GO). (62) 9983-9801. Fax: (62) 453-3340 e 453-1868.

• **Mangalarga marchador**, prontos para enduros, cavalgadas, etc. **Éguas, potras e potros** para

cria. João Carlos. Uberaba. (34)332-1771/972-5522.e-mail: jresende@mednet.com.br

• **Seleção** nelore padrão e mocho. Tourinhos nelore PO da mais alta genética desenvolvida pela Montreal Agrop. Ltda. Fazenda Promissão. Uberaba. Fábio Majella (034) 359-0777 ou 972-2866

• **Vende-se alfafa e aveia**, direto do produtor para todo p brasil. Fazenda Cappi - bandeiranyes - PR. Contactar Flávia ou Agnaldo Cappi (43) 542-3195

• **Procuo parceiros para**

confinamento de gado. Fazenda em Rib. Preto para 600 cabeças, agua em abundância três nascen-tes e duas represas. Sandro Silveira (016) 9993-1528.

Anuncie, aqui, de graça. Os textos podem ser enviados pelo email

abczaim@abcz.org.br

NOVOS SÓCIOS

ABEC - Ass., Bras. de Educ. e Cult. n° 11778
Santo Antônio da Alegria - SP

Agropastoril Ceres Ltda n° 11896
Campo Grande - MS

Agropecuária Takano Ltda n° 11845
Barra do Garças - MT

Agropec. Vale do Mutum Ltda n° 11311
Imperatriz - MA

Agropecuária Vitória Régia S/A n° 11752
Altamira - PA

Altamirano Pereira da Rocha n° 733
Belo Horizonte - MG

Ana Cristina de Oliveira Lima n° 11832
Presidente Prudente - SP

Anselmo Guedes Silva n° 11801
Teófilo Otoni - MG

Antonio Augusto Pacheco n° 11852
Catalão - GO

Antônio Carlos Pires de Araújo n° 11755
Brasília - DF

Antônio Herminio da Silva Serpa n° 714
Rio de Janeiro - RJ

Antônio Machado Fernandes n° 11881
Palmas - TO

Antonio Malvazo de Moura n° 11899
Campo Grande - MS

Archimedes Ferreira Filho n° 717
Paragominas - PA

Arnaldo Vilela Martins n° 11860
Ituiutaba - MG

Assoc. Prod. Rurais de V. Alegre n° 11870
Cáceres - MT

Beatriz C. Caçado Cardoso n° 11842
Belo Horizonte - MG

Benone Soares de Queiroz Júnior n° 731
36. Penápolis - SP

Beny Maria Verdi Haddad n° 11848
São José do Rio Preto - SP

Bruno Moraes Amorim da Cruz n° 11911
Salvador - BA

Caio Márcio Barbosa Barra n° 11903
Belo Horizonte - MG

Carlos Alberto Cesar Oliva n° 11910
Campo Grande - MS

Carlos Dalla Bernardina n° 11875
Serra - ES

Carlos Henrique Pinto Fadel n° 725
Ibiporã - PR

Cezar Augusto Ghizzi n° 11856
Itararé - SP

Constantino José Giansante n° 11914
Ibitinga - SP

Danilo de Andrade Machado n° 724
Borda da Mata - MG

Danilo Rodrigues Fraga n° 11821
Nanuque - MG

Dário Honório Martins Almirão n° 730
Ponta Porã - MS

Deosvaldo Ribeiro de Souza n° 709
Presidente Prudente - SP

Dirceu Sanches Zamora n° 11844
Rio Branco - AC

Donald Peter Graber n° 708
Campinas - SP

Edson Pereira dos Santos n° 11886
Recife - PE

Eduardo Arteiro Marcondes n° 734
Dourados - MS

Eduardo Corrêa da Silva Ometto n° 11917
Ribeirão Preto - SP

Eliezer de Carozo Filho n° 11760
Ibicui - BA

Emílio da Maia de Castro n° 11916
Goiânia - GO

Ernesto Christóforo de Andrade n° 11900
Belo Horizonte - MG

Evaldo Cornacini n° 11884
Mirassol D'Oeste - MT

Evandro Filardi Alves n° 11915
Correntina - BA

Faz. Reunidas Boi Gordo S/A n° 11839
Itapetininga - SP

Ferreira e Andraschko Ltda n° 11918
Goiânia - GO

Flávio Barbosa da Silva Resende n° 11905
Nova Lima - MG

Francisco T. Sant'anna Jardim n° 11882
Palmas - TO

Gabriel D.Vilela Carvalho e Cond. n° 718
Botelhos - MG

Gabriel Sidney de T. Menezes n° 686
92. Maringá - PR

Genebalde Moreira de Macedo n° 11907
Feira de Santana - BA

Gisele Remy R. da Cunha n° 11855
Uberaba - MG

- HB Agropecuária Ltda n° 11847**
São Carlos - SP
- Humberto Luciano M. Prata n° 11769**
Dom Elizeu - PA
- Idon Partic. e Empreend. Ltda n° 11877**
Imperatriz - MA
- Isaac Suzart Gomes n° 727**
Feira de Santana - BA
- Jamil Manoel Leal n° 11793**
Dois Vizinhos - PR
- Jamir José Signori n° 11893**
Amambaí - MS
- João Corrêa Pinheiro Filho n° 735**
São Paulo - SP
- João de Lima Géo Filho n° 11864**
Belo Horizonte - MG
- João Paulo C. Mendonça e Cond. n° 11846**
Uberaba - MG
- Joaquim Carlos Lacerda n° 728**
Santa Helena de Goiás - GO
- José Antônio Felício n° 11895**
Campo Grande - MS
- José Beretens Ventura n° 11380**
Morada Nova de Minas-MG
- José Borelli Neto n° 726**
São Paulo - SP
- José Gomes de Araújo n° 11862**
Marabá - PA
- José Marinaldo Mota n° 11878**
Salvador - BA
- José Miranda de Castro n° 11906**
Sinop - MT
- José Nelson de Araújo n° 721**
Capanema - PA
- José Netto Marcucci n° 11865**
Mirassol D' oeste - MT
- José Osvaldo R. de Carvalho n° 11866**
Goiânia - GO
- José Paulo Umbelino n° 11892**
Goiânia - GO
- José Ricardo Fonseca Migliorini n° 11792**
Uberlândia - MG
- Jossivani de Oliveira n° 11817**
Goiânia - GO
- Júlio Cesar Ferraz n° 11859**
Wenceslau Braz - PR
- Júlio Sérgio de Melo n° 11889**
Porangatu - GO
- Lázaro dos Santos n° 11851**
Dourados - MS
- Leandra Domicia Ambrosi n° 720**
Sulina - PR
- Leonardo Vaz Peres n° 732**
Campo Grande - MS
- Lindemberg Alvino Aragão n° 711**
Belém - PA
- Luciano de Araújo Ferraz n° 11904**
Belo Horizonte - MG
- Luciano Fadel Ribeiro n° 723**
Franca - SP
- Luciano Garcia Alves n° 11912**
Campo Grande - MS
- Luiz André Cardoso Ledo n° 691**
Guañambi - BA
- Lutz Alfredo F. de Salles Graça n° 11887**
Araputanga - MT
- Luiz Cláudio S. Paranhos Ferreira n° 11857**
Uberaba - MG
- Luiz Guilherme Soares Rodrigues n° 719**
Belém - PA
- Luiz Toshiharu Yoshimura n° 11894**
Campo Grande - MS
- Marcelo Augusto**
- Bastos Ribeiro Gomes n° 11810**
Campos dos Goytacazes - RJ
- Marcos Antônio M. de Souza n° 11898**
Campo Grande - MS
- Marcus Flávio Sant'anna Jardim n° 11883**
Palmas - TO
- Maria de Fátima Garrido Carmel n° 11578**
Salvador - BA
- Maria Tereza F. Alves Ribeiro n° 11897**
Aquidauana - MS
- Marvir Dionísio Slongo n° 707**
Bréu Branco - PA
- Mauro Lúcio Gregório n° 11909**
Belo Horizonte - MG
- Mauro Miguel Francioni n° 729**
São Gabriel do Oeste - MS
- Milton Liso n° 11885**
Guarantã do Norte - MT
- Nicola Costa Júnior n° 11901**
Belo Horizonte - MG
- Nicole Cerqueira Bunning n° 11920**
Três Lagoas - MS
- Norival Gomes n° 11919**
Ribeirão Preto - SP
- Oliveira Ferreira Barbosa n° 11908**
Alta Floresta - MT
- Osvaldo Teixeira de Souza Netto n° 712**
Salvador - BA
- Paiol Agropecuária Ltda n° 11628**
Rio de Janeiro - RJ
- Passarelli Agropecuária Ltda n° 11814**
200. São Paulo - SP
- Paulo César Ribeiro Soutelo n° 736**
Araçaju - SE
- Paulo Germano de Souza n° 11872**
Maracaçumé - MA
- Paulo Heiminger n° 11850**
Itirapina - SP
- Pedro Eloi Scalco n° 11874**
Alecim - RS
- Pedro Wilson Rodrigues da Silva n° 11880**
Rio Branco - AC
- Rafael Saldanha de Camargos n° 11873**
Parauapebas - PA
- Renato Peron Coelho n° 716**
Campo Grande - MG
- Ricardo Amaral Pádua n° 11719**
Ponte e Lacerda - MT
- Rio Vermelho Agroindustrial Ltda n° 11871**
São Paulo - SP
- Roberto Garcia Alves n° 713**
Chapada dos Guimarães - MT
- Romeu Pereira de Rezende n° 655**
Belo Horizonte - MG
- Rômulo José Macedo n° 11891**
Rio Verde - GO
- Rubens de A. Carvalho Neto n° 11913**
Campo Grande - MS
- Rubens Oliveira da Cunha n° 11756**
Quirinópolis - GO
- Rural Agroinvest S/A n° 11841**
Belo Horizonte - MG
- Sandra Cristina de Ávila n° 710**
Castanhal - PA
- Sandra Maria Regatos Lirio n° 11853**
Belo Horizonte - MG
- Santo Ernani - Agropec. Ltda n° 11840**
Itapira - SP
- Saudibras Agrop. Empr. Rep. Ltda n° 11863**
São Paulo - SP
- Takao Hoshino n° 11858**
Itapetininga - SP
- Tancredo Sá Antunes Mourão n° 11879**
Nanuque - MG
- Vanderval de Araújo n° 11797**
Araguaína - TO
- Verton Silva Marques n° 715**
Araputanga - MT
- Viviane Becker Amaral Nunes n° 11753**
Brasília - DF
- Walimir Maciel n° 11869**
Mirassol - SP

Fonte: Secretaria da ABCZ

Histórias de Tiãozinho Cunha

A influência do aleitamento materno no indivíduo. Nem Freud explica

Chegou numa festa, viu uma reunião de pessoas dando risadas a gosto, tenha certeza de uma coisa, Tiãozinho Cunha está por lá.

Como bom triangulino é devoto de Nossa Senhora da Abadia e foram várias as vezes que cumpriu o percurso de sua cidade até Água Suja, hoje Romaria, para a festa da Santa. De mudança para Goiás, mais próximo ficou do vilarejo de Muquém, que também a reverencia em 15 de agosto.

Este ano, tive a satisfação de acompanhá-lo à festa religiosa de sua devoção onde a invasão dos produtos paraguaios, no seu entendimento, descaracterizou o evento. Mas, nem por isso, deixou por menos. Bastou um empurrãozinho e ele saiu com essa:

Um rapaz no interior de Goiás, de família pobre, todavia muito decente, com o sonho de ser motorista de caminhão, conheceu Dalísia, moça bonita, da Congregação de Maria, conhecida por Dazinha. Como todo rapaz, namorou, noivou e casou.



Miguel, um amigo de infância, colocou em sua cabeça que deixar a família no Brasil e ir para a América colher maçãs na região de Carolina do Norte, dentro de pouco tempo voltaria financeiramente realizado. Era a oportunidade de comprar um caminhão novo e rodar entregando cargas pelo país. E lá se vão eles.

Depois de aproximadamente dois anos, estão de volta, sorridentes, com o dinheiro necessário para realizar seus sonhos. Somente uma coisa o marido de Dazinha não contava: a surpresa que o esperava.

Tão logo desceu da jardineira na rodoviária, correu para casa. Lá estava Dazinha com um rebento no colo. Abraçou a mulher, beijou o filho, falou de suas dificuldades, e do dinheiro que haviam economizado. Era o bastante para realizar o sonho de ambos: comprar um caminhão e uma casa. A visita à mãe ficou para o dia seguinte.

Ao acordar bem cedo, escovar os dentes e tomar o café, foi até o quarto dar a benção ao herdeiro. Ao debruçar sobre o berço e observar o sono tranquilo da criança, deparou-se com uma surpresa: o menino tinha cara de japonês.

Desconfiado, chegou próximo a Dazinha e perguntou:

—Bem, que idade tem nosso filho?

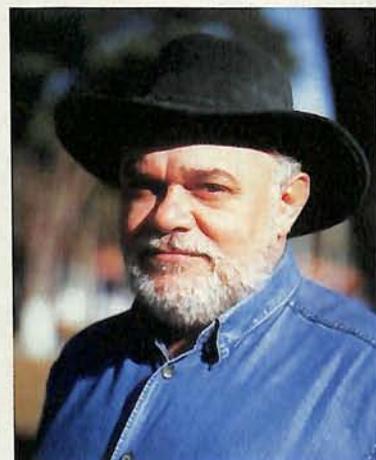
—Faz um aninho o mês que vem. É lindo não é?

—É, mas...

—É mas o quê? Fala Homem!

—Ele tem cara de japonês.

—Isso é fácil de explicar. Ocorreu que no início da amamentação meu leite secou, fui obrigada a ar-



* Luiz Humberto Carrião

ranjar uma mãe de leite e a única existente aqui era a mulher do japonês do verdurão. Por isso ficou assim.

—Ah! Bom. Perdão, cheguei pensar bobagem!

—Que isso? Ficou doido?

Desconfiado, cabisbaixo, saiu em direção à casa de sua mãe que ao bater os olhos no filho viu que algo estava errado e perguntou:

—Que foi filho, que tristeza é essa?

Ao terminar de narrar o acontecido, voltou-se para a mãe e disse:

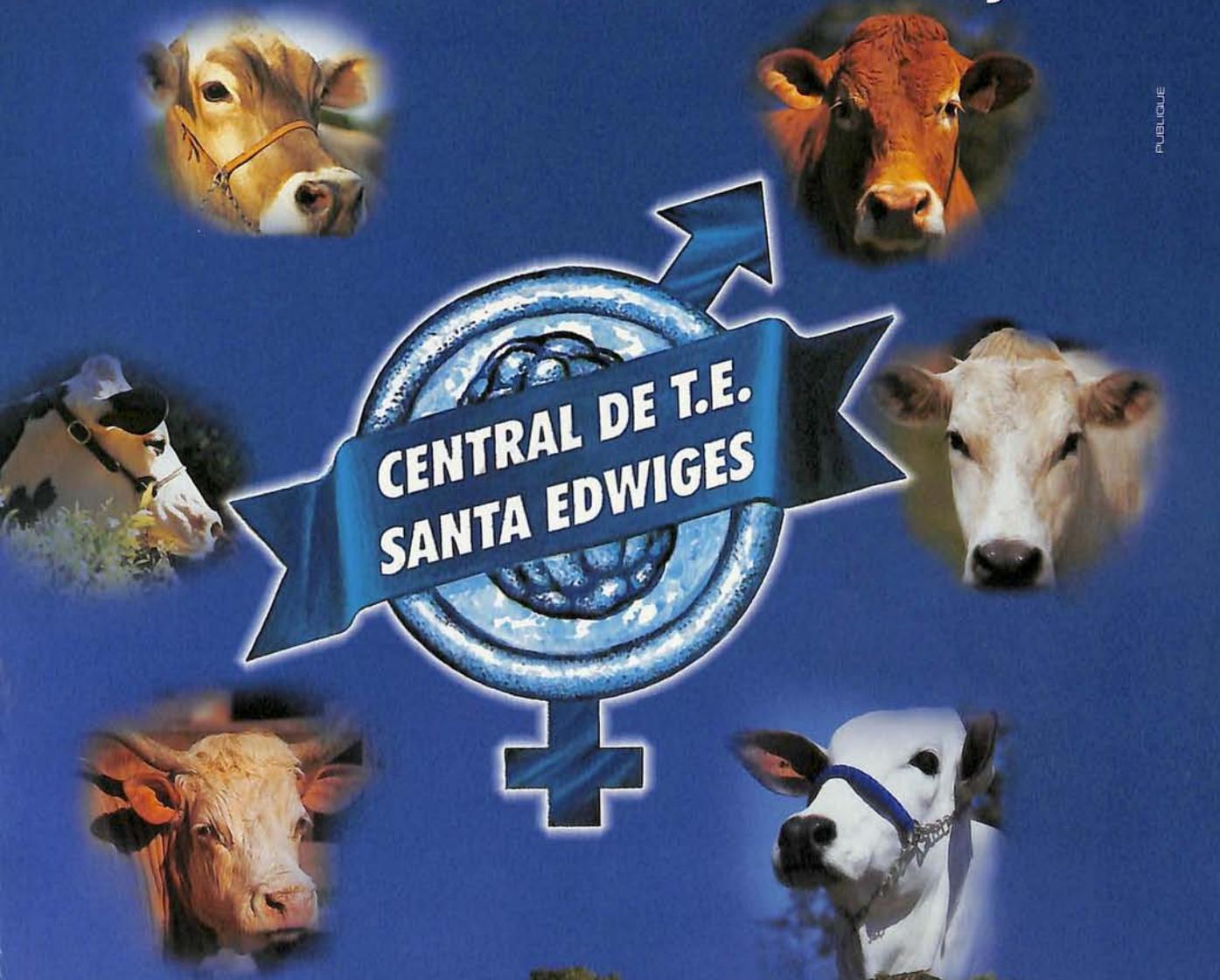
—A senhora acredita nessa história?

—Como não! O mesmo aconteceu comigo quando você nasceu, só que ao invés de arrumar como mãe de leite uma japonesa, seu pai o colocou a mamar nas tetas de uma vaca gir.

* Luiz Humberto Carrião, professor em Goiânia, é diretor da ABCZ.

A MELHOR GENÉTICA PARA TODAS AS RAÇAS

PUBLIQUE



Estrada de São Tomé, 14 • Bairro Santa Isabel • São Gonçalo - RJ • CEP 24735-710
Telefax: (21) 2601.7979 / 2701.0188 • www ldc.com.br/santaedwiges
e-mail: edwiges@domain.com.br

BRAHMAN é PILAR - AAAA

Programação Genética por Computador: sempre em busca de rendimento, sempre para satisfação de nossos clientes.



"MISTER BIFE" **MR PILAR POI 226**



CAMPEÃO TOURO JOVEM - EXPOZEBU 2001

Aos 365 dias: 517 kg / Aos 550 dias: 703 kg (Dados Oficiais ABCZ)
Aos 23 meses - Alt. Posterior 152 cm (+1) / Comp. Corporal: 165 cm (+3)
Perímetro Torácico: 213 cm (+1) / C. Escrotal 38 cm (+3) - A.O. de Lombo: 99 cm
(Dados oficiais / Expozebu 2001)

Herdabilidade para peso aos 365 e 550 dias, são dois dos mais confiáveis indicadores do que um touro de corte irá passar à sua progênie.
Em foto aos 224 dias ou nas idades padrão, "MR. BIFE" mostra o que passará a seus filhos em precocidade e musculatura.

BRAHMAN, nasceu para ser comparado!



BRAHMAN PILAR, mostrando nas pistas hoje, o que nossos clientes produzirão amanhã!

FAZENDA PILAR: Tels/Fax: (11) 5538.3971 / (21) 2535.5226

www.brahmanpilar.com

sergio@brahmanpilar.com.br